

*Abbé A. Monnin*



*Espírito do Cura  
d'Ars*

***Transcrição do Original de 1959***

**ABBÉ A. MONNIN**

**ESPÍRITO DO CURA D'ARS**

**NOS SEUS CATECISMOS, HOMILIAS E CONVERSAÇÃO**

Vena Vitae os justi...  
(Prov 10, 15).  
A boca do justo é  
uma fonte de vida

Tradução de Lula Leal Ferreira

III EDIÇÃO

1959

EDITORA VOZES LIMITADA  
PETRÓPOLIS RJ

Fonte:  
alexandriacatolica

Nihil Obstat. Petropoli. die 4 mai anni MCMXXXVII  
Fr. Fridericus Viver, O.F.M.  
Censor

---

IMPRIMATUR

POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO. E REVMO.

SR. DOM MANUEL PEDRO DA CUNHA CINTRA,

BISPO DE PETRÓPOLIS.

FREI DESIDÉRIO KALVER-KAMP, O.F.M. PETRÓPOLIS, 2-VI-1959.

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

## PEQUENO PREFÁCIO DO AUTOR

Caras almas:

É porque vos amava que o Cura d'Ars tão bem falou do Céu, que é a pátria das almas; de Deus, que lhes é o Pai; de Nosso Senhor Jesus Cristo, que lhes é o Salvador e o Amigo.

Fostes, caras almas, toda a poesia do Cura d'Ars, toda a sua eloquência, toda a sua doutrina. Reproduzindo-vos a palavra dele, dou-vos o que é vosso.

Este livro é um relicário em que reuni inestimáveis tesouros, dispersos como relíquias desconhecidas, em breve perdidas talvez...

Seja-me permitido dizer-vos, irmãos, bem amados, que pus em desempenhar esta piedosa tarefa o que de melhor há em mim: amor, respeito, consciência, cuidado escrupuloso em não deixar perder nada, desejo sincero de vos ser útil.

Se achastes o P. Vianney na sua biografia, melhor ainda o achareis nestas páginas em que ele difundiu o seu espírito sem que eu tivesse de lhe misturar o meu.

A verdadeira palavra, bem o sei, é a palavra viva.

Mas, assim como sentis sobre o túmulo de Ars a virtude daquele que nele está encerrado, haveis de sentir também, espero-o, passar o seu hálito nestas palavras arrefecidas.

Nosso Senhor dignou-se abençoá-las nos lábios do Cura d'Ars para a salvação de grande número; digne-se ainda abençoá-las sob a minha pena, para o bem de alguns de vós e para a glória eterna de seu Santo Nome!

A. MONNIN

## PARTE I

### O CURA D'ARS NOS SEUS CATECISMOS

#### INTRODUÇÃO

Não há dúvida alguma que, pela pureza do coração, pela inocência ou conservada ou recuperada pela virtude, pela fé e pelo amor de Deus, haja no homem capacidades e recursos de espírito, de corpo e de coração que a maioria não suspeita. É a esta ordem de recursos que pertence isso a que a teologia chama ciência infusa, as virtudes intelectuais inspiradas que difunde no nosso espírito o Verbo Divino, quando habita em nos pela fé e pela caridade. “O que purifica o olhar do coração e o torna apto a se elevar à verdadeira luz, disse uma santa que vivia no século onze num dos místicos mosteiros da Alemanha, é o desprezo dos cuidados do século, a mortificação do corpo, a contrição do coração, o banho das lágrimas... a meditação da admirável essência de Deus e da sua casta verdade, a oração forte e pura, a alegria em Deus, o ardente desejo do Céu. Abraçai tudo isso, acrescenta a santa, e ficai nisso. Avançai para a luz que se oferece a vós como a seus filhos, e desce por si mesma aos vossos corações. Tirai os corações do peito, e dai-os Àquele que vos fala; ele os encherá de esplendores deíficos, e sereis filhos de luz e anjos de Deus”.

A teoria que acabamos de ler parece ter sido calcada na própria vida do Cura d'Ars: não há nela um só traço que o não lembre; um só pormenor que se lhe não harmonize maravilhosamente com a figura! Que homem levou mais longe o *desprezo dos cuidados do século, a mortificação do corpo, o banho de lágrimas?* Estava sempre inundado deste!... E a *meditação da admirável essência de Deus e da sua casta verdade, e a oração forte e pura, a alegria em Deus, o ardente desejo do Céu?* Como tudo isto é característico! *Ele avançara para a luz, e a luz lhe descera por si mesma ao coração... Tirara o coração do peito, dera-o Àquele que lhe falava: e Aquele que lhe falava, que é o Verbo Divino, a palavra de Deus incriada, enchia-o de esplendores deíficos. Quem poderia duvidar disso entre os que tiveram a ventura de assistir a alguns dos catecismos d'Ars, de ouvir aquela palavra estranha que não se parecia com palavra alguma humana; entre*

aqueles que viram o efeito irresistível produzido sobre os ouvintes de toda classe por aquela voz, por aquela sensibilidade, por aquele arroubo, por aquela intuição, por aquela chama e pela esplendorosa beleza daquele francês inculto, quase trivial, porém transfigurado e penetrado do fogo sagrado até na forma, no arranjo, na harmonia das palavras e das sílabas? E, no entanto o imortal catequista não dizia palavras; a verdadeira eloquência está nas coisas; o Cura d'Ars dizia coisas, e dizia-as em estilo prodigioso. Sua alma passava toda à da multidão para fazê-la crer, amar, esperar com ele. É esse o escopo supremo e também o triunfo da eloquência evangélica.

Como é que aquele homem que pensara não ser admitido ao seminário maior por causa da sua ignorância; aquele homem que, desde a iniciação no sacerdócio, não tivera outra ocupação senão a oração e os trabalhos do confessionário, como é que esse homem chegara a fazer dogmática à maneira de um Padre da Igreja? De que foco podiam jorrar aquelas surpreendentes luzes sobre Deus e suas obras, sobre a natureza e a história da alma? Como fazia o Cura d'Ars, para se encontrar no mesmo pensamento, e às vezes nas mesmas expressões, com os mais belos génios cristãos, os Crisóstomos, os Agostinhos, os Bernardos, os Tomazes de Aquino, os Boaventuras, as Catarina de Sena, as Teresas?

Ouvíramos-lhe, por exemplo, muitas vezes dizer que o coração dos santos era *Líquido*. Ficámos impressionados com essa arrebatadora expressão, mas estávamos longe de suspeitar que ela tivesse tamanha precisão teológica. Foi com surpresa enternecida pela lembrança do nosso bom *Santo*, que achamos, folheando a *Suma*, uma questão na qual o Doutor Angélico consigna ao amor quatro efeitos imediatos, o primeiro dos quais é a *Liquefação* do coração. Por certo, o Padre Vianney nunca lera S. Tomás; essa noção, literalmente emprestada do grande teólogo, é por isto ainda mais notável. Há razão para nos admirarmos, e o prodígio só carece de explicação para os que ignoram os processos da graça, e que nunca compreenderam estas palavras do Mestre: *Aquilo que ocultastes aos sábios e aos prudentes, quisestes revelá-lo aos pequenos* (Mt 11, 23).

O espírito de Deus comprazera-se em gravar no coração daquele santo Sacerdote tudo o que ele devia saber e ensinar aos outros, e gravara-o tanto melhor quanto mais puro, mais desprendido, mais vazio de vã ciência dos

homens era aquele coração: era como um mármore bem limpo e bem polido que aguarda apenas o buril do operador.

A fé do Cura d'Ars era toda a sua ciência; seu livro era Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele não buscava a sabedoria alhures que em Jesus Cristo, na sua morte e na sua cruz. Não havia para ele outra sabedoria verdadeira, outra sabedoria útil. Não fora na poeira das bibliotecas, nem na escola dos sábios, fora na oração, de joelhos aos pés do Mestre, cobrindo-lhe de lágrimas e de beijos os pés divinos; fora em presença dos santos tabernáculos onde passava os dias e noites, no tempo em que a multidão ainda não lhe tirara a liberdade dos dias e das noites, fora aí que ele aprendera tudo.

Sucedeu muitas vezes às pessoas que o ouviram discorrer sobre o Céu, sobre a humanidade santa de Nosso Senhor, sobre a sua dolorosa paixão, sobre a sua presença real no Santíssimo Sacramento dos nossos altares, sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria, sobre as suas amabilidades e grandezas, sobre a felicidade dos santos, sobre a pureza dos anjos, sobre a beleza das almas, sobre a dignidade do homem, sobre todos aqueles assuntos que lhe eram familiares, sucedeu-lhes saírem daquela prática convencidos de que o bom Padre *via* as coisas de que acabava de falar com tal plenitude de coração, com eloquência tão comovida, com acentos tão apaixonados, com tamanha abundância de lágrimas; e, de facto, a sua palavra impregnava-se então de um caráter de ternura divino, de suave doçura e de unção penetrante, a que nada se pode comparar. Havia-lhe na voz, no gesto, no olhar, no rosto transfigurado, um brilho tão extraordinário, um poder tão maravilhoso, que era impossível ficar frio escutando-o. As vistas e os pensamentos que a luz divina comunica, têm alcance bem diverso dos que se adquirem pelo trabalho. Em presença de exposição tão simples e tão luminosa, ao mesmo tempo, perante certeza tão grande, a dúvida ausentava-se dos corações mais rebeldes, e as admiráveis claridades da fé tomavam-lhe o lugar.

A palavra do Cura d'Ars tinha tanto mais eficácia quanto ele pregava por todo o seu ser. A sua simples presença já era uma aparição da verdade. Era bem dele que se podia fazer que era o *orador dos olhos*, e que teria comovido e convencido até pelo seu silêncio. Quando se via aparecer no

púlpito aquele rosto pálido, ossudo, diáfano; quando se ouvia aquela voz aguda, penetrante, parecida com um grito, lançar à multidão os nossos pensamentos sublimes, debaixo duma aparência ingênua e popular, acreditava-se estar em presença de uma daquelas grandes figuras bíblicas a falar aos homens a língua dos profetas. Já se ficava tomado de respeito, cheio de confiança e disposto a ouvir, não para gozar, mas para aproveitar.

Antes de começar, o venerando catequista passeava sobre o auditório o olhar, que preparava o caminho à palavra. Às vezes esse olhar tornava-se fixo; parecia revolver até ao fundo uma alma que o santo homem entrevira de repente, e na qual se diria que ia buscar o texto da sua prática. Quantos puderam crer que ele só falara para eles! Quantos se reconheceram na pintura que ele fazia das suas fraquezas! Quantos acharam nela a história secreta dos seus desfalecimentos, das suas seduções, dos seus combates, das suas perturbações e remorsos!...

Para aqueles a quem foi dado assistir a estes catecismos, havia duas coisas igualmente notáveis: o pregador e o ouvinte. Não era uma palavra que o pregador fazia ouvir, era mais que uma palavra, era uma alma, uma alma santa, toda embebida de fé e de amor, que se expandia diante de vós, cujo contacto imediato experimentáveis, cuja irradiação sobre vossa alma sentíeis. Quanto ao ouvinte, este não estava mais na terra, era transportado às puras regiões donde descem os dogmas e os mistérios. À medida que o apóstolo falava, novos e claros horizontes se abriam ao pensamento: o Céu e a terra, a vida presente e a vida futura, as coisas do tempo e as coisas da eternidade mostravam-se sob uma luz que ainda se não enxergara.

Quando um homem, vindo do mundo e trazendo-lhe as ideias, os sentimentos, as impressões que nele se respiram, se assentava para ouvir aquela doutrina, ela atordoava-o, transtornava-o... tão pungente desafio lançava ao século e a tudo o que o século crê, ama, admira e preconiza!... Era a princípio vertigem e estupor que ele experimentava; depois o enternecimento ganhava-o pouco a pouco, e ele se surpreendia a chorar como os outros. Que eloquência provbaocou tantas lágrimas? Que palavra penetrou mais fundo nos corações? Ela fazia brecha neles pelo fogo e pela chama: ardia, irradiava, triunfava; fazia melhor do que encantar o espírito, dominava a alma toda e reconduzia-a a Deus, não pela trilha não raro longa

e difícil da discussão, mas pelas sendas da emoção que abreviam e conduzem diretamente ao fim.

Escutava-se o Padre Vianney como a um novo apóstolo que Jesus Cristo enviava à sua Igreja, para renovar nesta a santidade e o fervor do seu divino Espírito, num século cuja corrupção tão profundamente o alterou na alma da maioria dos homens. E é uma grande maravilha que, só propondo, como os apóstolos, uma doutrina incompreensível a razão humana e amaríssima ao gosto depravado do mundo, — pois ele só falava de cruces, de humilhações, de pobreza, de penitência, — essa doutrina fosse tão bem acolhida. Os que ainda não a tinham no coração folgavam de alimentar com ela o espírito. Se não tinham a coragem de fazer dela a regra da sua conduta, não podiam deixar de achá-la admirável e de desejar segui-la.

Não menos notável é que, falando só o seu idioma natural, isto é, o francês pouco castigado da gente do campo, quase se pudesse, entretanto dizer, do Padre Vianney, como dos apóstolos, que ele foi ouvido por todas as nações do mundo, e que a sua voz ecoou por toda a terra. Ele era o oráculo que se ia consultar para aprender a bem conhecer Jesus Cristo. Não só os simples, porém os eruditos, não só os perfeitos, porém os indiferentes experimentavam, não sei que unção divina que os penetrava e os fazia desejar saboreá-la ainda. Quanto mais ouviam, tanto mais queriam ouvi-lo, e voltava-se sempre com amor ao pé daquele púlpito, como a um lugar onde se tivesse achado o belo e a verdade. Nada mostrava melhor que o Cura d'Ars era cheio do Espírito de Deus, único que é maior que o nosso coração: pois, por mais que o escavemos, nunca chegaremos a esgotá-lo, e a divina saciedade que ele dá não faz senão excitar um grande apetite, que nos deixa sempre mais famintos.

O santo Cura falava sem outro trabalho preparatório que a sua contínua aplicação a Deus; passava sem demora e sem transição do confessionário ao púlpito e, todavia, levava a este uma imperturbável segurança, maravilhosa impassibilidade, que absolutamente não nascia da certeza, porém antes do esquecimento completo e absoluto de si próprio. Do resto, não se era tentado a julgá-lo. Os homens ordinariamente só julgam aqueles a quem não é indiferente ser julgado. Tinha-se coisa muito diversa a fazer quando se ouvia o Cura d'Ars: havia que julgar a si próprio.

O Padre Vianney de modo algum se preocupava com o que pudessem dizer ou pensar dele. Qualquer que fosse a composição do seu auditório, ainda que bispos e outros ilustres personagens viessem muitas vezes misturar-se à multidão que lhe cercava o púlpito, Jamais a sua palavra traiu a menor emoção, nem o menor embaraço proveniente de temor humano. Ele, tão tímido e tão modesto, não era mais o mesmo homem quando atravessava as filas cerradas da assistência não raro imponente que enchia a igreja, a hora do catecismo; tinha ele então o ar de um triunfador; trazia a cabeça erguida; o rosto estava iluminado; os olhos desferiam chispas.

“O vosso auditório nunca vos fez medo? Perguntavam-lhe um dia. — Não, respondia ele, ao contrário. Quanto mais gente há, tanto mais contente fico”. E acrescentava para dar o troco: “Os orgulhosos acham sempre que estão fazendo bem”. Houvesse o Papa, os cardeais, os reis ao pé do seu púlpito, e ele não diria nem mais nem menos, só pensando nas almas o só fazendo pensar em Deus. Essa verdadeira dominação oratória supria nele o talento e a retórica; dava às coisas mais simples, saídas daquela boca veneranda, uma majestade singular, e irresistível autoridade.

O que não fortalecia menos os discursos do Padre Vianney era a alta opinião que os peregrinos tinham da sua santidade. “A primeira qualidade do homem chamado à perigosa felicidade de instruir os povos, diz Santo Isidoro, é ser santo e irrepreensível. É preciso que seja alheio ao pecado aquele cuja missão é afastar os outros do pecado; cumpre que pareça em tudo como um modelo de perfeição aquele cuja tarefa é conduzir os outros à perfeição” (Homilias, livro II, de Offic.). No santo catequista de Ars, era a virtude que pregava a verdade. Quando ele falava do amor de Deus, humildade, doçura, paciência, mortificação, sacrifício, pobreza, desejo de sofrimento, os seus exemplos davam um peso imenso às suas palavras. Um homem é bem forte para convencer e persuadir, quando se vê que ele pratica tudo o que ensina.

A forma que empregava o Cura d'Ars não era outra coisa mais que o invólucro mais transparente que tome a ideia, a fim de parecer o mais possível tal qual é, criando ela própria a expressão que lhe convém. Ele sabia pôr as verdades de ordem a mais elevada ao alcance de todas as inteligências; revelava-as em linguagem familiar, enternecidas pela

simplicidade, arrebatava pela doutrina. A ciência que não é procurada é a que transborda; flui como a água da fonte viva que a Samaritana não conhecia e cuja virtude o Salvador lhe ensinou. Assim, as considerações sobre o pecado, sobre a injúria que este faz a Deus e sobre o mal que faz ao homem, não lhe eram um jogo do espírito, mas um trabalho doloroso do pensamento; penetravam-no, consternavam-no, atormentavam-no: era o dardo de fogo enfiado no seu peito, Ele aliviava a alma expandindo-a.

Coisa admirável, esse homem, tão disposto a proclamar a própria ignorância, nascera com grande atrativo pelas faculdades superiores da inteligência; o mais belo elogio que pudesse fazer de alguém era dizer que tinha espírito. Quando enumeravam diante dele os predicados de uma pessoa, eclesiástica ou leiga, ele raramente deixava de completar o panegírico por estas palavras: “O que eu aprecio, sobretudo é que ele é sábio!...” O Padre Vianney apreciava e saboreava nos outros os dons da eloquência; bendizia a Deus que, por sua glória, concede ao homem tão simples privilégios, mas desdenhava-os para si mesmo, Não tinha escrúpulo de ferir ultrajantemente a gramática e sintaxe nos seus discursos; podia-se crer que o fazia de propósito, por humildade, pois havia faltas que ele poderia evitar. Isso não impedia essa linguagem incorreta de penetrar nas almas, de iluminá-las e convertê-las: “O discurso polido, diz S. Jerónimo, afaga apenas os ouvidos; o que, sem ser polido, é cheio da verdade, abre caminho até ao coração”.

A palavra do Cura d'Ars tinha subtaneidade e rasgo; ele a desferia como uma flecha, e toda a sua alma parecia partir e arrojarse com ela. Havia, nessas efusões, belas e empolgantes coisas. O patético, o profundo, o sublime encontravam-se nelas ao lado do simples e do vulgar. Achava-se nelas todo o abandono, toda a desordem, mas também toda a espontaneidade e todo o poder de uma improvisação. Algumas vezes tentamos escrever o que acabávamos de ouvir; foi-nos impossível reproduzir as coisas que mais nos haviam comovido, e dar-lhes uma forma; elas plantavam-se no bico da pena: era uma lava arrefecida, O vento não escreve aquilo que ele murmura no silêncio das florestas, o mar não escreve os gemidos das suas praias; assim também, o que há de mais divino no coração do homem não sai deste com o auxílio da escrita.

Eis aqui, no entanto algumas palavras que recolhemos, e nas quais achamos mais que uma recordação e um eco, nas quais achamos o próprio Cura d’Ars, sua alma e seu coração na sua ingênua expressão. Ele tinha às vezes altos e profundos pensamentos como estes:

“Amar a Deus; oh! Como é belo! É preciso o Céu para compreender o amor!... A oração ajuda um pouco, porque a oração é a elevação da alma até ao Céu...”

“Quanto mais conhecemos os homens, tanto menos os amamos. É o contrário em relação a Deus: quanto mais o conhecemos, tanto mais o amamos. Esse conhecimento abraça a alma com tão grande amor, que ela não pode mais amar nem desejar senão a Deus... O homem foi criado por amor; é por isso que é tão propenso a amar. Por outro lado, é tão grande que nada o pode contentar na terra. Só quando se volve para o lado de Deus é que fica contente... Tirai um peixe fora d’água, ele não viverá. Pois bem! Eis o homem sem Deus”

“Há pessoas que não amam a Deus, que não lhe rezam e que prosperam; é mau sinal. Elas fizeram um pouco de bem através de muito mal. Deus recompensa nesta vida”.

“A terra é uma ponte para passar a água: só serve para sustentar-nos os pés... Estamos neste mundo, porém não somos deste mundo, pois dizemos todos os dias: *Pai Nosso que estais no Céu...* Cumpre pois aguardarmos a nossa recompensa quando estivermos *em nossa casa*, na casa paterna. É por isso que os bons cristãos, estão nas cruzes, nas contradições, nas adversidades, nos desprezos, nas calúnias; tanto melhor!... Admiramo-nos, porém, disto. Parece que, porque amamos um pouco a Deus, não devemos ter nada que contrarie e que faça sofrer... Dizemos: “Eis aí um que não é prudente, e entretanto tudo lhe sai bem; eu, por mais que faça o que posso, tudo me sucede mal”. É que não compreendemos o valor e a felicidade das cruzes.

“Dizemos às vezes: Deus castiga aqueles a quem ama”. Nem sempre é verdade. As provações, para aqueles que Deus ama, não são castigos, são graças...”

“Não se deve considerar o trabalho, senão a recompensa. Um negociante não encara a pena que tem no seu comércio, mas o ganho que dele tira... Que são vinte, trinta anos, comparados à eternidade?... Que tanto temos pois a sofrer? Algumas humilhações, alguns melindres, palavras ferinas: *Isto não mata*”.

“É belo podermos agradecer a Deus, por pequenos que sejamos”!

“A nossa língua só deverá ser empregada em rezar, o coração em amar, os olhos em chorar”.

“Nós somos muito e não somos nada... Não há nada maior do que o homem, e nada mais pequeno. Não há nada maior quando se olha a própria alma, nada de menor quando se olha o próprio corpo... Ocupamo-nos do nosso corpo como se só disso tivéssemos que cuidar; ao contrário, só isso temos que desprezar...”

“Somos obra de Deus... Somos-lhe sempre a obra... Compreender que somos obra de um Deus é fácil; mas que a crucificação de um Deus seja obra nossa!!! Eis o que é incompreensível...”

“Há quem dê ao Pai Eterno um coração duro. Oh, como esses se enganam! O Pai Eterno, para desarmar a sua própria justiça, deu ao Filho um coração excessivamente bom: ninguém dá o que não tem. Nosso Senhor disse a seu Pai: “Pai, perdoa-lhes! Não os castigueis!...”

“Nosso Senhor sofreu mais do que era preciso para remir-nos. Mas aquilo que teria satisfeito a justiça de seu Pai não lhe teria satisfeito o amor”.

“Se não fosse a morte de Nosso Senhor, todos os homens juntos não poderiam expiar uma pequena mentira”.

“No mundo, costuma-se ocultar o Céu e o inferno: o Céu, porque, se lhe conhecêssemos a beleza, quereríamos ir para ele a todo o custo; deixaríamos o mundo tranquilo! O inferno porque, se lhe conhecêssemos os tormentos, quereríamos evitá-los custasse o que custasse”.

“O sinal da cruz é temível ao demônio, pois é pela cruz que nós lhe escapamos... Deve-se fazer o sinal da cruz com grande respeito. Começa-se pela cabeça: é o chefe, a criação, o Pai; em seguida é o coração: o amor, a vida, a redenção, o Filho; os ombros: a força, o Espírito Santo. Tudo nos lembra a cruz. Nós próprios somos feitos em forma de cruz”.

“No Céu seremos alimentados pelo sopro de Deus... Deus nos colocará como um arquiteto coloca as pedras em um edifício, cada um no local que lhe convém”.

“O Céu fundia-se na alma dos santos. Era um escoamento do Céu, no qual eles se banhavam e se afogavam... Assim como os discípulos no Tabor não viram mais senão Jesus, as almas interiores, no Tabor do seu coração, tão pouco vêem senão a Nosso Senhor. São amigos que nunca se cansam um do outro”.

“Há uns que perdem a fé e só vêm o inferno ao entrar nele.”

“Os condenados serão envolvidos pela cólera de Deus, como o peixe na água. Não é Deus quem nos condena, somos nós pelos nossos pecados. Os condenados não acusam a Deus; acusam-se a si mesmos; dizem: “Perdi a Deus, minha alma e o Céu por minha culpa”.

“Ninguém foi jamais condenado por ter feito demasiado mal; porém muitos estão no inferno por um só pecado mortal do qual não quiseram arrepender-se”.

“Se um condenado pudesse dizer uma só vez: “Meu Deus, eu vos amo!” Não haveria mais inferno para ele... Mas, ai, essa pobre alma perdeu o poder de amar que recebera, e de que se não soube servir. O seu coração está seco como a uva quando passa sob a prensa. Não há mais felicidade nessa alma, não há mais paz, porque não há mais amor!...”

“O inferno tem sua fonte na bondade de Deus. Os condenados dirão: “Oh, se ao menos Deus não nos tivesse amado tanto, nós sofreríamos menos: o inferno seria suportável!... Termos sido, porém, tão amados! Que dor!!!”

Ao lado dos pensamentos profundos, o Padre Vianney os tinha fortes e empolgantes. Chamava ao cemitério *a casa comum*; ao purgatório, *a enfermaria do bom Deus*; à terra, *um entreposto*.

“Nós só estamos na terra, dizia ele, por entreposto, por um momentinho... Parece que não nos bulimos e, entretanto, marchamos a passos largos para a eternidade, *como o vapor*”.

“Diziam a um moribundo: “Que se deverá pôr sobre o vosso túmulo? — Poreis: *Aqui jaz um insensato, que saiu deste mundo sem saber como entrou nele*”. Há muitos que saem deste mundo sem saber o que a ele vieram fazer, e sem se inquietarem tão pouco com isso. Não façamos assim também”.

“Se os pobres condenados tivessem o tempo que nós perdemos, que bom uso fariam dele! Se tivessem sequer meia-hora, essa meia-hora despovoaria o inferno”.

“Morrendo, nós fazemos uma restituição: restituímos à terra o que ela nos deu... Um punhadinho de pó do tamanho de uma noz: aí está o que viremos a ser. Há muito de que nos ufanarmos!”

“Para o nosso corpo, a morte não passa de uma *barrela*.

“Há que trabalhar neste mundo, há que combater. Teremos bastante tempo para repousar em toda a eternidade”.

“Se compreendêssemos bem a nossa felicidade, quase poderíamos dizer que somos mais felizes do que os santos no Céu. *Eles vivem dos seus rendimentos*; não podem mais ganhar; ao passo que nós podemos a cada instante aumentar o nosso tesouro”.

“Os mandamentos de Deus são os ensinamentos que Deus nos dá para seguirmos o caminho do Céu, como as placas que se afixam à entrada das ruas e no começo dos caminhos para lhes indicar os nomes”.

“A graça de Deus ajuda-nos a andar e ampara-nos. É-nos necessária como as muletas aos que sofrem das pernas”.

“Quando a gente vai confessar-se, deve compreender o que vai fazer. Pode-se dizer que se vai *despregar* Nosso Senhor.”

“Quando haveis feito uma boa confissão, haveis acorrentado o demónio”.

“Os pecados que ocultarmos reaparecerão todos. Para bem ocultarmos os nossos pecados, devemos confessá-los”.

“As nossas faltas são um grão de areia ao lado da grande montanha das misericórdias de Deus”.

O Padre Vianney dava muito lugar, no seu ensinamento, às comparações e às imagens; tomava-as emprestadas à natureza amada e conhecida da multidão a que se dirigia, às pinturas do campo, as emoções da vida rural. As recordações da infância haviam conservado todo o seu frescor, e ele não podia resistir à inocente alegria de reviver, um momento ainda, nas suas palestras de velho, em meio às mais vivas simpatias da sua jovem idade. Há, nesse volver do pensamento para os dias mais graciosos da vida, algo que se assemelha a uma posse antecipada da ressurreição. À moda de Nosso Senhor, ele tomava os acontecimentos mais conhecidos, os factos mais vulgares, os acidentes que se produziam a seus olhos para imagens da vida espiritual, e fazia deles o tema das suas instruções. O Evangelho é cheio de símbolos e de figuras próprias para conduzir a alma à inteligência das verdades eternas, pela comparação daquilo que é mais sensível neste mundo. Assim também, as alusões, os tropos, as metáforas, as parábolas, as imagens coloriam todos os discursos do Cura d'Ars. O seu espírito habituara-se a elevar-se a Deus e às coisas invisíveis por motivo das coisas visíveis. Não havia um só dos seus catecismos em que não figurassem várias vezes riachos, florestas, árvores, aves, flores, orvalho, lírios, bálsamo, perfume e mel. Todos os contemplativos têm gostado dessa linguagem, e a inocência dos seus pensamentos apegou-se com predileção a todas as coisas encantadoras e puras com que o Autor da criação embelezou a sua obra. “O homem bom, diz Nosso Senhor, tira boas coisas do tesouro do seu coração” (Mt 12, 35). Os suaves escritos de S. Francisco de Sales são um modelo desse género, caro a todos os místicos. Ninguém se admira de achar essas graças da linguagem e esse gosto fino no Bispo de Genebra. Mas esse pobre cura do campo, onde aprendera a formar os seus

esplêndidos ramalhetes? Quem lhe havia feito penetrar essas finezas? Quem lhe dera de se servir delas com um tacto tão delicado e tão engenhosa oportunidade? Escutemos:

“Qual bela pomba branca que sai do meio das águas e vem sacudir as asas sobre a terra, o Espírito Santo sai do oceano infinito das perfeições divinas e vem bater asas sobre as almas puras, para destilar nelas o bálsamo do amor”.

“O Espírito Santo repousa em uma alma pura como em um leito de rosas.

“Sai de uma alma onde reside o Espírito Santo um odor como o da vinha quando está em flor.

“Aquele que conservou a inocência do seu baptismo é como um filho que nunca desobedeceu ao pai...

“Quando a gente conservou a sua inocência, sente-se levado para o alto pelo amor como uma ave é levada pelas asas.

“Os que têm a alma pura são como águias e andorinhas que voam nos ares...

“Um cristão que tem a pureza da alma é na terra como uma ave que alguém tem presa por um fio. Pobre avezinha! Aguarda apenas o momento em que cortem o fio para alar-se.

“Os bons cristãos são como essas aves que têm asas grandes e patas pequenas, e que nunca pousam porque não poderiam mais elevar-se e seriam presas. Por isto, elas fazem os ninhos na ponta dos rochedos, no telhado das casas, nos lugares elevados. Do mesmo modo o cristão deve sempre estar nas alturas. Desde que abaixamos os nossos pensamentos para a terra, ficamos presos. (*Animas ad volandum: as almas são feitas para voar, dissera o profeta Ezequiel - Ez 12, 20*).

“Uma alma pura é como uma bela pérola. Enquanto está oculta numa concha, no fundo do mar, ninguém pensa em admirá-la. Porém, se a

mostrais ao sol, essa pérola brilha e atrai os olhares. É assim que a alma pura, que é ocultada aos olhos do mundo, brilhará um dia diante dos anjos, ao sol da eternidade.”

“A alma pura é uma bela rosa, e as três pessoas divinas descem do Céu para lhe respirar o perfume”.

“A misericórdia de Deus é como uma torrente transbordada: arrasta os corações à sua passagem...”

“Mais depressa perdoará Deus um pecador arrependido do que uma mãe tirará o filho do fogo”.

“Os eleitos são como as espigas de trigo que escapam aos ceifeiros, e como os cachos de uva depois da vindima.”

“Imaginai uma pobre mãe obrigada a largar o cutelo da guilhotina na cabeça do filho: eis aí Deus quando condena um pecador!”

“Que felicidade para os justos quando, no fim do mundo, a alma embalsamada dos perfumes do Céu vier buscar o seu corpo para fruírem de Deus durante toda a eternidade! Então os nossos corpos sairão da terra como o linho que passou pela barrela... Os corpos dos justos brilharão no Céu como belos diamantes, como globos de amor!”

“Que grito de alegria quando a alma vier unir-se ao corpo glorificado, a esse corpo que não será mais para ela um instrumento do pecado nem uma causa de sofrimentos. Ela se rolará no bálsamo do amor como a abelha se rola nas flores... Eis aí a alma embalsamada para a eternidade!...”

Vê-se que o Cura d'Ars era poeta sem suspeitá-lo, poeta na mais alta e mais sincera acepção da palavra: quer dizer que, dotado excelentemente da faculdade de sentir, seu coração se abria para deixar escapar a nota justa e o acento verdadeiro. É realmente a mais simples e a melhor maneira de ser poeta.

“Uma vez, dizia ele, eu ia ver um doente; era na primavera; as moitas estavam cheias de passarinhos que *atormentavam a cabeça a cantar*. Eu

achava prazer em escutá-los e me dizia: *Pobres passarinhos, não sabeis o que estais a dizer! Que pena! Estais cantando os louvores de Deus!* ”

Não julgaria a gente ouvir S. Francisco de Assis?

... “O nosso santo Cura, escrevia um ouvinte seu dos mais inteligentes, é sempre igualmente admirável na vida, nas obras e nas palavras. Esta última palavra admira-vos talvez? E, entretanto nada é mais verdadeiro.

Há algo de prodigioso na satisfação, posso dizer no entusiasmo enternecido com que a multidão se comprime para ouvir os seus pretensos catecismos. E essa multidão é composta de homens pertencentes a todos os graus da escala social. Tenho ouvido eclesiásticos distintos, pessoas do mundo, sábios, artistas afirmarem que nada os havia tocado tanto quanto essa expansão de um coração que contempla, que ama, que geme, que adora. Quase poderíamos recolher os *Fioretti* do Cura d'Ars. Nada tão gracioso e brilhante como a pintura que ele fazia da primavera há poucos dias!...”

E algumas linhas mais abaixo, depois de falar de poesia, acrescentava: “Ontem, o nosso velho S. Francisco de Assis estava mais poético que nunca, em meio às suas lágrimas e aos seus rasgos de amor; falando da alma do homem, que só deve ter aspiração para Deus, exclamava ele:

“O peixe procura acaso as árvores e a campina? Não, afunda-se nas águas. A ave pára porventura sobre a terra? Não, voa nos ares. E o homem, que é criado para amar a Deus, possuir a Deus, encerrar a Deus, que fará de todas as forças que lhe foram dadas para isso?...”

O Padre Vianney gostava de contar a fresca e poética lenda de São Mauro, que, indo um dia levar o jantar à S. Bento, achou uma grande serpente; pegou-a, pô-la no pano da veste e disse, mostrando-a a São Bento: “Padre, eis o que eu achei”. Quando o santo patriarca e todos os religiosos estavam reunidos, a serpente pôs-se a silvar e a querer mordê-los. S. Bento disse então: “Pequeno, volta a levá-la para onde a apanhaste”. E quando S. Mauro partiu, ele acrescentou: “Meus irmãos, sabeis por que esse animal é tão manso com esse menino?... É porque ele conservou a inocência do baptismo”.

O Cura d'Ars referia também com complacência o episódio de São Francisco de Assis pregando aos peixes[\*], e esta página encantadora dos *Fioretti* só podia ganhar em ser interpretada por ele: “Um dia, dizia ele, S. Francisco de Assis pregava numa província onde havia muitos hereges. Aqueles malcriados tapavam os ouvidos para o não ouvirem. Então o santo levou o povo para beira-mar, e chamou os peixes para virem escutar a palavra de Deus, já que os homens a repeliam. Os peixes vieram para a beira da água, os grandes atrás dos pequenos. S. Francisco fez-lhes esta pergunta: “Sois gratos a Deus por vos haver salvo do dilúvio?” Os peixes inclinaram a cabeça. Então S. Francisco disse ao povo: “Vede, esses peixes são reconhecidos aos benefícios de Deus. E vós, ingratos? Vós os desprezais!”

O Padre Vianney entremeava aos seus discursos felizes reminiscências da sua vida de pastor.

“Deveríamos fazer como os pastores que estão no campo durante o inverno, — a vida é bem um longo inverno! — fazem fogo; mas de quando em quando correm a apanhar lenha de todos os lados para alimentá-lo. Se soubéssemos, como os pastores, alimentar sempre o fogo do amor de Deus no nosso coração por orações e boas obras, ele não se apagaria”

“Quando não tendes o amor de Deus, sois bem pobres. Sois como uma árvore sem flores e sem frutos”.

“Na alma unida a Deus reina sempre a primavera”.

Quando falava da oração, as comparações mais amáveis e mais engenhosas acudiam-lhe em turba aos lábios:

“A oração é um orvalho embalsamado; mas é preciso orar com um coração puro para sentir esse orvalho.

“Sai da oração uma doçura saborosa, como o suco que escorre de uma uva bem madura.

“A oração desprende-nos a alma da matéria; eleva-a ao alto como o fogo que intumesce os balões.

“Quanto mais a gente reza, tanto mais quer rezar. É como um peixe que nada primeiro na superfície da água, que mergulha em seguida e que vai sempre mais adiante. A alma mergulha-se, abisma-se, perde-se nas doçuras da conversação com Deus.

“O tempo não dura na oração. Não sei se se pode desejar o Céu. Oh! Sim, o peixe que nada em um riachozinho acha-se bem, porque está no seu elemento; mas está ainda melhor no mar.

“É preciso, quando se reza, abrir o coração a Deus como o peixe quando vê vir a vaga.

“Deus não precisa de nós: se nos manda rezar, é que quer a nossa felicidade, e a nossa felicidade só nisso se pode achar. Quando ele nos vê vir, inclina o coração bem baixo para a sua criaturinha, como um pai que se inclina para escutar o filhinho que lhe fala.”

“De manhã é preciso fazer como a criança que está no berço: mal abre os olhos, olha depressa pela casa à procura da mãe. Quando a vê, põe-se a sorrir; quando não a vê, chora”.

Falando do sacerdote, ele se servia desta bela e tocante imagem:

“O sacerdote é para vós como uma mãe, como uma ama para um menino de meses: dá-lhe a comida; ele tem só que abrir a boca. A mãe diz ao filho; “Toma, meu filhinho, come”. O sacerdote diz-vos: “Tomai e comei eis aqui o corpo de Jesus Cristo. Guarde-vos ele e vos conduza à vida eterna!” Ó belas palavras!... Uma criança quando vê a mãe, atira-se para ela; debate-se contra os que a retêm; abre a boquinha e estende as mãozinhas para abraçá-la. A vossa alma, em presença do sacerdote, lança-se naturalmente para ele; corre-lhe ao encontro; mas é retida pelos laços do corpo nos homens que dão tudo aos sentidos, que só vivem para o *cadáver*.

"A nossa alma está enfaixada no nosso corpo como uma criança nos seus cueiros: só se lhe vê o rosto”.

Todos ficarão impressionados com o que há de verdadeiro, de exato e de empolgante nessa última imagem. Ao lado dessas comparações graciosas, o

Padre Vianney tinha outras enérgicas e originais. Queria ele exaltar os benefícios do sacramento da penitência? Fazia-o com o auxílio de metáforas e apólogos:

“Uma vez passou por nossa casa um lobo raivoso que devorava tudo. Achando no seu caminho um menino de dois anos, agarrou-o entre os dentes e carregou com ele: mas uns homens que podavam a vinha lhe correram atrás e arrancaram-lhe a presa. É assim que o sacramento da penitência nos arranca das garras do demónio”.

Tinha que fazer o paralelo dos cristãos com a gente do mundo? Dizia:

“Não acho nada tão para lamentar quanto essas pobres pessoas do mundo. Têm nos ombros um manto *forrado de espinhos*: não podem fazer um movimento sem se picarem; ao passo que os bons cristãos têm um manto *forrado de pele de lebre*”.

“O bom cristão não faz caso dos bens da terra: foge deles como *um rato que sai da água*”.

“Infelizmente nós não temos o coração bastante livre nem bastante puro de todo o afeto terreno, Tomais uma esponja bem seca e bem limpa; molhai-a no licor, ela se encherá até ficar intumescida. Mas se não estiver seca nem limpa, não carregará nada. Assim também, quando o coração não está livre e desprendido das coisas da terra por mais que o molhem na oração, ele não tira nada”.

“Quando nos abandonamos às nossas paixões, entrelaçamos espinhos em volta do coração”.

“Nós somos como *toupeiras de oito dias*. Mal vemos a luz, metemo-nos pela terra adentro”.

“O demónio diverte-se até ao último momento, como se diverte um pobre homem enquanto os polícias não o vêm prender. Quando os polícias chegam, ele grita atormenta-se: mas nem por isto o largam”.

*“Quando a gente morre, é muitas vezes como uma lâmina de ferro enferrujada que é preciso pôr no fogo”.*

“Os pobres pecadores são entorpecidos como serpentes durante o inverno”.

"O caluniador é semelhante à lesma que, passando sobre as flores, deixa nelas sua baba e suja-as".

“Que diríeis de um homem que trabalhasse o campo do vizinho e deixasse o seu sem cultura? Pois bem! Aí está o que fazeis. Remexeis continuamente na consciência dos outros, e deixais a vossa inculta. Oh! Quando a morte chegar, que pesar teremos de haveremos cuidado tanto dos outros e tão pouco de nós! Porque é de nós, e não dos outros, que teremos de dar contas... Pensemos em nós, na nossa consciência, que deveríamos sempre olhar como olhamos as mãos para saber se estão limpas”.

“Temos sempre dois secretários, o demónio que escreve as nossas más acções para nos acusar, e o nosso anjo que escreve as boas para nos justificar no dia do Juízo. Quando todas as nossas acções nos forem apresentadas, quão poucas haverá agradáveis a Deus, mesmo entre as melhores! Tantas imperfeições, tantos pensamentos de amor-próprio, satisfações humanas, prazeres sensuais, rodeios egoístas, se acham misturados a elas! Elas têm boa aparência, mas só têm a aparência: como estes frutos que parecem mais amarelos e mais maduros porque um verme os picou”.

Vê-se por estes fragmentos que o P. Vianney era da escola de todos esses amáveis contemplativos que não desdenhavam exornar com as graças ingênuas da expressão a austeridade das suas ideias, seja por uma misericordiosa condescendência para com seus discípulos, seja por atrativo natural que experimentam os que são bons para o que é belo. Não é tão comum nem tão fácil como se pensa amar a natureza: para isto é preciso sair de si, considerar o mundo exterior com desinteresse e com respeito, e buscar nele não prazeres, porém lições. Estranho erro crer que só os que abusam da natureza é que a amam e conhecem! Esses pretensos amantes da natureza são-lhe meros profanadores. O cristianismo, tão frequentemente acusado de calcar aos pés a natureza, foi o único a ensinar o homem a

respeitá-la e a amá-la verdadeiramente fazendo aparecer o plano divino que a sustenta, ilumina e santifica. Era sob esta luz que o P. Vianney considerava a criação; percorria-lhe todos os graus para adorar nela os vestígios de seu Deus. Reencontrava Aquele que é soberanamente belo nas criaturas belas; mas tão pouco desdenhava as pequenas. Em paz com todas as coisas e tornado de alguma sorte a inocência primitiva e à condição do Éden quando Adão via as criaturas na claridade divina e as amava com fraternal caridade, o seu coração transbordava de amor não só aos homens, mas a todos os seres visíveis e invisíveis. Sentia-se respirar nas suas palavras uma afetuosa simpatia pela criação inteira, que lhe aparecia sem dúvida na sua nobreza e na sua pureza originais. Ele via nela uma irmã que, de outro modo exprimia os mesmos pensamentos que ele e cantava o mesmo amor. Lembremo-nos da sua apóstrofe aos peixinhos. Onde os outros só enxergavam belezas perecedoras, ele descobria, com uma segunda vista, as santas harmonias e as relações eternas que ligam a ordem física com a ordem moral, os mistérios da natureza com os da fé. Assim fazia também no domínio da história. Os séculos os acontecimentos e os homens eram para ele meros símbolos e alegorias, profecias e cumprimento, vozes que interrogam e se respondem, figuras que mutuamente se repetem.

Nada de belo, de tocante e de patético como a aplicação que o P. Vianney fazia da lenda de Santo Aleixo à presença real de Nosso Senhor. No momento em que a mãe de S. Aleixo reconhece o filho no corpo inanimado do mendigo que viveu trinta anos debaixo da escada do seu palácio, exclama: “Ó meu filho! E havia eu de conhecer-vos tão tarde!!!” A alma, ao sair desta vida, verá enfim *Aquele* que ela possuía na Eucaristia e, à vista das consolações, das belezas, das riquezas que ela desconheceu, exclamará também: “Ó Jesus! Ó minha vida! Ó meu tesouro! Ó meu amor! Havia eu de conhecer-vos tão tarde!...

Às vezes o Cura d'Ars tirava de acontecimentos recentes e de circunstâncias que o haviam pessoalmente impressionado, induções morais e considerações edificantes posto que ele pusesse nisso certa reserva, recolhiam-se assim de quando em quando preciosos dados sobre factos que, não fora isso, ficariam para sempre na sombra.

“Porque Nosso Senhor não se faz ver no SS. Sacramento em toda Sua Majestade, dizia ele um dia, vós vos portais aqui sem respeito; mas, entretanto é *El e!*” Ele está no meio de vós!... Como esse bom bispo que estava aí, esses últimos dias; toda gente o empurrava... Ah! Se soubéssemos que era um bispo!...”

“Nós damos a nossa mocidade ao demónio e os nossos restos a Deus, que é tão bom que se digna ainda sustentar-se com eles... Felizmente nem todos fazem assim. Havia aqui uma grande donzela das primeiras famílias da França, que partiu esta manhã. Tem apenas vinte e três anos. É bem rica, bem rica!... Ofereceu-se em sacrifício a Deus para expiação dos pecados e pela conversão dos pecadores. Usa uma cinta toda guarnecida de pontas de ferro; mortifica-se de mil modos; seus pais não sabem de nada. Ela está pálida *como uma folha de papel*. É uma bela alma, bem agradável a Deus, como ainda as há pelo mundo; é o que impede o mundo acabar”.

“Vieram, um destes dias, dois ministros protestantes que não acreditavam na presença real de Nosso Senhor. Eu lhes disse: "Acreditais que um pedaço de pão possa despregar-se sozinho e ir por si mesmo, pousar sobre a língua de alguém que se aproxima para recebê-lo?”

— Não. — Logo, não é pão!” Depois o P. Vianney acrescentava: “Havia um homem que tinha dúvidas sobre a presença real; dizia: “Quem sabe lá! Não é certo. A Consagração! Que é a consagração? Que se passa no altar nesse momento?” Mas ele desejava crer, e pedia a SS. Virgem que lhe alcançasse a fé. Escutai bem isto: não digo que tenha acontecido algures, digo que me aconteceu a mim: No momento em que esse homem se apresentava para receber a comunhão, a Sagrada Hóstia desprejou-se dos meus dedos, quando eu estava ainda a uma boa distância, e foi por si mesma pousar na língua deste homem”.

Não empreenderemos um estudo sobre o conjunto da doutrina do Cura d'Ars. Bem que havia uma espécie de concatenação que lhe ligava as partes, mas não as inspirações súbitas que delas escapavam, os jatos de luz que se cruzavam em todos os sentidos. Era geral, os seus catecismos desafiavam a análise, e nós recearíamos desfigurá-los emprestando-lhes a unanimidade de um sistema teológico. Cingir-nos-emos a oferecer aos nossos leitores um resumo das práticas mais notáveis.

---

[\*] Presume-se que se trata de Santo António

## CAPITULO I

### CATECISMO SOBRE A SALVAÇÃO

Há muitos cristãos que nem sequer sabem por que estão no mundo... "Por que foi, ó meu Deus, que me pussestes no mundo? — Para te salvar. — E por que me quereis salvar? — Porque te amo".

O bom Deus nos criou e pôs no mundo porque nos ama; quer salvar-nos porque nos ama... Para nos salvarmos é preciso conhecermos, amarmos e servirmos a Deus. Ó bela vida!... Como é belo, como é grande conhecer, amar e servir a Deus! Só isto temos que fazer neste mundo. Tudo o que fizemos fora disso é tempo perdido. É preciso só agir por Deus, por as nossas obras nas Suas Mãos... Devemos dizer ao acordar: "Queria trabalhar hoje por vós, ó meu Deus! Submeter-me-ei, a tudo vindo de Vós, a tudo o que Me enviardes. Ofereço-vos em sacrifício. Mas, meu Deus, eu nada posso sem Vós; ajudai-me!"

Oh! Como no momento da morte havemos de lamentar o tempo que tivermos dado aos prazeres, às conversas inúteis, ao repouso em vez de o termos empregado na mortificação, na oração, nas boas obras, em pensar na nossa pobre miséria, em chorar os nossos pobres pecados! É então que vemos que nada fizemos para o Céu.

Ó meus filhos, como é triste! Três quartas partes dos cristãos só trabalham para satisfazer este *cadáver* que vai dentro em breve apodrecer na terra, ao passo que não pensam na sua pobre alma, que deve ser eternamente feliz ou desgraçada. São falhos de espírito e de bom senso: isto faz tremer!

Eis aí, pois, esse homem que se atormenta, que se agita, que faz barulho, que quer dominar sobre tudo, que se julga alguma coisa, que parece querer dizer ao sol: "Sai daí: deixa-me iluminar o mundo em teu lugar!". Um dia, esse homem orgulhoso será reduzido quando muito a uma pitada de cinza que será arrastada de riacho em riacho, de *Saône* em *Saône*[\*], até ao mar.

Vede, meus filhos, eu penso muitas vezes que nós nos parecemos com esses montinhos de areia que o vento junta no caminho, que volteiam um momentinho e se desfazem imediatamente depois...

Nós temos irmãos e irmãs que morreram. Pois bem! Eles estão reduzidos a esse punhadinho de cinza de que falo.

As pessoas do mundo dizem que é muito difícil fazer a própria salvação. Entretanto, não há nada mais fácil: Observar os mandamentos de Deus e da Igreja, e evitar os sete pecados capitais; ou então, se quiserdes, fazer o bem e evitar o mal; é só isso.

Os bons cristãos que trabalham em salvar a própria alma e em fazer a sua salvação estão sempre felizes e contentes, gozam antecipadamente da felicidade do Céu; serão felizes durante toda a eternidade. Ao passo que os maus cristãos que se condenam são sempre para lastimar; murmuram, são tristes, são infelizes *como as pedras*, e sê-lo-ão durante toda a eternidade. Vede que diferença.

Eis aqui uma boa regra de conduta: só fazemos aquilo que pudermos oferecer a Deus. Ora, não se lhe podem oferecer maledicências, calúnias, injustiças, cóleras, blasfêmias, impurezas, espetáculos, danças... Entretanto, não se faz senão isso no mundo.

Falando das danças, S. Francisco de Sales dizia "que elas são como os cogumelos; que os melhores não valem nada..." As mães bem que dizem: "Oh! Eu velo sobre minhas filhas". Velam-lhes sobre o vestuário, mas não lhes podem velar sobre o coração. Aqueles que fazem dançar na sua casa sobrecarregam-se de uma responsabilidade terrível perante Deus; são responsáveis por todo o mal que se faz, pelos maus pensamentos, pelas maledicências, pelos ciúmes, pelos ódios, pelas vinganças... Ah! Se eles compreendessem bem essa responsabilidade, nunca fariam dançar. Tal qual como os que fazem maus escritos, maus quadros e más estátuas; são responsáveis por todo o mal que esses objetos produzirem durante o tempo que durarem... Oh! Isto causa perturbação!

Vede, meus filhos, é preciso refletir que nós temos uma alma por salvar e uma eternidade que nos, aguarda. O mundo, as riquezas, os prazeres, as

honras passarão; o Céu e o Inferno jamais passarão. Tomemos, pois, cuidado.

Os santos nem todos começaram bem, mas todos acabaram bem. Nós começamos mal, pois acabemos bem, e nos iremos juntar a eles no Céu.

---

[\*] Rio se França, afluente do Ródano

## CAPITULO II

### CATECISMO SOBRE O AMOR DE DEUS

O nosso corpo é um vaso de corrupção; é para a morte e para os vermes, tão só... E, entretanto nós nos aplicamos a satisfazê-lo antes que a enriquecer a nossa alma, que é tão grande que nada se pode imaginar de maior, não, nada, nada. Porquanto vemos que Deus, premido pelo ardor de sua caridade, não nos quis criar semelhantes aos animais; criou-nos à sua imagem e semelhança, vedes! Oh! Como o homem é grande!

O homem criado por amor não pode viver sem amor: ou ama a Deus, ou se ama e ama o mundo. Vede, meus filhos é a fé que falta. Quando o homem não tem fé, é cego. Aquele que não vê não conhece; o que não conhece não ama; o que não ama a Deus ama-se a si próprio e ao mesmo tempo ama os seus prazeres. Apega o coração a coisas que passam como fumo. Não pode conhecer nem a verdade nem bem algum; só pode conhecer a mentira porque não tem a luz; está na névoa. Se tivesse a luz, veria bem que tudo o que ele ama só lhe pode dar a morte eterna; é um antegoço do inferno.

Fora de Deus, como vedes, meus filhos, nada é sólido, nada, nada! Se é a vida, passa; se é a fortuna, desmorona-se; se é a família, é destruída; se é a reputação, é atacada. Nós vamos como o vento. Tudo passa com velocidade, tudo se precipita. Ah! Meu Deus, meu Deus! Como são, pois, para lastimar esses que põem o seu afeto em todas essas coisas!... Põem-no, porque se amam demasiado; mas não se amam com amor razoável; amam-se com o amor de si mesmos e do mundo, procurando-se e procurando as criaturas mais do que a Deus. É por isto que nunca estão contentes, nunca tranquilos; estão sempre transtornados.

Vede, meus filhos, o bom cristão percorre o caminho deste mundo montado num belo carro de triunfo; esse carro é puxado pelos anjos, e é Nosso Senhor quem o conduz; ao passo que o pobre pecador é atrelado ao carro da vida, e o demónio, que está na boleia, o força a avançar a largas chicotadas.

Meus filhos, os três atos de fé, de esperança e de caridade encerram toda a felicidade do homem na terra. Pela fé nós cremos aquilo que Deus nos prometeu, cremos que o havemos de ver um dia, que o possuiremos, que estaremos eternamente com ele no Céu. Pela esperança guardamos o efeito dessas promessas: esperamos que seremos recompensados de todas as nossas boas acções, de todos os nossos bons pensamentos, de todos os nossos bons desejos; pois Deus leva em conta mesmo os bons desejos. Que mais é preciso para ser feliz?

No Céu, a fé e a esperança não existirão mais; porquanto as névoas que nos obscurecem a razão serão dissipadas. O nosso espírito terá a inteligência das coisas que lhe são ocultas neste mundo. Não esperamos mais nada, visto que teremos tudo. Ninguém espera adquirir um tesouro que possui... Mas o amor! Oh! Seremos inebriados dele, seremos afogados, perdidos nesse oceano de amor divino, aniquilados nessa imensa caridade do Coração de Jesus!... Por isto a caridade é um antegozo do Céu. Se soubéssemos compreendê-la, senti-la, saboreá-la, oh! Como seríamos felizes! O que faz que sejamos infelizes é não amarmos a Deus.

Quando dizemos: "Meu Deus, creio! Creio firmemente, isto é, sem a menor dúvida, sem a menor hesitação..." Oh! Se nos compenetrássemos destas palavras: "Creio firmemente que estais presente em toda parte, que me vedes, que estou debaixo dos Vossos olhos, que um dia Vos verei claramente eu próprio, que gozarei de todos os bens que me haveis prometido!... Meu Deus, espero que me recompenseis de tudo o que eu tiver feito para Vos agradar! Meu Deus, eu Vos amo! Tenho um coração para vos amar!..." Oh! Como este ato de fé, que é também um ato de amor, bastaria para tudo!... Se compreendes a ventura que temos de poder amar a Deus, ficaríamos imóveis no êxtase...

Se um príncipe, um imperador, fizesse comparecer perante si um de seus súbditos e lhe dissesse: "Quero fazer a tua felicidade; fica comigo, goza de todos os meus bens; mas cuida de não me desagradares em tudo o que for justo"; que cuidado, que ardor esse súbdito não poria em satisfazer o seu príncipe! Pois bem! Deus faz-nos os mesmos oferecimentos... e nós não nos preocupamos com a Sua amizade; não fazemos nenhum caso das Suas promessas... Que pena!

## CAPITULO III

### CATECISMO SOBRE AS PRERROGATIVAS DA ALMA PURA

Não há nada tão belo quanto uma alma pura!... Se o compreendêssemos, não poderíamos perder a pureza. A alma pura é desprendida da matéria, das coisas da terra e de si mesma... É por isto que os santos maltratavam o seu corpo; é por isto que não lhe concediam o que lhe era necessário, nem requer levantar-se cinco minutos mais tarde, aquecer-se, comer alguma coisa que lhe desse prazer... Aí está! O que o corpo perde, a alma o ganha, e o que o corpo ganha, a alma o perde.

A pureza vem do Céu; há que pedi-la a Deus. Se a pedirmos, alcançá-la-emos. É preciso termos bem cuidado de não perdê-la. Devemos fechar o nosso coração ao orgulho, à sensualidade e a todas as demais paixões... como quando se fecham as portas e as janelas para que ninguém possa entrar.

Que alegria para o anjo da guarda encarregado de conduzir uma alma pura!... Meus filhos, quando uma alma é pura todo o Céu a olha com amor!...

As almas puras formarão círculo em torno de Nosso Senhor. Quanto mais puro se tiver sido na terra, tanto mais perto de Deus se estará no Céu.

Quando o coração é puro, não se pode deixar de amar, porque se tornou a achar a fonte do amor, que é Deus. "Felizes, diz Nosso Senhor, os que têm o coração puro, porque verão a Deus!"

Meus filhos, não se pode compreender o poder que uma alma pura tem sobre Deus. Não é ela que faz a vontade de Deus, é Deus que faz a vontade dela. Vede Moisés, aquela alma tão pura! Quando Deus queria punir o povo judeu, dizia-lhe: "Não me rezes, porque a minha cólera explode contra esse povo". Não obstante, Moisés rezava, e Deus poupava o seu povo; deixava-se dobrar, não podia resistir à oração daquela alma tão pura. Ó meus filhos!

Uma alma que nunca foi manchada por esse maldito pecado alcança do bom Deus tudo o que quer.

Para conservar a pureza, ha três coisas: a presença de Deus, a oração e os sacramentos. Há ainda a leitura dos livros santos; esta nutre a alma.

Como é bela uma alma! Nosso Senhor fez ver uma a Santa Catarina; esta achou-a tão bela que disse: "Senhor, se eu não soubesse que há só um Deus, julgaria que fosse outro! A imagem de Deus reflete-se em uma alma pura como o sol na água.

Uma alma pura é a admiração das três pessoas da Santíssima Trindade. O Pai contempla a sua obra: "Eis aí a minha criatura!..." O Filho, o preço do seu sangue. Conhece-se a beleza de um objeto pelo preço que ele custou... O Espírito Santo habita nela como em seu templo.

Conhecemos ainda o preço de nossa alma pelos esforços que o demónio faz para perdê-la. O inferno liga-se contra ela, o Céu por ela... Oh! Como ela é grande!

Para termos uma ideia da nossa dignidade, devemos-nos lembrar com frequência do Céu, do Calvário e do Inferno.

Se compreendêssemos o que é ser filho de Deus, não poderíamos fazer o mal, seríamos como anjos na terra. Seremos filhos de Deus! Ó bela dignidade!...

É alguma coisa de belo termos um coração, e, por mais pequeno que ele seja, podermo-nos servir dele para amar a Deus! Como é vergonhoso para o homem descer tão baixo, ele que Deus colocou tão alto!

Quando os anjos se revoltaram contra Deus, esse Deus tão bom vendo que eles não podiam mais fruir da felicidade para a qual os havia criado, fez o homem e este *pequeno mundo* que nós vemos, para alimentar-lhe o corpo. Havia, porém, que lhe alimentar a alma; e como nada de criado pode alimentar a alma, que é espírito, Deus quis dar-se ele próprio por alimento.

Mas a grande desgraça é que descuramos de recorrer a essa divina comida, para atravessarmos o deserto desta vida. Como uma pessoa que morre de fome ao lado de uma mesa bem servida, há pessoas que levam cinquenta, sessenta anos sem alimentar a própria alma!

Oh! Se os cristãos pudessem compreender esta linguagem de Nosso Senhor que lhes diz: "Apesar da tua miséria, eu quero ver de perto essa bela alma que criei para mim. A fiz tão grande, que só eu posso enchê-la. A fiz tão pura, que só meu corpo pode alimentá-la".

Nosso Senhor sempre distinguiu as almas puras. Vede São João, o discípulo amado, que repousou sobre o seu peito!... Santa Catarina era pura; por isso passeava muitas vezes no Paraíso. Quando morreu, os anjos tiraram-lhe o corpo e levaram-no para o Monte Sinai, lá onde Moisés recebera os mandamentos da lei. Deus fez ver por esse prodígio que uma alma pura lhe é agradável, merece que mesmo seu corpo, que lhe participou da pureza, seja sepultado pelos anjos.

Deus contempla com amor uma alma pura, concede-lhe tudo quanto ela pede. Como haveria Ele de resistir a uma alma que só vive para Ele e Nele? Ela procura-O, e Deus se lhe mostra; chama-O, e Deus vem; faz uma coisa só com Ele; acorrenta-lhe a vontade. Uma alma pura é onipotente sobre o coração tão bom de Nosso Senhor.

Uma alma pura é ao pé de Deus como um filho ao pé da mãe: acaricia-a, beija-a, e a mãe lhe retribui suas carícias e seus beijos.

## CAPITULO IV

### CATECISMO SOBRE O ESPÍRITO SANTO

Oh! Como é belo, meus filhos! O Pai é nosso Criador, o Filho é nosso Redentor, e o Espírito Santo é nosso Condutor.

O homem nada é por si mesmo, mas é muito com o Espírito Santo. O homem é todo terreno e todo animal; só o Espírito Santo é que lhe pode elevar a alma e levá-lo para o alto. Por que é que os santos eram tão desapegados da terra? Porque se deixavam conduzir pelo Espírito Santo. Os que são conduzidos pelo Espírito Santo tem ideias justas. Aí está porque há tantos ignorantes mais sabidos que os eruditos. Quando alguém é conduzido por um Deus de força e de luz, não se pode enganar.

O Espírito Santo é uma luz e uma força. É ele que nos faz distinguir o verdadeiro do falso e o bem do mal. Como essas lunetas que aumentam os objetos, o Espírito Santo faz-nos ver o bem e o mal em ponto grande. Com o Espírito Santo, vê-se tudo em ponto grande: vê-se a grandeza das menores acções feitas por Deus, e a grandeza das menores faltas. Assim como um relojoeiro com as suas lunetas distingue as mais pequenas engrenagens de um relógio, com as luzes do Espírito Santo nós distinguimos todas as minúcias da nossa pobre vida. Então as menores imperfeições parecem grandíssimas; os menores pecados causam horror.

Foi por isso que a Santíssima Virgem nunca pecou. O Espírito Santo fazia-lhe compreender a fealdade do mal. Ela fremia de susto à menor falta.

Os que têm o Espírito Santo não podem sentir-se, tão bem conhecem a sua pobre miséria. Os orgulhosos são os que não possuem o Espírito Santo.

As pessoas do mundo não têm o Espírito Santo, ou, se o têm, só o têm de passagem; ele não se detém nelas. O barulho do mundo fá-lo partir.

Um cristão que é guiado pelo Espírito Santo não tem dificuldade em deixar os bens deste mundo para correr atrás dos bens do Céu. Sabe fazer a

diferença.

O olhar do mundo não vê mais longe que essa parede, quando a porta da igreja está fechada. O olhar do cristão vê até no fundo da eternidade.

Para o homem que se deixar guiar pelo Espírito Santo, parece que não há mundo; para o mundo, parece que não há Deus. Trata-se pois de saber quem é que nos guia. Se não é o Espírito Santo, por mais que façamos, não há substância nem sabor em nada do que fazemos. Se é o Espírito Santo, há uma doçura macia... é de se morrer de prazer...

Os que se deixam guiar pelo Espírito Santo sentem toda a sorte de felicidade dentro de si mesmos: ao passo que os maus cristãos rolam-se sobre os espinhos e pedras.

Uma alma que tem o Espírito Santo nunca se aborrece na presença de Deus: sai-lhe do coração uma transpiração de amor.

Sem o Espírito Santo, nós somos como uma pedra do caminho... Tomai em uma mão uma esponja embebida em água e na outra um pequeno seixo: apertai-os igualmente. Não sairá nada do seixo, e da esponja fareis sair água em abundância. A esponja é a alma cheia do Espírito Santo, e o seixo é o coração frio e duro em que o Espírito Santo não habita.

Uma alma que possui o Espírito Santo saboreia um gosto na oração que faz com que ela ache sempre o tempo demasiado curto; ela nunca perde a santa presença de Deus. O seu coração, diante do nosso bom Salvador, no SS. Sacramento do altar, é como uma uva no lagar.

É o Espírito Santo que forma os pensamentos no coração dos justos e lhes gera as palavras na boca... Os que têm o Espírito Santo não produzem nada de mau; todos os frutos do Espírito Santo são bons.

Sem o Espírito Santo tudo é frio; por isto, quando a gente sente que o fervor se vai perdendo, deve depressa fazer uma novena ao Espírito Santo para pedir a fé e o amor... Vede! Quando se faz um retiro ou um jubileu, fica-se cheio de bons desejos; esses bons desejos são o sopro do Espírito Santo que passou sobre a nossa alma e tudo renovou, qual esse vento quente

que derrete o gelo e traz de novo a primavera... Vós que não sois, entretanto grandes santos, tendes muitos momentos em que saboreais as doçuras da oração e da presença de Deus: são visitas do Espírito Santo. Quando temos o Espírito Santo, o coração se dilata, banha-se do amor divino. O peixe nunca se queixa de ter água demais; assim também o bom cristão nunca se queixa de estar por demasiado tempo com Deus. Há quem ache a religião fastidiosa, é que esses não têm o Espírito Santo.

Se se dissesse aos condenados: "Por que é que estais no inferno?" Eles responderiam: "Por termos resistido ao Espírito Santo". E se disséssemos aos santos: "Por que é que estais no Céu?" Eles responderiam: "Por termos escutado o Espírito Santo..." Quando nos vêm bons pensamentos, é o Espírito Santo que nos visita.

O Espírito Santo é uma força. Era o Espírito Santo que sustentava São Simeão sobre a coluna; era ele que sustentava os mártires. Se não fosse o Espírito Santo, os mártires teriam caído como a folha das árvores. Quando acendiam contra eles as fogueiras, o Espírito Santo extinguiu o calor do fogo pelo calor do amor divino.

Deus, enviando-nos o Espírito Santo, fez a nosso respeito como um grande rei que encarregasse o seu ministro de conduzir um súbdito seu, dizendo: "Acompanhareis este homem por toda a parte, e a mim o reconduzireis são e salvo". Como é belo, meus filhos, ser acompanhado pelo Espírito Santo. É um bom guia esse... E dizer que há quem não o queira seguir!...

O Espírito Santo é como um homem que tivesse um carro com um bom cavalo, e que nos quisesse levar à capital. Teríamos só que dizer sim e pular dentro... É realmente um belo negócio dizer sim!... Pois bem! O Espírito Santo quer levar-nos para o Céu; temos só que dizer sim e deixarmo-nos conduzir.

O Espírito Santo é como um jardineiro que trabalha a nossa alma... O Espírito Santo é o nosso *criado*...

Eis aí uma espingarda: Vós a carregais... mas é preciso alguém para lhe por o fogo e dispará-la... Assim também, há em nós com que fazer o bem...

É o Espírito Santo que põe o fogo, e as boas obras partem.

O Santo Espírito repousa nas almas justas, como a pomba no ninho. Acalenta os bons desejos, como a pomba os seus filhotes.

O Espírito Santo nos guia como uma mãe guia o filho de dois anos pela mão... como uma pessoa que enxerga, guia um cego.

Os sacramentos que Nosso Senhor instituiu não nos salvariam se não fosse o Espírito Santo. A própria morte de Nosso Senhor ser-nos-ia inútil se não fosse ele. Foi por isto que Nosso Senhor disse aos seus apóstolos: "É útil para vós que eu vá. porque, se eu não me fosse, o Consolador não viria..." Era preciso que a descida do Espírito Santo viesse frutificar essa messe de graças. É como um grão de trigo; vós o lançais em terra; mas é preciso o sol e a chuva para fazê-lo medrar e ascender em espiga.

Dever-se-ia dizer cada manhã: "Meu Deus, enviai-me o vosso Espírito que me faça conhecer o que eu sou e o que sois vós" ("*Noverim te, noverim me!* Que eu vos conheça e me conheça!" dizia Santo Agostinho.)

## CAPITULO V

### CATECISMO SOBRE A SANTÍSSIMA VIRGEM

O Pai compraz-se em olhar o coração da Santíssima Virgem como a obra-prima das Suas Mãos; ama-se sempre a própria obra, sobretudo quando é bem feita; o Filho, como o coração de sua Mãe, fonte na qual hauriu o sangue que nos remiu; o Espírito Santo, como seu templo.

Os profetas publicaram a glória de Maria antes do seu nascimento; compararam-na ao sol. De facto, a aparição da Santíssima Virgem bem pode comparar-se a um belo sol num dia de névoas.

Antes da sua vinda, a cólera de Deus estava suspensa sobre as nossas cabeças como uma espada prestes a nos ferir. Logo que a Santíssima Virgem apareceu na terra, essa cólera foi aplacada... Ela não sabia que devia ser a Mãe de Deus, e, quando era pequena, dizia: “Quando verei essa bela criatura que deve ser a Mãe de Deus?”

A Santíssima Virgem gerou duas vezes, na encarnação e ao pé da cruz: é, pois duas vezes Nossa Mãe.

Compara-se com frequência a Santíssima Virgem a uma mãe, porém ela é ainda muito melhor do que a melhor das mães; porquanto a melhor das mães castiga às vezes o filho que lhe dá desgosto; bate-lhe mesmo; e julga fazer bem. Mas a Santíssima Virgem não faz assim: é tão boa que nos trata sempre com amor e nunca nos castiga.

O Coração dessa boa Mãe é só amor e misericórdia; Ela só deseja é ver-nos felizes. Basta só volvermo-nos para Ela para sermos atendidos...

O Filho tem a sua justiça, a Mãe tem só o seu amor.

Deus amou-nos até o ponto de morrer por nós; mas no Coração de Nosso Senhor há a justiça, que é um atributo de Deus; no da Santíssima Virgem há só a misericórdia... Seu Filho estava prestes a punir um pecador, Maria se lança, detém o gládio, impetra graça para o pobre culpado: "Minha

Mãe, diz-lhe Nosso Senhor, eu não vos posso recusar nada. Se o inferno pudesse arrepende-se, Vós lhe alcançaríeis o perdão".

A Santíssima Virgem conserva-se entre seu Filho e nós. Quanto mais pecadores somos, tanto mais compaixão e ternura tem ela por nós. O filho que mais lágrimas custou a sua mãe é o mais caro ao coração desta. Uma mãe não corre sempre ao mais fraco e mais exposto? Um médico, num hospital, não tem mais atenção para os mais doentes?

O Coração de Maria é tão terno para nós, que o de todas as mães reunidas não passa de um pedaço de gelo ao pé do dela.

Vede como a Santíssima Virgem é boa! O seu grande servo S. Bernardo dizia-lhe muitas vezes: Ave, Maria... Um dia essa boa mãe respondeu-lhe: Ave, meu filho Bernardo...

*A Ave-Maria* é uma oração que nunca fatiga.

Quando se fala dos objetos da terra, do comércio, da política... cansa-se, mas quando se fala da SS. Virgem, é sempre coisa nova.

A devoção à Santíssima Virgem é untuosa, doce, nutritiva.

Todos os santos têm grande devoção à Santíssima Virgem; nenhuma graça vem do Céu sem passar pelas Mãos Dela. Ninguém entra numa casa sem falar ao porteiro: pois bem! A SS. Virgem é a porteira do Céu.

Quando se quer oferecer alguma coisa a um grande personagem, faz-se apresentar esse objeto pela pessoa que ele prefere, a fim de que a homenagem lhe seja mais agradável. Assim as nossas preces, apresentadas pela Santíssima Virgem, têm merecimento muito maior, porque a Santíssima Virgem é a única criatura que nunca ofendeu a Deus. Só a Santíssima Virgem foi quem cumpriu o primeiro mandamento: *Um só Deus adorarás e amarás perfeitamente*. Ela o cumpriu integralmente... Tudo o que o Filho pede ao Pai lhe é concedido. Tudo o que a Mãe pede ao Filho lhe é igualmente concedido.

Quando as nossas mãos tocam aromas, embalsamam tudo o que tocam; façamos passar as nossas preces pelas Mãos da Santíssima Virgem, e ela as embalsamará.

Eu penso que no fim do mundo a Santíssima Virgem estará bem tranquila; mas enquanto durar o mundo, ela será puxada para todos os lados... A Santíssima Virgem é como uma mãe que tem muitos filhos. Está continuamente ocupada em correr de um a outro.

## CAPITULO VI

### CATECISMO SOBRE A SANTIFICAÇÃO DO DOMINGO

Vós trabalhais, trabalhais, meus filhos, porém o que ganhais vos arruína a alma e o corpo. Se se perguntasse a esses que trabalham no domingo: "Que é que acabais de fazer?", eles poderiam responder: "Acabo de vender meu burro ao demónio, de crucificar Nosso Senhor e de renunciar ao meu baptismo. Vou para o inferno... Terei que chorar toda uma eternidade por um nada..." Quando eu vejo uns que carregam no domingo, penso que carregam a sua alma para o inferno.

Oh! Como se ilude nos seus cálculos aquele que se afana no domingo, com o pensamento de que vai ganhar mais dinheiro ou fazer mais trabalho! Acaso um pouco mais de dinheiro poderá compensar o dano que ele causa a si próprio, violando a lei de Deus? Vós imaginais que tudo depende do vosso trabalho; vem, porém, uma doença, um acidente... . É preciso tão pouca coisa! Uma tempestade, uma chuva de granizo, uma geada. Deus tem tudo nas mãos; pode vingar-se como quiser; meios não lhe faltam. Não é sempre Ele que é o mais forte? E não deve Ele permanecer o Senhor no fim?

Havia uma vez uma mulher que viera procurar o seu vigário e lhe pedir licença para apanhar o seu feno no domingo. "Mas, diz-lhe o vigário, não é necessário; o vosso feno não corre risco algum". A mulher insistiu, dizendo: "O sr. quer então que eu deixe morrer a minha colheita?" Foi ela quem morreu à tarde mesmo... Ela estava mais em perigo do que a sua colheita...

Trabalhai, não para a comida que perece, mas para a que dura para a vida eterna (Jo 6, 27). Que vos rende o haverdes trabalhado no domingo? Deixais bem a terra tal qual é quando vos ides embora; não levais nada. Ah! Quando se está apegado à terra, não é bom ir-se dela!...

O nosso primeiro fim é ir para Deus; só estamos na terra para isto.

Meus irmãos, deveríamos morrer no domingo e ressuscitar na segunda-feira.

O domingo é o bem de Deus; é o dia dele, o dia do Senhor. Ele fez todos os dias da semana; podia reservá-los todos para si; deu-vos, no entanto seis e reservou para Si apenas o sétimo. Com que direito tocais naquilo que vos não pertence? Sabeis que o bem roubado nunca aproveita. O dia que roubais ao Senhor tão pouco vos aproveitará. Conheço dois meios bem seguros de se ficar pobre: trabalhar no domingo e tomar o bem de outrem.

## CAPITULO VII

### CATECISMO SOBRE A PALAVRA DE DEUS

Meus filhos, não é pouca coisa a palavra de Deus! As primeiras palavras de Nosso Senhor aos seus Apóstolos foram estas: "Ide e instrui..." para fazer-nos ver que a instrução passa à frente de tudo.

Meus filhos, que é que nos faz conhecer a nossa religião? São as instruções que ouvimos. Que é que nos dá o horror do pecado... nos faz enxergar a beleza da virtude... nos inspira o desejo do Céu? As instruções. Que é que faz conhecer aos pais e às mães os deveres que têm a cumprir para com seus filhos, aos filhos os deveres que têm a cumprir para com seus pais? As instruções.

Meus filhos, por que se costuma ser tão cego e tão ignorante? Porque não se faz caso da palavra de Deus. Há alguns que não dizem sequer um Pai-Nosso e uma Ave-Maria para pedir a Deus a graça de bem ouvi-la e aproveitá-la.

Eu creio, meus filhos, que uma pessoa que não ouve a palavra de Deus como é preciso, não se salvará; não saberá o que é preciso fazer para isso. Mas com uma pessoa instruída há sempre recurso. Por mais que se extravie por toda a sorte de maus caminhos, pode-se sempre esperar que ela torne ao bom Deus cedo ou tarde, ainda quando só fosse na hora da morte. Ao passo que uma pessoa que não é instruída é como uma pessoa que definha, como um doente em agonia que não tem mais conhecimento: não conhece nem a grandeza do pecado, nem a beleza da sua alma, nem o preço da virtude; arrasta-se de pecado em pecado como um trapo que arrastam na lama.

Vede, meus filhos, a estima que Nosso Senhor tem da palavra de Deus; àquela mulher que grita: "Bem-aventurados os peitos que vos criaram e o ventre que vos trouxe!" ele responde: "Quão mais felizes aqueles que escutam a palavra de Deus e a põem em prática!"

Nosso Senhor, que é a própria verdade, não faz menos caso da sua palavra que do seu corpo. Eu não sei se faz mais mal ter distrações durante a missa do que durante as instruções; não vejo diferença. Durante a missa, deixam-se perder os merecimentos da Morte e Paixão de Nosso Senhor, e durante a instrução deixa-se perder a sua palavra, que é Ele próprio. Santo Agostinho diz que é tão mal feito quanto tomar o cálice depois da Consagração e despejá-lo debaixo dos pés.

Meus filhos, muitos terão escrúpulo de faltar à Santa Missa porque, faltando a ela por sua culpa, cometem um grande pecado; mas não têm escrúpulo de faltar a uma instrução. Não pensam que se possa ofender a Deus gravemente desse modo. No dia do Juízo, quando lá estiverdes todos ao meu lado e o bom Deus vos disser: "Dá-me conta das instruções e dos catecismos que ouvistes e dos que poderias ter ouvido!..." haveis de pensar de modo bem diverso.

Meus filhos, sai-se durante as instruções, passa-se a instrução a rir, não se escuta, acredita-se ser sábio demais para vir ao catecismo... acreditais, meus filhos, que isso passará assim? Oh! Não, por certo! Deus disporá as coisas bem diversamente.

Reparai, como é triste! Pais e mães ficaram fora durante as instruções; entretanto, eles são obrigados a instruir os filhos, mas que quereis que eles lhes ensinem? Eles próprios não são instruídos. Tudo isso corre para o inferno... É pena!

Meus filhos, tenho notado que não há momento em que se tenha mais vontade de dormir do que durante as instruções... Dir-me-eis: "Tenho sono demais..." Se eu tomasse um violino, ninguém pensaria em dormir; tudo se mexeria, tudo ficaria alerta...

Meus filhos, escuta-se ainda um padre que convém; mas se é um padre que não convém, metem-no a ridículo ... Não se deve agir tão humanamente. Não é ao *cadáver* que se deve olhar. Seja qual for o padre, é sempre o instrumento de que Deus se serve para distribuir a sua santa palavra. Suponde que fazeis passar licor por um funil: seja o funil de ouro ou de cobre, se o licor for bom será sempre bom.

Há uns que se vão embora repetindo em todos os tons: "Os padres dizem bem o que querem". Não, meus filhos, os padres não dizem o que querem; dizem o que há no Evangelho... Os padres que vieram antes de nós disseram o que nós dizemos; os que vierem depois de nós dirão a mesma coisa. Se nós disséssemos coisas que não estivessem no Evangelho, o sr. bispo logo nos proibiria de pregar. Nós só dizemos o que Nosso Senhor ensinou.

Meus filhos, vou citar-vos um exemplo que mostra o que é não crer no que os padres dizem. Havia dois soldados que passavam por um local onde se fazia uma missão. Um deles propôs ao camarada irem ao sermão; e foram. O missionário pregava sobre o inferno: "Acreditais tudo o que diz esse cura? perguntou o menos mau dos dois. — Oh! não, respondeu o outro, acredito que são *besteiras* para fazer medo ao mundo. — Pois bem! Eu acredito; e para te provar que acredito vou deixar o estado militar e vou entrar num convento. — Vai para onde quiseres! Eu, eu continuo o meu caminho". E eis que, continuando o seu caminho, cai doente e morre. O outro, que estava no convento, soube da morte dele e se põe em orações para que Deus lhe faça conhecer em que estado morreria o companheiro. Um dia, estando a rezar, aparece-lhe o companheiro; ele o reconhece e pergunta-lhe: "Onde estás tu? — No inferno, estou condenado! — Desgraçado! Crês agora no que disse o missionário? — Sim, creio. Os missionários só têm uma falta, é não dizerem a centésima parte das penas que se sofrem aqui".

Meus filhos, penso muitas vezes que o maior número dos cristãos que se condenam, condenam-se por falta de instrução... Entende-se mal a religião. Reparai: eis aqui, por exemplo, uma pessoa que deverá ir ao seu trabalho. Essa pessoa tem o pensamento de fazer grandes penitências, de passar a metade da noite em orações; se for instruída, dirá a si: "Não, não devo fazer isso, porque não poderei cumprir o meu dever amanhã. Terei sono, e a menor coisa me impacientará; ficarei aborrecido todo o dia, não poderei fazer nada, não farei nem a metade do trabalho que faria se tivesse repousado à noite; não devo fazer isso..." Reparai ainda, meus filhos: um servo terá o pensamento de jejuar, mas precisa passar todo o dia a cavar ou a lavar a terra. Se esse servo for instruído, dirá: "Entretanto, se eu não fizer isto, não poderei contentar meus amos". Pois bem! Que fará ele? Almoçará

e se mortificará de outra maneira. Eis o que é preciso fazer; é preciso sempre nos comportarmos do modo que deve dar mais glória a Deus.

Uma pessoa sabe de outra que está na miséria, e tirará de seus pais para aliviar essa miséria. Certamente ela faria muito melhor em pedir do que em tirar. Se os pais recusarem dar-lhe, ela pedirá a Deus que inspire uma pessoa rica a fazer a esmola em lugar dela.

Uma pessoa instruída tem sempre dois guias que marcham na sua frente: o conselho e a obediência.

## CAPITULO VIII

### CATECISMO SOBRE A ORAÇÃO

Vede, meus filhos: o tesouro de um cristão não está na terra, está no Céu. Pois bem! O nosso pensamento deve estar onde está o nosso tesouro.

O homem tem uma bela função, a de rezar e de amar... Vós rezais, vós amais: eis a felicidade do homem na terra!

A oração não é outra coisa senão uma união com Deus. Quando se tem o coração puro e unido a Deus, sente-se um bálsamo, uma doçura que inebria, uma luz que deslumbra. Nessa união íntima, Deus e a alma são como dois pedaços de cera fundidos juntos; não se pode mais separá-los. É uma coisa bem bela essa união de Deus com a sua criaturinha. É uma felicidade que não se pode compreender.

Nós havíamos merecido não rezar; mas Deus, na sua bondade, permitiu-nos falar-lhe. A nossa oração é um incenso que Ele recebe com extremo prazer.

Meus filhos, vós tendes um coração pequeno, mas a oração dilata-o e torna-o capaz de amar a Deus... A oração é um antegoço do Céu, um derramamento do Paraíso. Nunca nos deixa sem doçura. É um mel que desce à alma e adoça tudo. As penas derretem-se ante uma oração bem feita, como a neve diante do sol.

A oração faz passar o tempo com grande rapidez, e tão agradavelmente, que a gente não lhe percebe a duração. Reparai, quando ou percorria a Bresse, no tempo em que os pobres curas estavam quase todos doentes, rezava a Deus ao longo do caminho. Asseguro-vos que o tempo não me durava.

Veem-se alguns que se perdem na oração como o peixe na água, porque são todos de Deus. No seu coração não há intermédio. Oh! Como gosto dessas almas generosas!... S. Francisco de Assis e Santa Clara viam Nosso

Senhor e lhe falavam como nós nos falamos. Ao passo que nós, quantas vezes vimos à igreja sem saber o que vimos fazer e o que queremos pedir! E, entretanto quando vamos à casa de alguém, sabemos bem porque vamos... Há uns que parecem dizer a Deus: "Vou dizer-Vos duas palavras para me ver livre de Vós..." Eu penso com frequência que quando nós vimos adorar Nosso Senhor, alcançaríamos tudo o que quiséssemos se lhe pedíssemos com uma fé bem viva e um coração bem puro. Mas sucede justamente que estamos sem fé, sem esperança, sem desejo e sem amor...

Há dois gritos no homem: o grito do anjo e o grito da besta. O grito do anjo é a oração; o grito da besta é o pecado. Os que não rezam, curvam-se para a terra como uma toupeira que procura fazer um buraco para se esconder. São todos terrenos, todos embrutecidos, e só pensam nas coisas do tempo... como aquele avarento a quem administravam um dia os sacramentos; quando lhe apresentaram a beijar um crucifixo de prata, disse ele: "Aí está uma cruz que pesa bem dez onças".

O Céu, se houvesse nele um dia sem adoração, não seria mais o Céu; e se os pobres condenados, apesar dos seus sofrimentos, pudessem adorar, não haveria mais inferno. Ai! Eles tinham um coração para amar a Deus, uma língua para bendizê-lo: era o seu destino... E agora, condenaram-se a maldizê-lo durante toda a eternidade. Se eles pudessem esperar vir a rezar uma vez ao menos durante um minuto, esperariam por esse minuto com tal impaciência que isso lhes amenizaria os tormentos.

*Pai Nosso, que estais nos Céus... Oh! Como é belo, meus filhos, ter um pai no Céu!... — Venha a nós o vosso reino!... Se eu fizer reinar Deus no meu coração, Ele me fará reinar consigo na sua glória. — Seja feita a vossa vontade!... Não há nada tão doce quanto fazer a vontade de Deus, e nada tão perfeito... Para fazer bem as coisas, é preciso fazê-las como Deus quer, em toda a conformidade com os seus desígnios. — O pão nosso de cada dia nos dai hoje... Nós temos duas partes, a alma e o corpo. Pedimos a Deus que alimente o nosso pobre *cadáver*, e ele nos responde fazendo a terra produzir tudo quanto é necessário à nossa subsistência... Mas lhe pedimos que alimente a nossa alma, que é a mais bela parte de nós mesmos; e a terra é pequena demais para fornecer à nossa alma com que saciá-la; ela tem fome de Deus, e só Deus pode enchê-la. Por isso o bom Deus não julgou*

fazer demais ficando na terra e tomando um corpo a fim de que esse corpo se tornasse o alimento das nossas almas. "Minha carne, disse Nosso Senhor, é verdadeiramente comida... O pão que Eu vos vou dar é a Minha Carne para a vida do mundo".

O pão das almas está no tabernáculo. O tabernáculo é o *guarda-comida* dos cristãos... Oh! Como é belo, meus filhos! Quando o sacerdote apresenta a hóstia e vo-la mostra, a vossa alma pode dizer: Eis a minha comida!... Ó meus filhos, nós temos felicidade demais!... Só no Céu o compreenderemos. Como é pena!

## CAPITULO IX

### CATECISMO SOBRE O SACERDOTE

Meus filhos, chegamos ao sacramento da Ordem. É um sacramento que parece não dizer respeito a ninguém dentre vós, e que diz respeito a toda a gente. Esse sacramento eleva o homem até Deus. Que é o sacerdote? Um homem que ocupa o lugar de Deus, um homem que é revestido de todos os poderes de Deus. "Ide, diz Nosso Senhor ao sacerdote. Assim como Meu Pai me enviou, assim Eu vos envio... Todo o poder Me foi dado no Céu e na terra. Ide, pois, instruí todas as nações... Quem vos escuta a Mim escuta; quem vos despreza a Mim despreza".

Quando o padre perdoa os pecados, não diz: "Deus vos perdoe". Diz: "Eu vos absolvo". Na Consagração, ele não diz: "Isto é o Corpo de Nosso Senhor". Diz: "Isto é Meu Corpo".

S. Bernardo diz-nos que tudo veio por Maria, pode-se dizer também que tudo nos veio pelo sacerdote: sim, todas as venturas, todas as graças, todos os dons celestes.

Se não tivéssemos o sacramento da Ordem, não teríamos Nosso Senhor. Quem foi que o pôs aí nesse tabernáculo? Foi o Padre. Quem foi que recebeu vossa alma à sua entrada na vida? O Padre. Quem a alimenta para lhe dar a força de fazer a sua peregrinação? O Padre. Quem a prepara para comparecer perante Deus, lavando essa alma pela primeira vez no sangue de Jesus Cristo? O Padre, sempre o Padre. E se essa alma vier a morrer, quem a ressuscitará? Quem lhe restituirá a calma e a paz? Ainda o Padre. Não vos podeis lembrar de um só benefício de Deus sem encontrardes, ao lado dessa lembrança, a imagem do Padre.

Ide-vos confessar à Santíssima Virgem ou a um anjo: eles vos absolverão? Não. Dar-vos-ão o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor? Não. A Santíssima Virgem não pode fazer descer Seu Divino Filho à hóstia. Tivésseis aí duzentos anjos, e eles não poderiam absolver-vos. Um padre,

por mais simples que seja, pode-o; pode dizer-vos: "Ide em paz, eu vos perdo". Oh! Como o padre é alguma coisa de grande!

O padre só será bem compreendido no Céu... Se o compreendêssemos na terra, morreríamos não de pavor, mas de amor...

Os outros benefícios de Deus de nada nos serviriam sem o padre. De que serviria uma casa cheia de ouro, se não tivésseis ninguém para vos abrir a porta? O padre tem a chave dos tesouros celestes; é ele quem abre a porta; ele é o ecónomo de Deus, o administrador dos seus bens.

Se não fosse o padre, a Morte e a Paixão de Nosso Senhor de nada serviriam. Vede os povos selvagens: de que lhes serviu que Nosso Senhor morresse? Ai! Eles não poderão ter parte no benefício da redenção enquanto não tiverem padres para lhes fazerem a aplicação do Seu Sangue.

O padre não é padre para si: não dá a si a absolvição, não administra a si os sacramentos. Ele não é para si, é para vós.

Depois de Deus, o sacerdote é tudo!... Deixai uma paróquia vinte anos sem padre, adorarão ali os animais.

Se o sr. missionário e eu nos fôssemos embora, vós diríeis: "Que fazer nesta igreja? Não há mais missa; Nosso Senhor não está mais nela, tanto vale rezar em casa..."

Quando se quer destruir a religião, começa-se por atacar o padre, porque onde quer que não haja mais padre, não há mais sacrifício, e onde não há mais sacrifício, não há mais religião.

Quando o sino vos chama à Igreja, se vos perguntassem: "Onde ides?" Poderíeis responder: "Vou alimentar minha alma". Se vos perguntassem, mostrando-vos o tabernáculo: "Que é essa porta dourada? — É a copa: é o *guarda-comida* de minha alma. — Quem é que tem a chave dele, quem faz as provisões, quem apronta o festim, quem serve à mesa? — É o padre. — E a comida? — É o precioso Corpo de Nosso Senhor..." Ó meu Deus, meu Deus, como nos amastes!...

Vede o poder do padre! A língua do padre, de um pedaço de pão faz um Deus! É mais do que criar o mundo. Alguém dizia: "Santa Filomena obedece então ao Cura d'Ars?" Certo, ela bem pode obedecer-lhe, já que Deus lhe obedece.

Se eu encontrasse um padre e um anjo, cumprimentaria o padre antes de cortejar o anjo. Este é o amigo de Deus, mas o padre faz as vezes de Deus... Santa Teresa beijava o lugar por onde um padre havia passado...

Quando virdes um padre, deveis dizer: "Eis aquele que me tornou filho de Deus e me abriu o Céu pelo santo baptismo, aquele que me purificou depois do meu pecado, que dá a comida à minha alma..." À vista de um campanário, podeis dizer: "Que há ali? — O Corpo de Nosso Senhor. — E por que está Ele ali? — Porque um padre passou por ali e disse missa".

Que alegria tinham os apóstolos depois da ressurreição de Nosso Senhor, por verem o Mestre que tanto haviam amado! O padre deve ter a mesma alegria vendo Nosso Senhor que ele segura nas mãos... Dá-se grande valor aos objetos que foram depositados na escudela da SS. Virgem e do Menino Jesus em Loreto. Mas os dedos do padre, que tocaram a Carne adorável de Jesus Cristo, que mergulharam no cálice onde esteve o Seu Sangue, no cibório onde esteve o Seu Corpo, não são porventura mais preciosos?...

O sacerdote é o amor do Coração de Jesus. Quando virdes o padre, pensai em Nosso Senhor Jesus Cristo.

## CAPITULO X

### CATECISMO SOBRE O SANTO SACRIFÍCIO DA MISSA

Todas as boas obras reunidas não equivalem ao Santo Sacrifício da Missa, porque são obras dos homens, e a Missa é obra de Deus. O martírio não é nada em comparação: é o sacrifício que o homem fez a Deus da sua vida; a Missa é o sacrifício que Deus fez ao homem do Seu Corpo e do Seu Sangue.

Oh! Como o sacerdote é algo de grande! Se ele se compreendesse, morreria... Deus lhe obedece: ele diz duas palavras, e Nosso Senhor desce do Céu à sua voz e encerra-se numa pequena hóstia. Deus detém os seus olhares sobre o altar. "Lá está, diz Ele, Meu Filho bem amado, em quem pus todas as Minhas Complacências". Aos méritos do oferecimento dessa vítima ele nada pode recusar. Se tivéssemos fé, veríamos a Deus oculto no padre como uma luz por detrás de um vidro, como vinho misturado com água.

Depois da Consagração, quando eu seguro nas mãos o Santíssimo Corpo de Nosso Senhor, e quando estou nas minhas horas de desalento, só me vendo digno do inferno, digo: "Ah! Se ao menos eu pudesse levá-lo comigo! O inferno seria doce junto *Dele*, não me custaria ficar nele toda a eternidade a sofrer, se nele estivéssemos juntos... Mas então não haveria mais inferno; as chamas do amor apagariam as da justiça".

Como é belo! Depois da Consagração, Deus está aqui como no Céu!... Se o homem conhecesse bem este mistério, morreria de amor. Deus nos poupa por causa da nossa fraqueza.

Um sacerdote, depois da Consagração, duvidava um pouco de que as suas poucas palavras pudessem ter feito Nosso Senhor descer sobre o altar; no mesmo instante viu a hóstia toda vermelha e o corporal tinto de sangue.

Se nos dissessem: "A tal hora devem ressuscitar um morto", correríamos bem depressa para vê-lo. Mas a Consagração que muda o pão e

o vinho no Corpo e no Sangue de um Deus, não é um milagre bem maior do que ressuscitar um morto? Deveríamos empregar ao menos um quarto de hora para nos prepararmos a ouvir bem a missa. Dever-nos-íamos aniquilar diante de Deus, a exemplo do seu profundo aniquilamento no sacramento da Eucaristia, fazer o nosso exame de consciência; porquanto, para bem assistir à missa é preciso estar em estado de graça.

Se conhecêssemos o valor do Sacrifício da Missa, ou, antes, se tivéssemos fé, teríamos muito mais zelo em assistir a ele.

Meus filhos, estais lembrados da história que eu vos contei daquele santo sacerdote que rezava pelo amigo; aparentemente Deus lhe fizera conhecer que ele estava no purgatório; veio-lhe ao pensamento que ele nada podia fazer de melhor do que oferecer o Santo Sacrifício da Missa pela alma do amigo. Quando chegou ao momento da Consagração, ele tomou a hóstia entre os dedos e disse: "Pai santo e eterno, façamos uma troca. Vós tendes a alma de meu amigo que está no purgatório, e eu tenho o Corpo de Vosso Filho, que está em minhas mãos; pois bem! Livrai meu amigo, e eu vos ofereço Vosso Filho com todo o merecimento da sua Morte e Paixão". De facto, no momento da elevação, ele viu a alma do amigo, toda radiante de glória, que subia ao Céu.

Pois bem! Meus filhos, quando quisermos alcançar alguma coisa do bom Deus, façamos assim também. Depois da Sagrada Comunhão, oferecemos-lhe seu Filho bem amado com todos os merecimentos da sua Morte e Paixão; ele não nos poderá recusar nada.

## CAPITULO XI

### CATECISMO SOBRE A PRESENÇA REAL

Nosso Senhor está ali escondido à espera de que O venhamos visitar e fazer-lhe os nossos pedidos. Vede como Ele é bom! Acomoda-se à nossa fraqueza... No Céu, onde estaremos triunfantes e gloriosos, vê-Lo-emos em toda a Sua glória; se Ele se apresentasse agora com essa glória diante de nós, nós nem ousaríamos aproximar-nos Dele; mas Ele se oculta como uma pessoa que estivesse numa prisão, e diz-nos: "Vós não Me vedes, mas isto não importa! Pedi-Me tudo o que quiserdes, e Eu vo-lo concederei", Ele está ali no seu sacramento de amor a suspirar e a interceder incessantemente junto a seu Pai pelos pecadores. A que ultrajes não está exposto para ficar no meio de nós? Está ali para nos consolar; por isto devemos visitá-Lo amiudadamente. Quanto um quarto de hora que roubamos às nossas ocupações, a algumas inutilidades, para virmos visitá-Lo, exorá-Lo, consolá-Lo de todas as injúrias que recebe, lhe é agradável! Quando Ele vê virem com afã as almas puras, sorri-lhes... Elas vêm, com essa simplicidade que tanto Lhe agrada, pedir-Lhe perdão para todos os pecadores, dos insultos de tantos ingratos. Que felicidade não sentimos na presença de Deus, quando nos achamos sós, a seus pés, diante dos santos tabernáculos!... "Eis, minha alma, redobra de ardor! Estás sozinho para adorar a teu Deus; os seus olhares repousam sobre ti só..." Esse bom Salvador é tão cheio de amor por nós que nos procura por toda a parte!...

Atentai, meus filhos, quando acordardes à noite, transportai-vos em espírito para diante do tabernáculo, e dizei a Nosso Senhor; "Meu Deus, eis-me aqui! Venho adorar-Vos, louvar-Vos, bendizer-Vos, agradecer-Vos, amar-Vos, fazer-Vos companhia com os anjos!..." Dizei as orações que souberdes, e se vos achardes na impossibilidade de rezar, escondi-vos por detrás do vosso bom anjo, e encarregai-o de rezar em vosso lugar.

Meus filhos, quando entrardes na igreja e tomardes água benta, quando levardes a mão à frente para fazer o sinal da cruz, olhai para o tabernáculo: Nosso Senhor Jesus Cristo entreabre-o no mesmo momento para vos abençoar.

Ah! Se nós tivéssemos os olhos dos anjos, vendo a Nosso Senhor Jesus Cristo que está aqui presente nesse altar, e que nos olha, como o haveríamos de amar! Não quereríamos mais separar-nos Dele; quereríamos ficar sempre a Seus Pés; seria um antegoço do Céu; tudo o mais se nos tomaria insípido. Mas vede!... É a fé que falta. Nós somos uns pobres cegos; temos névoa nos olhos. Só a fé poderia dissipar essa névoa. Daqui a pouco, meus filhos, quando eu segurar Nosso Senhor nas mãos, quando o bom Deus vos abençoar, pedi-Lhe pois que vos abra os olhos do coração: dissei-Lhe como o cego de Jericó: "Senhor, fazei que eu veja!" Se Lhe disserdes sinceramente: "Fazei que eu veja!", alcançareis certamente o que desejais, porque Ele quer a vossa felicidade. Ele tem as mãos cheias de graças, procurando a quem distribuí-las. Ai! E ninguém as quer... Ó indiferença! Ó ingratidão!... Meus filhos, nós somos demasiado infelizes de não compreendermos estas coisas! Compreendê-las-emos bem uma vez, mas já não será tempo!...

Nosso Senhor está ali como vítima... por isto, reparai! Uma oração bem agradável a Deus é pedir à SS. Virgem que ofereça ao Pai eterno seu divino Filho, todo sangrento, todo dilacerado, pela conversão dos pecadores: é a melhor oração que se possa fazer, visto que afinal todas as orações se fazem em nome e pelos merecimentos de Jesus Cristo. Meus filhos, escutai bem isto: todas as vezes que eu alcancei uma graça, pedi-a dessa maneira; isto nunca falhou. Quando fizerdes a Sagrada Comunhão, deveis ter sempre uma intenção, e dizer, no momento de receber o Corpo de Nosso Senhor: "Ó Meu Bom Pai que estais nos Céus, ofereço-vos neste momento vosso querido Filho, tal como O tiraram, como O desceram da cruz, como O depositaram nos braços da Santíssima Virgem, e como Ela vo-Lo ofereceu em sacrifício por nós. Ofereço-Vos O Vosso Santíssimo Corpo, e pela boca de sua Santíssima Mãe rogo-Vos a remissão dos meus pecados, a fim de alcançar tal ou tal graça: a fé, a caridade, a humildade..."

Devemos ainda agradecer a Deus todas essas indulgências que nos purificam dos nossos pecados. Mas não se lhes presta atenção. Anda-se sobre as indulgências, poder-se-ia dizer, como depois da ceifa se anda por sobre os molhos de trigo. Vede: sete anos e sete quarentenas ouvindo o catecismo, trezentos dias recitando as Ladainhas da Santíssima Virgem, a

*Salve Rainha, o Angelus.* Enfim, Deus multiplica-nos as suas graças: por isto, como sentimos, no fim da nossa vida, não as termos aproveitado!

Quando estivermos diante do SSmo. Sacramento, em vez de olharmos em redor de nós, fechemos os olhos e abramos o coração; Deus abrirá o seu. Nós iremos a Ele, Ele virá a nós, um para pedir, o outro para receber: será como um sopro de um a outro. Quanta doçura não achamos em nos esquecermos para buscar a Deus!

É como nos primeiros tempos em que eu me achava em Ars... Escutai bem isto, meus filhos: havia um homem que nunca passava diante da igreja sem entrar. De manhã, quando ia para o trabalho, à tarde, quando voltava, deixava à porta a pá e a picareta, e ficava longo tempo em adoração diante do SSmo. Sacramento. Oh! Eu gostava bem disso!... Perguntei-lhe uma vez o que é que ele dizia a Nosso Senhor durante as longas visitas que Lhe fazia. Sabeis o que ele me respondeu: "Oh, senhor Cura, eu não digo nada a Ele. *Eu olho para Ele e Ele olha para mim! ...*" (Aqui as lágrimas interrompiam a voz do santo catequista). E ele prosseguia: "Como é belo, meus filhos, como é belo!!!"

Os santos perdiam-se para não verem senão a Deus, não trabalharem senão para Ele; esqueciam todos os objetos criados para só acharem a Ele; é assim que se chega ao Céu...

## CAPITULO XII

### CATECISMO SOBRE A COMUNHÃO

Nosso Senhor disse: "Tudo o que pedirdes a meu Pai em meu nome, Ele vos concederá". Jamais teríamos pensado em pedir a Deus Seu Próprio Filho. Mas aquilo que o homem não poderia imaginar, Deus o fez. Aquilo que o homem não pode dizer nem conceber, e que nunca se atreveria a desejar. Deus, no seu amor, disse-o, concebeu-o e executou-o. Ousaríamos nós jamais dizer a Deus que fizesse morrer seu Filho por nós, que nos desse Sua Carne a comer e Seu Sangue a beber? Se tudo isso não fosse verdadeiro, o homem poderia então imaginar coisas que Deus não pode fazer; teria ido mais longe que Deus nas invenções do amor?... Não é possível.

Sem a divina Eucaristia, não haveria felicidade neste mundo, a vida não seria suportável. Quando recebemos a Sagrada Comunhão, recebemos a nossa alegria e a nossa felicidade.

O bom Deus, querendo dar-Se a nós no sacramento do Seu amor, deu-nos um desejo vasto e grande que *Só Ele* pode satisfazer... Ao lado desse belo sacramento nós somos como uma pessoa que morre de sede ao lado de um córrego; entretanto, teria só que curvar a cabeça!... Como uma pessoa que fica pobre ao lado de um tesouro; entretanto teria só que estender a mão!

Aquele que comunga perde-se em Deus como uma gota da água no oceano. Não se pode mais separá-los. Se pensássemos bem nisto, haveria razão para nos perdermos pela eternidade nesse abismo de amor!...

No dia do Juízo ver-se-á brilhar a Carne de Nosso Senhor, através do corpo glorificado daqueles que O tiveram recebido dignamente na terra, como se vê brilhar ouro em cobre ou prata em chumbo.

Quando acabamos de comungar, se alguém nos dissesse: "Que é que levais convosco para casa?" poderíamos responder: "Levo o Céu". Um

santo dizia que nós éramos uns *Porta-Deuses*. É bem verdade, mas nós não temos bastante fé. Não compreendemos a nossa dignidade. Saindo da Mesa Santa, somos tão felizes quanto os magos, se pudessem ter levado consigo o Menino Jesus.

Tomai um vaso cheio de licor e tapai-o bem: conservareis o licor enquanto quiserdes. Assim também, se conservásseis bem Nosso Senhor no recolhimento, depois da comunhão, sentiríeis por muito tempo esse fogo devorador que inspiraria ao vosso coração um pendor para o bem e uma repugnância para o mal.

Quando temos a Deus no nosso coração, deve este ficar bem ardente. O coração dos discípulos de Emaús ardia só de ouvi-Lo.

Não gosto, quando alguém vem da Mesa Sagrada que se ponha imediatamente a ler. Oh, não; de que serve a palavra dos homens quando é Deus que fala?... Deve-se fazer como alguém que é bem curioso e que escuta às portas. Deve-se escutar tudo o que o bom Deus diz à porta do nosso coração.

Quando haveis recebido a Nosso Senhor, sentis vossa alma purificada, que se banha no amor de Deus.

Quando se faz a Sagrada Comunhão, sente-se qualquer coisa de extraordinário, um bem-estar que percorre todo o corpo e se espalha até as extremidades. Que é esse bem-estar? É Nosso Senhor que se comunica a todas as partes do nosso corpo e as faz palpitar. Somos obrigados a dizer, como S. João: "*É o Senhor!*" Os que não sentem completamente nada são bem para lastimar!

## CAPITULO XIII

### CATECISMO SOBRE A COMUNHÃO FREQUENTE

Meus filhos, todos os seres da criação precisam alimentar-se para viver: foi por isto que Deus fez crescer as árvores e as plantas; é uma mesa bem servida, onde todos os animais vêm tomar cada um o alimento que lhe convém. Mas é preciso que a alma também se alimente. Onde está então o alimento dela? Meus filhos, quando Deus quis dar um alimento à nossa alma para sustentá-la na peregrinação da vida, passeou o olhar sobre a criação e não achou nada que fosse digno dela. Então dobrou-se sobre si mesmo e resolveu dar-se... Ó minha alma, como és grande, já que só Deus é que te pode contentar!... O alimento da alma é o Corpo e o Sangue de um Deus! Ó belo alimento! A alma só pode alimentar-se de Deus! Só Deus lhe basta! Só Deus pode enchê-la! Só Deus lhe pode matar a fome! É-lhe preciso absolutamente o seu Deus!... Que felizes são as almas puras que têm a dita de se unirem a Nosso Senhor pela comunhão! No Céu, elas brilharão como belos diamantes, porque Deus se verá nelas (*Gloria ejus in te videbitur*, disse o Espírito Santo - Is 60, 2). Há em todas as casas um lugar onde se conservam as provisões da família: é a copa. A Igreja é a casa das almas; é a nossa casa, de nós que somos cristãos. Pois bem! Nessa casa há uma copa. Vede o tabernáculo? Se se perguntasse às almas dos cristãos: Que é aquilo? Vossas almas responderiam: "É a copa".

Não há nada tão grande, meus filhos, como a Eucaristia! Ponde todas as boas obras do mundo contra uma comunhão bem feita; será como um grão de pó diante de uma montanha. Fazei um pedido quando tiverdes a Deus no vosso coração; Deus nada vos poderá recusar se Lhe oferecerdes Seu Filho e os merecimentos de Sua Santa Morte e Paixão.

Meus filhos, se se compreendesse o preço da Sagrada Comunhão, evitar-se-iam as menores faltas para ter a felicidade de fazê-la mais amiúde. Conservar-se-ia a própria alma sempre pura aos olhos de Deus. Reparai, meus filhos, suponho que vos tenhais confessado hoje; haveis de velar sobre vós mesmos; ficareis contentes com o pensamento de que amanhã tereis a ventura de receber o bom Deus no vosso coração... Amanhã, tão

pouco, podereis ofender a Deus; vossa alma estará toda embalsamada do Sangue Precioso de Nosso Senhor... Ó bela vida!!!

Ó meus filhos, como será bela na eternidade uma alma que tiver recebido frequente e dignamente o bom Deus! O Corpo de Nosso Senhor brilhará através do nosso corpo, Seu Sangue adorável através do nosso sangue; nossa alma ficará unida à alma de Nosso Senhor durante toda a eternidade... Será lá que ela gozará de uma felicidade pura e perfeita!... Meus filhos, quando uma alma que recebeu Nosso Senhor entra no paraíso, aumenta a alegria do Céu. Os anjos e a Rainha dos anjos vêm ao encontro dela, porque reconhecem o Filho de Deus nessa alma. É então que ela se indemniza das penas e dos sacrifícios que tiver suportado durante a vida.

Meus filhos, sabe-se quando uma alma recebeu dignamente o sacramento da Eucaristia. Ela fica tão mergulhada no amor, tão penetrada e mudada, que não a reconhecem mais nas suas acções, nas suas palavras... É humilde, é mansa, é mortificada, é caridosa, é modesta, harmoniza-se com todos. É uma alma capaz dos maiores sacrifícios; enfim não é mais reconhecível.

Ide pois à comunhão, meus filhos, ide a Jesus com amor e confiança! Ide viver Dele, a fim de viver por Ele! Não digais que tendes demasiado que fazer. O divino Salvador não disse: "Vinde a Mim vós que trabalhais e estais sobrecarregados... vinde a Mim, e eu vos aliviarei?" Poderíeis resistir a um convite tão cheio de ternura e de amizade? — Não digais que não sois dignos. É verdade, não sois dignos, mas precisais Dele. Se Nosso Senhor tivesse tido em mira a nossa dignidade, nunca teria instituído o Seu Belo Sacramento de amor; porque ninguém no mundo é digno Dele, nem os santos, nem os anjos, nem os arcanjos, nem a Santíssima Virgem... mas Ele teve em mira as nossas necessidades, e nós todos precisamos Dele. — Não digais que sois pecadores, que tendes demasiadas misérias e que é por isto que não ousais aproximar-vos Dele. Eu gostaria outro tanto de vos ouvir dizer que estais demasiado doentes, e que é por isto que não quereis tomar remédio, nem chamar o médico...

Todas as orações da missa são uma preparação para a comunhão; e toda a vida de um cristão deve ser uma preparação para essa grande acção.

Devemos trabalhar por merecer receber a Nosso Senhor todos os dias. Como deveríamos ficar humilhados quando vemos os outros irem à Santa Mesa, e nós ficarmos imóveis no nosso lugar! Como é feliz um anjo custódio que conduz uma bela alma à Santa Mesa! Na primitiva Igreja, comungava-se todos os dias. Quando os cristãos se arrefeceram, substituiu-se o pão bento ao Corpo de Nosso Senhor; é ao mesmo tempo uma consolação e uma humilhação... é pão bento, na verdade, mas não é o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor!

Há alguns que fazem todos os dias a comunhão espiritual com pão bento. Se estivermos privados da comunhão sacramental, substituamo-la, tanto quanto possível, pela comunhão espiritual, que podemos fazer a cada instante; porquanto devemos estar sempre em um desejo ardente de receber o bom Deus.

A comunhão faz à alma como *um sopro de fole* num fogo que começa a apagar-se, mas onde há ainda muita brasa: sopra-se, e o fogo se reanima. Depois da recepção dos sacramentos, quando sentimos o amor de Deus esmorecer, depressa a comunhão espiritual!... Quando não pudermos vir à igreja, volvamo-nos para a banda do tabernáculo. O bom Deus não tem parede que o detenha. Digamos cinco Pai-Nossos e cinco Ave-Marias para fazer a comunhão espiritual... Nós só podemos receber a Deus uma vez por dia; uma alma abrasada de amor supre a isso pelo desejo de recebê-lo a cada instante.

Ó homem, como és grande!... Alimentado e abeberado do Sangue de um Deus! Oh, que doce vida essa vida de união com Deus! É o Paraíso na terra: não há mais cruces! Quando tendes a ventura de receber o bom Deus, sentis durante algum tempo um gozo, um bálsamo no coração!... As almas puras são sempre assim; por isto essa união lhes faz a força e a ventura.

Meus filhos, as pessoas que recebem a Sagrada Comunhão no momento da morte são bem felizes! No juízo particular, que se faz imediatamente após a morte, Deus Pai vê seu Filho nelas; não pode condená-las ao inferno. Oh, não... Vede, meus filhos, como é vantajoso receber os últimos sacramentos!

## CAPITULO XIV

### CATECISMO SOBRE O PECADO

O pecado é o verdugo de Deus e o assassino da alma. É ele que nos arranca do Céu para nos precipitar no inferno. E nós gostamos dele!... Que loucura! Se pensássemos bem nisto, teríamos tão vivo horror do pecado, que não poderíamos cometê-lo.

Ó meus filhos, como somos ingratos! Deus quer fazer-nos felizes, bem certo! Só nos deu Sua lei para isto. A lei de Deus é grande, é larga. O rei David dizia que achava nela as suas delícias e que era um tesouro mais precioso para ele do que as maiores riquezas. Dizia ainda que andava num caminho espaçoso porque tinha procurado os mandamentos do Senhor (Sl 18, 14-15). O bom Deus quer, pois, fazer-nos felizes, e nós não o queremos! Desviamos-nos Dele e damos-nos ao demônio! Fugimos do Nosso Amigo e buscamos o nosso carrasco!... Cometemos o pecado, afundamo-nos na lama. Uma vez metidos nesse lodaçal, não sabemos mais sair dele. Se isso tivesse que ver com a nossa fortuna, nós bem saberíamos safar-nos desse mau passo; mas como só tem que ver com a nossa alma, ficamos nele...

Nós nos vamos confessar todos preocupados com a vergonha que vamos sentir. Acusamo-nos *a vapor*, Dizem que há muitos que se confessam e poucos que se convertem. Bem o creio, meus filhos; é que poucos há que se confessam com as lágrimas do arrependimento.

Vede: a desgraça é que não se reflete. Se se dissesse a esses que trabalham no domingo, a uma jovem que acaba de dançar, duas ou três horas, a um homem que sai bêbado do "cabaret": "Que é que acabais de fazer! Acabais de crucificar Nosso Senhor". Eles ficariam muito admirados: é que não pensam nisso. Meus filhos, se pensássemos nisso, ficaríamos horrorizados; ser-nos-ia impossível fazer o mal. Porquanto, que fez Deus para O magoarmos assim, para O fazermos morrer de novo, a Ele que nos remiu do inferno? Seria mister que todos os pecadores, quando vão aos seus prazeres culpados, encontrassem no caminho, como S. Pedro, Nosso Senhor

que lhes dissesse: "Eu vou a esse lugar onde tu vais também, para ser nele crucificado de novo". Talvez isso os fizesse refletir.

Os santos compreendiam a grandeza do ultraje que o pecado faz a Deus. Há alguns que passaram a vida a chorar seus pecados. S. Pedro chorou toda a vida; chorava ainda na morte. S. Bernardo dizia: "Senhor! Senhor! Fui eu quem vos pregou na cruz!"

Pelo pecado nós desprezamos a Deus, crucificamos a Deus! Que pena perderem-se almas que custaram tantos sofrimentos a Nosso Senhor!... Que mal nos fez Nosso Senhor para o tratarmos desse modo?... Se os pobres condenados pudessem tornar a terra!... Se estivessem em nosso lugar!...

Oh! Como somos insensatos! O bom Deus nos chama a Si, e nós lhe fugimos! Ele quer fazer-nos felizes, e nós não queremos saber da Sua felicidade! Ele nos manda amá-Lo, e nós damos o nosso coração ao demónio! Empregamos em perder um tempo que Ele nos propiciou para nos salvarmos. Fazemos-Lhe guerra com os meios que Ele nos deu para servi-Lo!...

Quando ofendemos a Deus, se olhássemos para o nosso crucifixo, ouviríamos Nosso Senhor dizer-nos no fundo d'alma: "Quereis então pôr-te também ao lado de meus inimigos? Queres então crucificar-Me de novo?" Lançai os olhos sobre Nosso Senhor pregado na cruz, e dizei-vos: "Eis o que custou a Meu Salvador para reparar a injúria que os meus pecados fizeram a Deus!..." Um Deus que desce à terra para ser vítima dos meus pecados, um Deus que sofre, um Deus que morre, um Deus que atura todos os tormentos porque quis carregar o peso dos nossos crimes!... À vista da cruz, compreendemos a malícia do pecado e o ódio que lhe devemos ter. Reentremos em nós mesmos; vejamos o que temos a fazer para reparar a nossa pobre vida!...

Deus nos dirá na morte: "Por que foi que Me ofendeste, a Mim que te amava tanto?"... Como é pena! Ofender o bom Deus, que nunca nos fez senão bem! Contentar o demónio, que só mal nos pode fazer!... Que loucura!

Não é uma verdadeira loucura podermos gozar desde esta vida as alegrias do Céu, unindo-nos a Deus pelo amor, e querermos tornar-nos dignos do inferno, ligando-nos com o demónio?... Não se pode compreender bastante essa loucura; não se pode chorá-la bastante... Parece que os pobres pecadores não querem esperar pela sentença que os condenará à sociedade dos demónios; condenam-se eles próprios.

O paraíso, o inferno e o purgatório têm uma espécie de antegozo desde esta vida. O purgatório está nas almas que não estão mortas a si mesmas; o inferno está no coração dos ímpios; o Paraíso no coração dos perfeitos, que estão bem unidos a Nosso Senhor.

## CAPITULO XV

### SOBRE O MESMO ASSUNTO

O que vive no pecado toma os hábitos e a forma dos animais. O animal, que não tem a razão, só conhece os seus apetites; do mesmo modo, o homem que se torna semelhante aos animais perde a razão e deixa-se guiar pelos movimentos do seu *cadáver*. Põe o seu prazer em beber bem, em comer bem e gozar das vaidades do mundo, que passam como o vento. Eu lastimo os pobres infelizes que correm atrás desse vento... Ganham bem pouco; dão muito por um proveito bem pequeno; dão a sua eternidade pela mísera fumaça do mundo.

Meus filhos, como é triste quando uma alma está em estado de pecado! Pode morrer nesse estado, e então tudo o que ela fez já não tem mérito diante de Deus. É por isto que o demónio fica tão contente quando uma alma está no pecado e persevera nele; porque ele pensa que ela trabalha para ele e que, se ela viesse a morrer, ele a teria... No pecado a nossa alma é toda *sarnenta toda podre; faz pena...* O pensamento de que o bom Deus a olha deveria fazê-la entrar em si mesma. E depois, que prazer temos nós no pecado? Nenhum. Temos sonhos medonhos... de que o demónio nos carrega... de que caímos em precipícios... Ponde-vos bem com Deus, recorrei ao sacramento da penitência: dormireis tranquilos como um anjo. Ficamos contentes de acordar à noite para falar ao bom Deus... só temos na boca acções de graças; elevamo-nos com grande facilidade para o Céu, como uma águia que fende os ares.

Vede, meus filhos, como o pecado degrada o homem! De um anjo criado para amar a Deus ele fez um demónio que o amaldiçoará por toda a eternidade... Ah! Se Adão, nosso primeiro pai, não tivesse pecado, e se nós não pecássemos todos os dias, como seríamos felizes! Seríamos tão felizes como os santos no Céu. Não haveria mais infelizes na terra. Oh! Como seria belo!...

Efetivamente, meus filhos, é o pecado que atrai sobre nós todas as calamidades, todos os flagelos: a guerra, a peste, a fome, os terremotos, os

incêndios, a geada, a saraiva, as tempestades, tudo quanto nos desola, tudo o que nos infelicita.

Vede, meus filhos, uma pessoa que está em estado de pecado é sempre triste. Por mais que faça, está aborrecida, entediada de tudo; ao passo que a que está em paz com Deus, está sempre contente, sempre alegre... Ó bela vida!... e bela morte!...

Meus filhos, nós temos medo da morte... bem creio! É o pecado que nos faz ter medo da morte: é o pecado que torna a morte horrorosa, pavorosa; é o pecado que assusta o mau na hora do terrível trânsito. Ai! Meu Deus! Há bem de que ficar assustado... Pensar que se está amaldiçoado! E amaldiçoado por Deus!... Isto faz tremer... Amaldiçoado por Deus! E por quê? Porque é que os homens se expõem a ser amaldiçoados por Deus?... Por uma blasfêmia, por um mau pensamento, por uma garrafa de vinho, por dois minutos de prazer!... Por dois minutos de prazer perder a Deus, a própria alma, o Céu, para sempre!... Ver-se-á subir ao Céu, em corpo e alma, esse pai, essa mãe, essa irmã, esse vizinho, que estava lá junto de nós, com quem havemos vivido, mas que não imitamos; ao passo que nós desceremos em corpo e alma ao inferno para arder nele. Os demónios rolar-se-ão sobre nós. Todos os demónios cujos conselhos houvermos seguido virão atormentar-nos...

Meus filhos, se vísseis um homem levantar uma grande fogueira, empilhar gravetos uns sobre os outros, e, perguntando-lhe o que estava fazendo, ele vos respondesse : "Estou preparando o fogo que me deverá queimar", que pensaríeis? E se vísseis esse mesmo homem aproximar à chama da fogueira, e, quando está acesa, atirar-se dentro... que diríeis? Cometendo o pecado, é assim que nós fazemos. Não é Deus que nos lança ao inferno, somos nós que nos lançamos nele pelos nossos pecados. O condenado dirá: "Perdi a Deus, minha alma e o Céu: foi por minha culpa, por minha culpa, por minha máxima culpa!..." Elevar-se-á do braseiro para tornar a cair nele... Sentirá sempre a necessidade de se elevar, porque era criado para Deus, o maior, o mais alto dos seres, o *Altíssimo*... como uma ave num aposento voa até ao teto e torna a cair... a justiça de Deus é o teto que detém os condenados.

Não há necessidade de provar a existência do inferno. O próprio Nosso Senhor fala dele quando conta a história do mau rico que clamava: "Lázaro! Lázaro!" Bem se sabe que há um inferno, mas vive-se como se não houvesse; vende-se a própria alma por algumas moedas.

Adiamos a nossa conversão para a morte; mas quem nos assegura que teremos o tempo e a força nesse momento temível que todos os santos recearam, em que o inferno se congrega para desferir-nos um último assalto, vendo que é o instante decisivo?

Muitos há que perdem a fé, e só vêm o inferno, entrando nele.

Não, verdadeiramente, se os pecadores pensassem na eternidade, nesse terrível *sempre!*... Haveriam de se converter imediatamente... Há perto de seis mil anos que Caim está no inferno, e mal acabou de entrar nele.

## CAPITULO XVI

### CATECISMO SOBRE O ORGULHO

O orgulho é esse maldito pecado que expulsou os anjos do paraíso e os precipitou no inferno. Esse pecado começou com o mundo.

Vede, meu filhos, peca-se por orgulho de diferentes maneiras. Uma pessoa terá orgulho no traje, na linguagem, na postura, até no modo de andar. Há pessoas que, quando estão na rua, andam com ufanía e parecem dizer ao mundo que as vê: "Vejam como eu sou grande, como sou empertigado e sei andar bem!" Outras, que, quando fazem algum bem nunca acabam de contá-lo, e, se deixam de fazê-lo, ficam desoladas, pensando que vão ter má opinião delas... Outras que se incomodam muito de estar com pobres quando encontram pessoas conhecidas; procuram sempre a companhia de ricos. Se por acaso, são recebidas pelos grandes do mundo, gabam-se, tiram disso vaidade. Há outras que têm orgulho falando: examinam o que vão dizer, enforçam-se na boa linguagem, e, se lhes não ocorre uma palavra, ficam muito aborrecidas, por terem medo de que manguem delas. Ah! Meus filhos, uma pessoa humilde não é isso... Quer zombem dela, quer a estimem, quer a desprezem, quer lhe prestem atenção, quer a deixem de lado, para ela é a mesma coisa.

Reparai, meus filhos, se quiserdes conhecer quando uma pessoa é orgulhosa, escutai-a a falar: será sempre ela quem terá a palavra; ela só falará de si; terá sempre feito melhor que os outros; só ela é que faz bem; censura todas as acções dos outros, esperando deste modo salientar as suas.

Meus filhos, há ainda pessoas que fazem grandes esmolas para se fazerem estimar: *isso não!*. ... Essas pessoas não tirarão fruto algum das suas boas obras. Ao contrário, as suas esmolas se tornarão pecado.

Nós pomos o orgulho em toda a parte, como o sal. Gostamos de ver as nossas boas obras conhecidas. Se prestam atenção à vossa virtude, ficamos alegres: se percebem os nossos defeitos, ficamos tristes. Noto isto em grande número de pessoas; se lhes dizem alguma coisa, isso as inquieta,

aborreça-as. Os santos não eram assim; afligiam-se se as suas virtudes eram conhecidas, e ficavam contentes de que vissem a sua imperfeição.

Uma pessoa orgulhosa julga que tudo o que ela faz é bem feito; quer dominar sobre todos quantos tratam com ela; tem sempre razão; julga sempre o seu sentir melhor que o dos outros... *Não é isto!* Uma pessoa humilde e instruída, se lhe perguntam o seu sentir, diz muito simplesmente, depois de deixar falar os outros. Quer eles tenham razão, quer não, ela não diz mais nada.

S. Luís Gonzaga, quando era menino de escola e lhe censuravam alguma coisa, nunca procurava desculpar-se; dizia o que pensava, e não se incomodava mais com o que pensavam os outros. Se estava errado, estava errado; se tinha razão, dizia a si: "Estive errado outras vezes".

Meus filhos, os santos eram tão mortos a si mesmos, que pouco se lhes dava que os outros fossem da sua opinião. Dizem no mundo: "Oh! os santos eram simples!" Sim, eles eram simples para as coisas do mundo; mas para as coisas de Deus, eram *bem entendidos*. Não compreendiam nada das coisas do mundo, *por certo!* Porque elas lhes pareciam de tão pouca importância que eles não lhes davam atenção.

## CAPITULO XVII

### CATECISMO SOBRE A IMPUREZA

Para compreender o quanto é horrível e detestável este pecado que os demónios fazem cometer, mas não cometem eles próprios, haveria que saber o que é um cristão. Um cristão criado à imagem de Deus, remido pelo sangue de um Deus! Um cristão, filho de um Deus, irmão de um Deus, herdeiro de um Deus! Um cristão, objeto da complacência das três pessoas divinas! Um cristão, cujo corpo é o templo do Espírito Santo: eis aí o que o pecado desonra!...

Nós somos criados para irmos um dia reinar no Céu, e se temos a desdita de cometer esse pecado, tornamo-nos o alvo dos demónios. Nosso Senhor disse que nada de impuro entrará no seu reino. Com efeito, como quereis que uma alma que se rolou nessas sujeiras vá comparecer perante um Deus tão puro e tão santo?

Nós somos todos como pequenos espelhos em que Deus se contempla. Como quereis que Deus se reconheça numa alma impura?

Há almas que estão tão mortas, tão apodrecidas, que marasmam na sua infecção sem o perceber e não podem mais desvencilhar-se dela. Tudo as leva ao mal, tudo lhes lembra o mal, mesmo as coisas mais santas; elas têm sempre essas abominações diante dos olhos: semelhantes ao animal imundo que se habitua à porcaria, que se agrada nela, que se rola nela, que nela dorme, *que ronca na sujice...* essas pessoas são um objeto de horror aos olhos de Deus e dos santos anjos.

Vede, meus filhos. Nosso Senhor foi coroado de espinhos para expiar os nossos pecados de orgulho; mas por esse maldito pecado ele foi flagelado e posto em pedaços, visto como ele próprio diz que depois da flagelação podiam-se lhe contar os ossos.

Ó meus filhos, se não houvesse algumas almas puras para indenizar a Deus e lhe desarmar a justiça, haveríeis de ver como seríamos punidos...

Porque agora esse crime é tão comum no mundo que faz tremer. Pode-se dizer, meus filhos, que o inferno vomita as suas abominações sobre a terra, como canos do vapor vomitam a fumaça.

O demónio faz tudo quanto pode para sujar a nossa alma e, no entanto nossa alma é tudo... o nosso corpo não é mais que um monte de podridão; ide ver ao cemitério *o que é que se ama quando se ama o próprio corpo*.

Como vos hei dito muitas vezes, não há nada de tão ruim quanto a alma impura. Houve uma vez um santo que pediu a Deus lhe mostrasse uma: viu essa pobre alma como *um animal rebentado de podre* que arrastaram durante oito dias, em pleno sol pelas ruas.

Só em ver uma pessoa reconhece-se se ela é pura. Há nos seus olhos um ar de candura e de modéstia que leva a Deus. Veem-se outras, ao contrário, que têm um ar todo inflamado... Satanás põe-se-lhes nos olhos para fazer cair os outros e arrastá-los ao mal.

Os que perderam a pureza são como uma peça de pano molhada em azeite: lavai-a, fazei-a secar, a mancha volta sempre; assim, também, é preciso um milagre para lavar a alma impura.

## CAPITULO XVIII

### CATECISMO SOBRE A CONFISSÃO

Meus filhos, desde que se tenha uma pequena mancha na alma, deve-se fazer como uma pessoa que tem um belo globo de cristal que guarda cuidadosamente. Se esse globo apanha um pouco de poeira, quando ela o percebe, passa-lhe uma esponja. E eis então o globo claro e brilhante! Do mesmo modo, assim que perceberdes uma manchinha em vossa alma, tomai água benta com respeito, fazei uma dessas boas obras a que está ligada a remissão dos penas: uma esmola, uma genuflexão ao Santíssimo Sacramento, a assistência à Santa Missa...

Meus filhos, isso é como uma pessoa que tem uma pequena doença; não precisa ir ter com o médico, pode curar-se sozinha. Tem dor de cabeça, basta ir deitar-se; tem fome, basta comer. Porém, se é uma doença grave, se é uma chaga perigosa, faz-se preciso o médico; depois do médico, os remédios... *Mesma repetição*... Quando caímos num grande pecado, temos que recorrer ao médico, que é o padre, e ao remédio, que é a confissão.

Meus filhos, não podemos compreender a bondade que Deus teve conosco instituindo esse grande sacramento da Penitência. Se nós tivéssemos uma graça a pedir a Nosso Senhor, nunca pensaríamos em pedir-lhe essa; mas ele previu a nossa fragilidade e a nossa inconstância no bem, e o seu amor levou-o a fazer o que nós não teríamos ousado pedir-lhe.

Se dissessem àqueles pobres condenados que estão no inferno há tanto tempo: "Vamos pôr um padre à porta do inferno. Todos os que quiserem se confessar terão só que sair"; meus filhos, acreditais que ficaria um só? Os mais culpados não receariam dizer os seus pecados, e mesmo dizê-los diante de toda a gente. Oh, como o inferno logo ficaria deserto, e como o Céu se povoaria! Pois bem! Nós temos os tempos e os meios que aqueles pobres réprobos não têm. Por isto, estou bem certo de que aqueles infelizes dizem no inferno: "Maldito padre, se eu nunca te tivesse conhecido, não seria tão culpado!"

É belo, meus filhos, pensar que nós temos um sacramento que cura as chagas de nossa alma! Mas há que recebê-lo com boas disposições. Do contrário, são novas chagas sobre as antigas.

Que diríeis de um homem que está coberto de ferimentos? Aconselham-lhe que vá ao hospital mostrar seu mal ao médico. O médico cura-o, dando-lhe remédios. Eis, porém, que esse homem pega da faca e se dá grandes golpes, e se faz mais mal do que tinha antes? Pois bem! É o que vós fazeis muitas vezes saindo do confessional.

Meus filhos, há pessoas que fazem más confissões sem se darem bem conta disto. Essas pessoas dizem: "Não sei o que tenho..." São atormentadas e não sabem porquê... não têm essa agilidade que faz ir direito a Deus; têm não sei que de pesado, de aborrecido, que as fatiga. Meus filhos, são pecados que ficam, muitas vezes mesmo pecados veniais aos quais se tem afeto. Há uns que dizem tudo, mas não têm arrependimento, e fazem a comunhão assim... Eis o sangue de Nosso Senhor profanado!... Vai-se à Santa Mesa com certo tédio. Diz-se: "Entretanto, eu bem acusei todos os meus pecados. Não sei o que tenho". E comunga-se nessa dúvida. Eis aí uma comunhão indigna, sem que se tenha percebido isso!

Meus filhos, há outros ainda que profanam os sacramentos de outro modo. Terão ocultado pecados mortais há dez anos, há vinte anos. Sempre são atormentados; sempre o seu pecado lhes está presente ao espírito; sempre eles têm o pensamento de dizê-lo, e sempre o enxotam: é um inferno. Quando essas pessoas vêem isso, pedem para fazer uma confissão geral, e dizem os seus pecados como se acabassem de como tê-los; não confessam que os ocultaram durante dez anos, vinte anos. Eis aí uma má confissão! Deve-se dizer ainda que, desde esse tempo, se deixaram as suas práticas de religião, que não mais se sentiu aquele prazer que se tinha de servir a Deus.

Meus filhos, alguns se expõem ainda a profanar o sacramento quando aproveitam o momento em que fazem barulho ao redor do confessional para confessar os pecados que mais custam. Esses dizem: "Eu bem os acusei; tanto pior se o confessor não os ouviu!" Antes, tanto pior para vós, que agistes com astúcia!... Outras vezes fala-se depressa, aproveitando o

momento em que o padre não está atento, para se aviar em fazer passar os pecados grandes.

Vede: uma casa onde tiver havido por muito tempo toda a sorte de sujeiras e porcarias, por mais que a varram, haverá sempre nela mau cheiro. O mesmo se dá com a nossa alma depois da confissão: para purificá-la, é preciso lágrimas.

Meus filhos, é preciso pedir o arrependimento. É preciso, depois da confissão, plantar um espinho no coração e nunca perder de vista os próprios pecados. Há que fazer como o Anjo fez a S. Francisco de Assis: plantou-lhe cinco dardos que nunca saíram.

## CAPITULO XIX

### CATECISMO SOBRE A ESPERANÇA

Meus filhos, vamos agora falar sobre a esperança; é ela que faz toda a felicidade do homem na terra. Há uns neste mundo que esperam demais, e outros que não esperam bastante. Há uns que dizem: "Vou ainda cometer este pecado. Não me custará mais confessar quatro do que confessar três". É como se um menino dissesse ao pai: "Vou dar no sr. quatro bofetadas; não me custará mais do que dar uma; ficarei quite com o sr. pedindo-lhe perdão".

Aí está como se age para com Deus. Diz-se: "Vou ainda me divertir este ano, ir à dança, ao cabaré, e no ano próximo me converterei. Quando eu quiser voltar a ele, o bom Deus por certo me receberá. Ele não é tão mau quanto os padres dizem". Não, o bom Deus não é mau, porém é justo. Julgais que Ele se acomodará a todas as vossas vontades? Acreditais que, depois de O desprezardes toda a vossa vida, Ele se vos vá lançar ao pescoço? Oh, não!... Há uma medida de graça e de pecado no fim da qual Deus se retira. Que diríeis de um pai que tratasse do mesmo modo um filho bem procedido e outro que o não fosse tanto? Haveríeis de dizer: "Esse pai não é justo". Pois bem! Deus não seria justo se não fizesse diferença entre os que o servem e os que o ofendem.

Meus filhos, presentemente há tão pouca fé no mundo, que ou se espera demais ou se desespera. Há uns que dizem: "Tenho feito demasiado mal; Deus não me pode perdoar".

Meus filhos, é uma grossa blasfêmia; é pôr limite à misericórdia de Deus, e ela não tem limites; é infinita. Ainda quando tivésseis feito tanto mal quanto preciso para perder uma paróquia, se vos confessardes, se estiverdes pesarosos de haver feito esse mal e não o quiserdes tornar a fazer, o bom Deus vo-lo perdoará.

Havia uma vez um padre que pregava sobre a esperança e sobre a misericórdia de Deus. Tranquilizava os outros, mas ele próprio se

desesperava. Depois do sermão apresentou-se um moço que lhe disse: "Meu padre, venho confessar-me". O padre lhe disse: "Estou pronto para confessá-lo". O outro fez-lhe a confissão das suas culpas, depois do que acrescentou: "Meu padre, eu cometi muito mal, estou perdido!... — Que está dizendo, meu amigo? nunca se deve desesperar..." O jovem levanta-se: "Meu padre, o sr. não quer que eu desespere; e o sr?... " Foi um raio de luz; o padre, todo admirado, enxotou aquele pensamento de desespero, fez-se religioso e foi um grande santo... O bom Deus lhe enviara um anjo sob a forma de um jovem, para lhe fazer ver que não se deve desesperar.

O bom Deus é tão pronto em conceder-nos o perdão, quando nós Lhe pedimos, como uma mãe é pronta em retirar o filho do fogo.

Reparai, meus filhos. Nosso Senhor é na terra como uma mãe que carrega o filho nos braços. Esse filho é mau, dá pontapés na mãe, morde-a, arranha-a; porém, a mãe nem sequer presta atenção; sabe que, se o largar, ele cairá, não poderá andar só... Aí tendes como é Nosso Senhor... atura todos os nossos maus tratos; suporta todas as nossas arrogâncias; perdoa-nos todas as tolices; tem pena de nós contra a nossa vontade.

## CAPITULO XX

### CATECISMO SOBRE AS VIRTUDES CARDEAIS

...A prudência faz-nos discernir o que será mais agradável a Deus e mais útil à salvação de nossa alma. Deve-se sempre escolher o mais perfeito. Apresentam-se duas boas obras por fazer, uma em favor de uma pessoa a quem amamos, outra em favor de alguém que nos fez mal; pois bem! É a esta última que se deve dar preferência.

Não há merecimento em fazer o bem, quando é um sentimento natural que nos leva a isso. Uma senhora, querendo ter consigo uma viúva para cuidar de si, mandou pedir a Santo Atanásio que lhe arranjasse uma entre os pobres. Mais tarde, encontrando-se com o bispo, fez-lhe censuras por tê-la servido mal, visto que aquela pessoa era boa demais e não lhe fazia ganhar nada para o Céu; pediu-lhe que lhe desse outra. O santo escolheu a pior que pôde achar; um caráter resmungador, avesso, nunca contente com o que faziam por ela. É assim que se deve agir; pois não há grande mérito em fazer bem a alguém que no-lo leva a bem, que nos agradece, que se mostra penhorado.

Há pessoas que acham que nunca as tratam bastante bem; parece que tudo lhes é devido. Não agradecem o que se faz por elas; pagam a todos com ingratidão... Pois bem! É a essa que se deve fazer bem de preferência. Há que usar de prudência em todas as nossas acções, procurar não o nosso gosto, mas o que mais agrada a Deus. Suponho que tendes certa quantia que destinais a mandar dizer uma missa; vedes uma pobre família que está na miséria, a que falta pão; mais vale dar o vosso dinheiro a esses infelizes, porque o Santo Sacrifício se celebrará sempre; o padre não deixará de dizer a Santa Missa; ao passo que aquela pobre gente pode morrer de fome... Tendes vontade de rezar a Deus, de passar o vosso dia na igreja; pensais, porém, que seria bem útil trabalhar para alguns pobres que conheceis que estão em grande necessidade; isto é muito mais agradável a Deus do que o vosso dia passado ao pé dos santos tabernáculos.

Outra virtude cardeal é a temperança: é temperar a própria imaginação, não a deixar galopar tão depressa quanto quereria... temperar os olhos, temperar a boca; há uns que têm constantemente na boca algo de doce, de agradável... temperar os ouvidos: não se lhes permite ouvirem cantigas e discursos inúteis... temperar o olfato: há pessoas que se perfumam a ponto de enjoar os que lhe estão ao redor... temperar as mãos: há outras que estão sempre a se lavar quando faz calor, que procuram manejar coisas macias ao tacto... Enfim, temperar todo o corpo, esta pobre máquina! Não o deixar ir como um cavalo fugido, sem bridão nem freio, mas retê-lo e domá-lo. Há uns que estão perdidos lá no seu leito... que estão contentes de não dormir para melhor sentirem o bem-estar. Os santos não eram assim. Não sei como nos vamos achar ao lado deles... mas eis aqui!... Se nos salvarmos, iremos ficar um tempo infinito no purgatório, ao passo que eles voarão imediatamente para o Céu para verem a Deus.

S. Carlos Borromeu, esse grande santo, tinha no seu aposento um belo leito de cardeal que todos viam; mas, ao lado, havia um que não se via, que era feito de gravetos de pau: era o de que ele se servia. Ele nunca se aquecia; quando vinham visitá-lo, notavam que ele se conservava de modo que não sentisse o fogo. Eis como eram os santos. Viviam para o Céu e não para a terra; eram todos celestes; e nós, nós somos todos terrenos.

Oh! Como gosto dessas pequenas mortificações que não são vistas por ninguém, como levantar-se um quarto de hora mais cedo, levantar-se um momentinho para rezar durante a noite; mas há muitos que só pensam em dormir.

Havia uma vez um solitário que construía para si um *palácio real* num tronco de carvalho: colocara espinhos dentro; amarrara três pedras por cima da cabeça, a fim de que, quando se encostasse ou se virasse, sentisse os espinhos ou as pedras. E nós, nós só pensamos em achar boas camas para dormir nelas à nossa vontade.

Podemos privar-nos de nos aquecermos; se estamos mal sentados, não procurar colocarmo-nos melhor; se passeamos no jardim, privarmo-nos de alguns frutos que fariam prazer; cuidando da casa, podemos não comer algumas coisinhas que se apresentam, privar-nos de ver alguma coisa que atrai o olhar e que é bonito, nas ruas das grandes cidades principalmente.

Há um senhor que vem às vezes aqui. Vem com dois pares de óculos, para não ver nada... Mas há dessas cabeças sempre em movimento, desses olhos que estão sempre no ar. Quando formos pelas ruas, fixemos os nossos olhares em Nosso Senhor carregando a cruz na nossa frente, na SS. Virgem que nos olha, no nosso anjo custódio que está ao nosso lado. Como é bela essa vida interior! Dá-nos a união com Deus. Por isto, quando o demónio vê que uma alma procura chegar a Ela, trata de desviá-la enchendo-lhe a imaginação de mil quimeras. Um bom cristão não escuta isso; vai sempre avante na perfeição, como um peixe que mergulha no fundo dos mares... Nós, ai! Arrastamo-nos como uma sanguessuga na vasa.

Havia duas santas no deserto que se tinham cosido todas de espinhos: e nós que só procuramos o bem-estar! Entretanto, queremos ir para o Céu, mas com todas as nossas comodidades, sem nos molestarmos em nada: não é assim que fazem os santos. Eles buscavam todos os meios de se mortificarem, e no meio de todas as privações provavam um sabor infinito. Como os que amam a Deus tão felizes! Não perdem uma só ocasião de fazer o bem. Os avarentos empregam todos os meios para aumentar o seu tesouro; eles, os que amam a Deus, fazem assim para as riquezas do Céu: juntam-nas sempre... Ficaremos surpresos, no dia do Juízo, de ver almas tão ricas!

## CAPITULO XXI

### CATECISMO SOBRE O SOFRIMENTO

Queiramos ou não, temos que sofrer. Há uns que sofrem como o bom ladrão, e outros como o mau. Ambos sofriam igualmente. Mas um soube tornar seus sofrimentos meritórios; aceitou-os em espírito de reparação, e, voltando-se para o lado de Jesus crucificado, recolheu-lhe da boca estas belas palavras: "Hoje estarás comigo no Paraíso". O outro, ao contrário, dava urros, vociferava imprecações e blasfêmias, e expirou do mais horroroso desespero.

Há duas maneiras de sofrer; sofrer amando e sofrer sem amar. Os santos sofriam tudo com paciência, alegria e perseverança, porque amavam. Nós sofremos com cólera, despeito e frouxidão, porque não amamos. Se amássemos a Deus, amaríamos as cruzes, desejá-las-íamos, comprazer-nos-íamos nelas... Folgaríamos de poder sofrer por amor daquele que se dignou sofrer por nós. De que nos queixamos? Ai! Os pobres infiéis, que não têm a ventura de conhecer a Deus e suas amabilidades infinitas, tem as mesmas cruzes que nós; mas não têm as mesmas consolações.

Dizeis que é duro? Não, é doce, é consolador, é suave: é a felicidade!... Somente há que amar sofrendo, há que sofrer amando.

No caminho da cruz, vede, meus filhos, só o primeiro passo custa. É o temor das cruzes que é a nossa maior cruz...

Não temos coragem de carregar a nossa cruz, andamos bem errados; porquanto, façamos o que fizermos, a cruz nos apanha, não lhe podemos escapar.

Que temos pois a perder? Porque não amarmos as nossas cruzes e não nos servirmos delas para irmos para o Céu?... Mas, ao contrário, a maioria dos homens volta as costas às cruzes e fogem diante delas. Quanto mais correm, tanto mais a cruz os persegue, tanto mais os fere e os esmaga de fardos... Se quereis ser prudentes, caminhai ao encontro dela como Santo

André, que dizia, vendo a cruz erguer-se para ele nos ares: “Salve, ó boa cruz! Ó cruz admirável! Ó cruz desejável!... Recebe-me nos Teus braços, retira-me de entre os homens, e restitui-me ao meu Mestre que me remiu por ti”.

Escutai bem isto, meus filhos: Aquele que vai ao encontro da cruz, anda em sentido oposto às cruzes; encontra-as talvez, mas fica contente de encontrá-las; ama-as; carrega-as com coragem. Elas o unem a Nosso Senhor; tiram-lhe do coração todos os obstáculos; ajudam-no a atravessar a vida, como uma ponte ajuda a passar a água.

Vede os santos: quando não os perseguiam, eles se perseguiam a si próprios... Um bom religioso queixava-se um dia à Nosso Senhor de que o perseguiam. Dizia: "Senhor, que fiz eu para ser tratado assim? Nosso Senhor respondeu-lhe: "E eu, que tinha feito quando me levaram ao Calvário?..." Então o religioso compreendeu, chorou, pediu perdão e não ousou mais queixar-se.

As pessoas do mundo desolam-se quando têm cruzes, e os bons cristãos desconsolam-se quando não as têm. O cristão vive no meio das cruzes como o peixe vive na água.

Vede S. Catarina, que tem duas coroas, a da pureza e a do martírio: quanto essa cara santa está contente de haver preferido sofrer a consentir no pecado!

Havia um religioso que amava tanto o sofrimento, que amarrara ao corpo uma corda de poço; essa corda tinha-lhe esfolado a pele e pouco a pouco se enterrara na carne, de onde saíam vermes. Os religiosos pediram que o despedissem da comunidade. Ele foi, contente e jubiloso, esconder-se no fundo de um antro de rochedo. Porém na mesma noite o superior ouviu uma voz que lhe dizia: "Perdeste o tesouro da casa". Imediatamente, voltaram a buscar aquele bom santo; quiseram ver de onde era que saíam aqueles vermes. O superior mandou tirar a corda, o que se fez revolvendo-lhe todas as carnes. Afinal ele sarou.

Oh! Como sentem doçura as almas que são inteiramente de Deus no sofrimento! É como vinagre em que se põe muito azeite: o vinagre é sempre

vinagre; mas o azeite corrige-lhe o travo e quase não o sentimos mais.

Havia bem perto daqui, numa paróquia da vizinhança, um rapazinho que estava todo esfolado no seu leito, bem doente e bem miserável; eu lhe dizia: "Meu pobre pequeno, tu sofres bem!" Ele respondeu-me: "Não, senhor cura, eu não sinto hoje o meu mal de ontem, e amanhã não sentirei o meu mal de hoje. – Quererias ficar bem? - Não, eu era mau antes de ficar doente; poderia ficar mau outra vez. Estou bem como estou..." Era bem o vinagre, mas o azeite prevalecia... Nós não compreendemos isto, porque somos demasiado terrenos. Meninos em que o Espírito Santo reside metem-nos vergonha.

Se o bom Deus nos manda cruces, agastamo-nos, queixamo-nos, murmuramos, somos tão inimigos de tudo o que nos contraria, que quereríamos estar sempre numa caixa de algodão; é numa caixa de espinhos que nos deveríamos meter.

É pela cruz que se vai para o Céu. As doenças, as tentações, as penas são outras, tantas cruces que nos conduzem ao Céu. Tudo isso logo passará... Vede os santos que chegaram antes de nós... Deus não pede de nós o martírio do corpo, pede-nos apenas o martírio do coração e da vontade... Nosso Senhor é o nosso modelo; tomemos a nossa cruz e sigamo-lo. Façamos como os soldados de Napoleão. Havia que atravessar uma ponte sobre a qual atiravam de metralha: ninguém se atrevia a passar. Napoleão tomou a bandeira, marchou em primeiro e todos o seguiram. Façamos assim também: sigamos Nosso Senhor, que marchou por primeiro.

Um militar contava-me um dia que, numa batalha, marchara durante uma meia hora por sobre cadáveres; quase não havia onde pôr os pés: a terra estava toda tinta de sangue. É assim que no caminho da vida temos que marchar por sobre as cruces e penas para chegarmos à Pátria.

A cruz é a escada do Céu... Como é consolador sofrer sob os olhos de Deus, e podermos dizer, à noite, por ocasião do nosso exame de consciência: "Eia, minha alma! Tiveste hoje duas ou três horas de semelhança com Jesus Cristo: foste flagelada, coroada de espinhos, crucificada com Ele!..." Oh, que tesouro para a morte!... Como é bom morrer quando se viveu na cruz!

Deveríamos correr atrás das cruzes, como o avarento corre atrás do dinheiro... Só as cruzes é que nos tranquilizarão no dia do Juízo. Quando chegar esse dia, como seremos felizes das nossas desditas, ufanos das nossas humilhações e ricos dos nossos sacrifícios!

Se alguém vos dissesse: "Eu bem quisera ficar rico, que devo fazer?" Vós lhe responderíeis: "Deveis trabalhar". Pois bem! Para irmos para o Céu temos que sofrer. Nosso Senhor mostra-nos o caminho na pessoa de Simão Cireneu; chama os seus amigos a carregar a cruz atrás dele.

Deus quer que nunca percamos de vista a cruz: por isto colocam-na por toda a parte ao longo dos caminhos, nas alturas, nas praças públicas, a fim de que a essa vista possamos dizer: "Eis como Deus nos amou!"

A cruz abraça o mundo: está plantada nos quatro cantos do universo; há um pedaço para todos.

As cruzes são na estrada do Céu como uma bela ponte de pedra sobre um rio para atravessá-lo. Os cristãos que não sofrem, passam esse rio sobre uma ponte frágil, uma ponte de fio de ferro, sempre prestes a se lhes partir debaixo dos pés.

Aquele que não ama a cruz bem poderá talvez salvar-se, mas a grande custo: será uma estrelazinha no firmamento. O que tiver sofrido e combatido por seu Deus, esse luzirá como um belo sol.

As cruzes transformadas nas chamas do amor são como um molho de espinhos que se atira ao fogo e que o fogo reduz a cinzas. Os espinhos são duros, mas as cinzas são brandas.

Ponde uma bela uva no lagar, sairá dela um caldo delicioso. Nossa alma, no lagar da cruz, produz um suco que a nutre e fortifica. Quando não temos cruzes, somos áridos: se as carregamos, com resignação, sentimos uma doçura, uma felicidade, uma suavidade!... É o começo do Céu. O bom Deus, a SS. Virgem, os anjos e os santos rodeiam-nos; estão ao nosso lado e vêm-nos.

A passagem para a outra vida do bom cristão, provado pela aflição, é como a de uma pessoa a quem transportam sobre um leito de rosas.

Os espinhos suam o bálsamo e a cruz transpira a doçura. Mas há que apertar os espinhos nas mãos e estreitar a cruz sobre o coração para que eles destilem o suco que contêm.

As contradições põem-nos ao pé da cruz à porta do Céu. Para chegar a este, é preciso que nos andem por cima, que sejamos vilipendiados, desprezados, pisados... Felizes neste mundo são só os que têm a calma da alma no meio das penas da vida: saboreiam as alegrias dos filhos de Deus... Todas as penas são doces quando sofridas em união com Nosso Senhor...

Sofrer! Que importa? É só um momento. Se pudéssemos ir passar oito dias no Céu, compreenderíamos o preço desse momento de sofrimento. Não acharíamos cruz bastante pesada, provação bastante amarga... A cruz é a dádiva que Deus faz aos seus amigos.

Como é belo oferecermo-nos todas as manhãs em sacrifício a Deus, a aceitarmos tudo em expiação dos nossos pecados! Devemos pedir o amor das cruzes: então elas se tornarão doces. Fiz a experiência disto durante quatro ou cinco anos. Fui bem caluniado, bem contradito, bem atropelado. Oh! Eu tinha cruzes... quase as tinha mais do que as podia carregar! Pus-me a pedir o amor das cruzes: então fui feliz. Disse a mim mesmo: "Verdadeiramente, só há felicidade nisso!..." Nunca se deve olhar de onde vêm as cruzes: vêm de Deus. É sempre Deus que nos dá esse meio de lhe provarmos o nosso amor.

## PARTE II

### O CURA D'ARS NAS SUAS HOMILIAS

#### INTRODUÇÃO

Os que só ouviram o Padre Vianney nos seus catecismos conhecem-no só pela metade. Sabem o que havia na sua palavra de luz infusa, de graça sobrenatural, de solidez, de transparência, e às vezes de elevação, profundidade e originalidade; não sabem o que havia nela de vida, de movimento, de calor e de unção. Era nas homilias do domingo que o missionário, o homem apostólico, o oráculo, o profeta inspirado, o santo consumido pela sede da salvação das almas se mostrava sob o seu raro e inimitável aspecto, em toda a força e prestígio da sua possante individualidade. O que lhe caracterizava os discursos era um misto de exaltação e sensibilidade, de fé viva e ardente, de zelo impetuoso, donde resultava, no pregador, a unção na mais alta potência, e no ouvinte a emoção no mais alto grau. Daí, aqueles maravilhosos efeitos que se teve tantas vezes ocasião de notar em Ars: aquela mudança dos corações, aquele abrandamento das vontades, aquele enternecimento, aquelas lágrimas, aquele trabalho profundo que começava ao pé do púlpito e se concluía nas secretas conversas do confessor.

O que aumentava a eloquência da voz era a eloquência do corpo. Aquela fronte larga, circundada duma auréola de cabelos brancos, aqueles traços fortemente perfilados, aquela expressão beatífica que fazia o fundo da fisionomia do santo homem, e, sobretudo o fogo incessantemente móvel do seu olhar trazia consigo uma espécie de fascinação sobrenatural, sob a qual vimos os espíritos mais altivos curvarem-se irresistivelmente, e o catecismo declarar-se vencido.

O género que o Padre Vianney adotara nas suas homilias interessava, cativava, instruía os ouvintes, quaisquer que fossem. Entretanto, cumpre confessar que a eloquência do santo homem era desprovida de todos os ornatos estranhos, que entrara em muito nos sucessos de um pregador. É uma prova a mais da força sobrehumana e do encanto divino do Evangelho,

que, pregado em toda a sua simplicidade, não triunfa menos da pobreza daquele que o anuncia do que das exigências diversas e não raro exageradas dos que o escutaram.

O amor de Nosso Senhor é o princípio de todas as virtudes. Semelhante ao fogo material, esse fogo celeste aquece a alma, purifica-a, diviniza-a. Ora, o meio mais seguro de atear esse fogo no coração dos fiéis é explicar-lhes o Evangelho, esse livro do amor, onde o Salvador se mostra a cada linha, na amabilidade da sua doçura, da sua paciência, da sua humildade, sempre o consolador e o amigo do homem, só lhe falando de amor e concitando-o a votar-se todo a ele, só lhe correspondendo por amor.

Só damos aqui análises incompletas: têm elas ao menos o mérito da fidelidade: fazem reviver o pensamento e às vezes a expressão e a imagem; bastam para dar-nos uma ideia desse género de pregação.

Um dia de festa da Apresentação, o Padre Vianney dizia:

"Já meditastes sobre o amor de que era devorado o coração do velho Simeão durante o seu êxtase? Porque, bem certo que ele estava em êxtase quando tinha o Menino Jesus nos braços. Pedira a Deus ver o Salvador de Israel, e o bom Deus prometeu-lhe. Passou cinquenta anos nessa expectativa, chamando esse momento por todos os seus votos, consumindo-se de desejos. Quando Maria e José entraram no templo, Deus disse a ele: "Ei-lo..." Tomando então nos braços e estreitando ao coração inundado de amor o Menino Jesus, que abrasava aquele coração e o inflamava, o bom velho exclamou: "Agora, Senhor, deixai-me morrer!..." " Depois, restituiu Jesus a sua mãe; só pôde conservá-lo um instante. Mas nós, irmãos, não somos muito mais felizes do que Simeão? Nós podemos conservá-lo sempre, se quisermos... Ele não nos vem só aos braços, mas ao nosso coração.

"Ó homem, como és feliz, mas quão pouco compreendes a tua felicidade! Se a compreendesses, não poderias viver... Oh! não; bem certo, não poderias viver!... (Aqui as lágrimas abafaram a voz do santo Cura). Morrerias de amor!... Esse Deus dá-se a ti... tu podes levá-lo contigo, se quiseres... para onde quiseres... ele faz uma coisa só contigo!..."

O resto do sermão não foi mais que uma série de exclamações entrecortadas de lágrimas e de soluços. Sucedia com frequência que, vencido pela emoção, o santo homem era forçado a parar. Algumas vezes o seu discurso era um mero grito, um grito sublime de amor, de alegria ou de dor. Lembra-nos que, quando explicava o Evangelho do segundo domingo da quaresma, como o arroubo dos apóstolos no Tabor despertasse nele a ideia da ventura da alma chamada a fruir da santa humanidade de Nosso Senhor, na clara visão do Céu, ele exclamou, transportado fora de si: "Vê-lo-emos! vê-lo-emos!... Ó meus irmãos! Já pensastes nisto? Veremos a Deus! Vê-Lo-emos de veras! Vê-Lo-emos tal qual é... face a face!" E durante um quarto de hora não parou de chorar e de repetir: *Vê-Lo-emos! vê-Lo-emos!*

Outra vez, tomara ele por assunto da sua instrução o Juízo Final, e, parando de repente sobre os termos da terrível sentença: "Ide, malditos!", desatava em lágrimas, em gemido, em soluços, e não podia mais senão repetir: "Amaldiçoados por Deus!!! Ah! que horrível desgraça! Compreendeis, meus filhos? Amaldiçoados por Deus!!! Amaldiçoados por Deus, que só sabe abençoar! Malditos de Deus, que é todo amor! Malditos de Deus, que é a própria bondade! Malditos sem remissão! Malditos pata sempre! Malditos de Deus!!!" O auditório estava aterrado.

Outra vez ainda, tendo de tratar do mesmo assunto, dizia ele: "Meus irmãos, quando vier o fim do mundo, cada paroquiano se reunirá ao seu pastor; e Nosso Senhor Jesus Cristo dirá: "Pastor, amaldiçoa-os!" — "Oh, como! Senhor, eu amaldiçoar os filhos que para vós batizei? — Digo-te, pastor, amaldiçoa-os! — Eu, Senhor, amaldiçoar os filhos que para vós instruí, a quem dei o Vosso Santo Corpo, a quem distribuí o pão da vossa palavra?..." O pastor dirá o que fez por eles, e Nosso Senhor Jesus Cristo responderá: "Pastor, eles não te escutaram; amaldiçoa-os! Mando-te, amaldiçoa-os!"

"Ah! meus irmãos, como será doloroso para um pastor amaldiçoar seus filhos! Vós não me acreditais, irmãos, pois bem! Assim será, sim, assim será! E o demónio não poderá apoderar-se da vítima antes que o pastor a tenha amaldiçoado!"

Os seus discursos impregnavam-se às vezes da cor dos acontecimentos contemporâneos, e refletiam alternativamente as alegrias e as tristezas de sua alma.

Ele dizia em 1849:

"Parece que, na ausência do seu Vigário, Nosso Senhor vem ele próprio à terra; retoma a sua humanidade para se mostrar aos homens. Porque sabeis esse novo milagre que acaba de suceder em Roma: haviam exposto o véu com que Verônica enxugou a Santa Face do Nosso Senhor, mas que estava quase apagado pelo tempo. Enquanto os cardeais estavam ajoelhados diante dessa divina imagem, viram reaparecer toda a Santa Face triste, derramando lágrimas. Muitos não o quererão acreditar: fazei distinguir as cores a um cego! Por essa aparição e por essas lágrimas, Nosso Senhor dizia aos cardeais: "Onde está Meu Filho e Vosso Pai? Expulsaram-no; onde está ele?" Assim como Maria dizia a S. Pedro depois da morte de Jesus: "Onde está Vosso Pai e Meu Filho? Não O vejo mais". Nosso Senhor chorou seu Vigário, como um pai que perdeu o filho, como um esposo que perdeu a esposa; fez esse milagre em favor do Papa. Como este deve ser santo! Por isto, que esmola agradável a Deus é dar ao Papa! Pobres sempre tereis entre vós, mas nem sempre tereis ensejo de dar ao Santo Padre. Tereis parte nas suas santas orações, Nosso Senhor sempre mostrou deferência ao seu Vigário; este é o depositário de todos os seus tesouros. Por isto não podemos fazer nada mais agradável a Deus do que rezar por ele, até que ele entre novamente nos seus Estados. É o que Jesus Cristo nos pede por suas lágrimas".

Em 1830, sabendo que em alguns pontos da França haviam abatido as cruzes, o Padre Vianney, no meio do seu catecismo, num movimento de sublime indignação que impressionou vivamente o auditório, exclamou: "Por mais que façam, por mais que façam! A cruz é mais forte do que eles, eles não a derrubarão nunca. Quando Nosso Senhor aparecer sobre as nuvens do céu eles não lha arrancarão das mãos!"

Três anos depois, eram as represálias de Deus. A cólera visitara Marselha, Paris, e ameaçava Lyon. O santo Cura principiava as suas instruções por estas palavras: "Meus irmãos, Deus está em via de *varrer o mundo...*" Contam que esta simples palavra e o tom com que foi

pronunciada impressionou profundamente um artista que se achava no auditório, e foram o ponto de partida da sua conversão.

## CAPITULO I

### HOMILIA SOBRE A PARÁBOLA DO JOIO

Vê-se no Evangelho, hoje, meus irmãos, que o dono do campo, tendo semeado o seu grão em boa terra, o inimigo veio-lhe durante o sono e semeou joio no campo. Isto quer dizer que Deus criara o homem bom e perfeito, mas veio o inimigo e semeou o pecado... Eis aí a queda de Adão, terrível queda, que deu entrada ao pecado no coração do homem. Eis aí a mistura dos bons e dos maus; por entre as virtudes vê-se o pecado...

Há que arrancar o joio, dizeis vós. "Não, responde o Senhor, de medo que, arrancando o joio, não arranqueis também o bom grão. Esperai até a ceifa..." O coração do homem deve permanecer assim, até ao fim, um misto de bem e de mal, de vício e de virtude, de luz e de trevas, de bom grão e de joio... Deus não quis destruir essa mistura, e refazer-nos uma natureza em que só houvesse bom grão. Quer que combatamos, que trabalhemos em impedir o joio de invadir tudo.

O demónio vem semear as tentações sobre nossos passos; mas com a graça podemos vencê-lo, podemos sufocar o joio... O joio é, sobretudo, a impureza e o orgulho. Se não fosse a impureza e o orgulho, diz Santo Agostinho, não haveria muito mérito em resistir à tentação.

Três coisas são absolutamente necessárias contra a tentação: a oração, para esclarecer-nos, os sacramentos, para fortificar-nos, e a vigilância, para preservar-nos... Felizes das almas tentadas! É quando o demónio prevê que uma alma tende à união com Deus, que redobra de raiva... Ó ditosa união!...

A continuação da homilia prendeu-se em gritos de admiração sobre as doçuras da vida interior e da união com Deus.

## CAPITULO II

### HOMILIA SOBRE A PARÁBOLA DOS OPERÁRIOS

É dito no Evangelho de hoje, meus irmãos, que o pai de família saiu de manhã bem cedo a fim de contratar trabalhadores para trabalharem na sua vinha... Não havia então ainda ninguém nessa vinha? Sim, meus irmãos, havia a Santíssima Virgem Maria, que nasceu nessa vinha... Que vinha é essa? É a graça; e a SS. Virgem nasceu nela, visto que foi concebida sem pecado...

Nós, nós somos chamados a ela. O pai de família procurou-nos, mas a SS. Virgem nela esteve sempre... Ó bela operária! Deus podia criar um mundo mais belo do que este que existe, mas não podia dar o ser a uma criatura mais perfeita do que Maria... Ela é a torre edificada no meio da vinha do Senhor...

Reparai, meus filhos, eis aqui uma fraca comparação. Sabeis daqueles ovos que estão no mar, de que se vêem sair peixinhos que fendem as águas com tamanha rapidez? Assim também a SS. Virgem, logo que criada, tem a plenitude da vida, e passeia no grande oceano da graça...

Depois da SS. Virgem, há alguém que esteve um momento fora da vinha, mas que não tardou a entrar nela: é João Batista. Todos os outros só vieram depois de S. João Batista, e o pai de família teve que sair para ir buscá-los.

Quais são os obreiros da primeira hora? São S. Luis Gonzaga, S. Estanislau Kostka, Santa Coleta... Todos os que entraram na vinha pelo santo baptismo e nunca saíram dela, visto terem conservado a sua inocência... Ditasas almas que podem dizer ao bom Deus: "Senhor, eu sempre vos pertenci!..." Ah! Como é belo, como é grande dar a Deus a própria juventude! Que fonte de alegria e de felicidade!

Vêm em seguida os que se dão a Deus na força da idade. Esses ainda podem converter-se sinceramente e ficar bons e fiéis obreiros na vinha do

Senhor... Mas esses pobres pecadores endurecidos, que passam a vida longe de Deus, que vêm trabalhar na sua vinha quando não podem mais fazer outra coisa, que esperam, para deixar o pecado, que o pecado os deixe... Oh! Bem se deve lastimá-los! Quando se marasmou durante anos e anos no mal, quando alguém se rebolcou à vontade na lama do pecado, é preciso um milagre para sair dele. Meus irmãos, peçamos para eles esse milagre...

Parece-nos que, sob forma mais simples e maravilhosamente apropriada a um auditório de campo, torna-se a achar aqui o método dos antigos Padres, a sua larga e luminosa maneira de interpretar o Evangelho e de lhe desenvolver o sentido, não se detendo na letra, mas penetrando-lhe até aos mistérios de que ela é o invólucro, revelando os tesouros de sabedoria e de amor que nele estão encerrados, fazendo ressaltar a harmonia dos dois Testamentos, o cumprimento das profecias, as relações do passado com o futuro, do dogma com o preceito.

A beleza dessa comparação dos peixinhos que, apenas saídos do ovo, percorrem as sendas do mar, com a SS. Virgem imersa desde o seu nascimento no oceano das graças divinas, a ninguém terá escapado.

## **CAPITULO III**

### **HOMILIA SOBRE A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO**

O Evangelho de hoje diz-nos, meus irmãos, que um pobre viajante assassinado estava estendido na estrada de Jericó.

Não é o vosso corpo, meus irmãos, é a vossa alma que foi assassinada pelo pecado. Qual é esse bom Samaritano que veio derramar o bálsamo e o óleo nas vossas feridas? É Nosso Senhor Jesus Cristo descido do Céu. Para onde vos fez Ele transportar? Não para uma hospedaria, mas para o seio da sua Igreja. A quem vos confiou? Ao sacerdote; e disse-lhe: "Amigo, cuida bem dele; na minha volta pagar-te-ei tudo!" Que volta é essa? É o fim do mundo, quando Deus vier recompensar os bons e punir os maus.

Esse bom Samaritano, meus irmãos, não veio para um só; veio para todos. Todos nós estamos na posição daquele pobre viajante, ferido e deixado como morto à beira do caminho. Não recusemos entrar na estalagem da santa Igreja e receber nela os cuidados que o bom Samaritano nela nos preparou.

## CAPITULO IV

### HOMILIA SOBRE O EVANGELHO DO PRIMEIRO DOMINGO DA QUARESMA

O nosso divino Salvador, tendo sido o nosso modelo em tudo, quis sê-lo também na tentação. Foi para isto que se deixou conduzir ao deserto.

Assim como o bom soldado não tem medo do combate, assim também o bom cristão não deve ter medo da tentação. Todos os soldados são bons em guarnição: é no campo de batalha que se faz a diferença dos corajosos e dos covardes.

A maior das tentações é não ter nenhuma. Quase se pode dizer que somos felizes de ter tentações: é o momento da colheita espiritual em que a ajuntamos para o Céu. É como no tempo da sega: levantamo-nos de manhã bem cedo, damo-nos muito incómodo, mas não nos queixamos porque ajuntamos.

O demónio só tenta as almas que querem sair do pecado e as que estão em estado de graça. As outras são dele, ele não precisa tentá-las.

Passando um dia diante de um convento, um santo viu uma quantidade de demónios que atormentavam os religiosos, sem conseguirem seduzi-los. Passou em seguida diante de uma cidade e viu um só, sentado, de braços cruzados e fazendo andar toda a população. Então o santo perguntou-lhe como é que ele era só para uma grande cidade, enquanto era tão grande o número para atormentar um punhado de religiosos. O demónio respondeu-lhe que ele bastava para a cidade, porque aqueles que eram propensos ao ódio, à impureza, à bebedeira, ele os apanhava por ai, e estava tudo feito; ao passo que com os religiosos a coisa era mais difícil. O exército de demónios ocupado em tentá-los perdiam ali seu tempo e seu trabalho; não podiam arranjar nada. Por isto aguardavam que viessem outros religiosos, que se aborrecessem da austeridade da regra.

Num mosteiro, um dos frades viu, durante o Santo Sacrifício, demónios que rondavam em torno daqueles bons religiosos. Viu principalmente um que tripudiava sobre a cabeça de um monge, e outro que avançava e recuava alternativamente. Depois da missa, esse frade perguntou aos dois religiosos que fora que os ocupara durante o ofício. O primeiro disse que pensara num assoalho que queria fazer no convento, e o segundo que o demónio viera atacá-lo, mas ele tinha sempre a tarefa de repeli-lo. É o que fazem todos os bons cristãos. Por isto a tentação para eles é uma fonte de merecimentos.

As tentações mais comuns são o orgulho e a impureza: um dos meios pelos quais melhor resistimos a elas é uma vida ativa para a glória de Deus. Muitas pessoas entregam-se à moleza e a ociosidade: daí não ser de admirar que o demónio lhes tenha *o pé em cima*.

Um religioso queixava-se ao superior de ser violentamente tentado. O superior ordenou ao jardineiro e ao cozinheiro que chamassem a todo o momento esse religioso: algum tempo depois perguntou-lhe como ia ele, e ele lhe disse: "Ah! meu Pai, não tenho mais tempo de ser tentado... ."

Se estivéssemos bem penetrados da santa presença de Deus, ser-nos-ia fácil resistir ao inimigo. Com este pensamento: *Deus me vê!* Nunca pecaríamos.

Havia uma vez uma boa santa (creio que era S. Teresa) que se queixava a Nosso Senhor depois da tentação, e lhe dizia: "Onde estáveis então, meu Jesus amabilíssimo, durante essa horrível tempestade?" Nosso Senhor respondeu-lhe: "Estava no meio do teu coração, comprazendo-Me em ver-te combater".

No momento da tentação devemos renovar firmemente as promessas do nosso baptismo... Reparai, escutai bem isto: Quando fordes tentados, ofereci a Deus o merecimento dessa tentação para conseguirdes a virtude oposta. Se fordes tentados de orgulho, ofereci a tentação para obterdes a humildade: se de pensamentos desonestos, para obterdes a pureza; se for contra o vosso próximo, a caridade. Ofereci também a tentação para pedir a conversão dos pecadores; isto despeita o demónio e fá-lo fugir, porque a

tentação se volta contra ele... Ah! Depois disso ele vos deixará bem tranquilos.

Um cristão deve sempre estar pronto para o combate. Assim como em tempo de guerra há sempre sentinelas colocadas aqui e acolá para ver se o inimigo se aproxima, assim também devemos estar sempre alertas para ver se o inimigo não nos arma ciladas e se não vem surpreender-nos...

Das duas uma: ou um cristão domina as suas inclinações, ou as suas inclinações o dominam; não há meio termo. É como dois homens que se atacam, a ver quem será mais forte e derrubará o outro. Há quase sempre um que acaba ponto o outro abaixo, e quando o mantém por terra, com o pé na garganta, incomoda-se bem com ele! Está senhor. Assim também, com as nossas inclinações a luta raramente é igual; ou as nossas inclinações nos conduzem, ou nós conduzimos as nossas inclinações.

Meus irmãos, como é triste deixarmo-nos guiar pelas nossas inclinações! Um cristão é nobre; deve, como um grande senhor, mandar aos seus vassallos. Os nossos vassallos são as nossas inclinações. Perguntavam a um pastor quem era ele. Ele respondeu que "era rei. — Sobre quem reinais vós? — Sobre meus súbditos. — E quem são vossos súbditos? — Minhas inclinações". Esse pastor tinha razão de dizer que era rei.

Nós somos neste mundo como um navio no mar. Que é que produz as vagas? É a tempestade. Neste mundo o vento sopra sempre; as paixões levantam a tempestade na nossa alma: são combates que nos merecerão o Céu.

Não se deve crer que haja algum lugar na terra onde possamos escapar a essa guerra. Acharemos o demónio em toda a parte, e em toda a parte ele procurará arrebatá-nos o Céu; mas em toda a parte e sempre nós podemos ser vencedores. Não é como nos outros combates. Entre dois partidos há sempre um vencido: aí, se o quisermos, com a graça de Deus que nunca nos é recusada, podemos sempre triunfar.

Quando julgamos que tudo está perdido, temos só que gritar: "Senhor, salvai-nos que perecemos!" Porque Nosso Senhor está ali bem ao lado de nós que nos olha com complacência, que sorri e nos diz: "Verdadeiramente

tu me amas, reconheço que me amas!..." Efetivamente, é na resistência às tentações que nós provamos a Deus o nosso amor.

Quantas almas há desconhecidas no mundo, as quais veremos ricas um dia de todas as vitórias de cada instante! É a essas almas que Deus dirá: "Vinde, benditas de meu Pai... entrai na alegria do vosso Senhor..."

O nosso anjo da guarda está sempre lá ao lado de nós, com a pena na mão, para escriturar as nossas vitórias. Devemo-nos dizer todas as manhãs: "Vamos, minha alma, trabalhem em adquirir o Céu. Esta noite os nossos combates estarão findos"; à noite: "Amanhã, minha alma, todas as penas da vida estarão talvez passadas para ti..."

Nós ainda não havemos sofrido como os mártires: perguntai-lhes se estão aborrecidos agora... O bom Deus não nos pede tanto... Há uns a quem uma simples palavra transtorna... Uma pequena humilhação faz adernar a barca... Coragem! Meus irmãos, coragem! Quando vier o derradeiro dia, haveis de dizer: "Felizes combates que me valeram o Céu!"

Combatamos pois generosamente. Uma vez que o demónio vê que não pode nada sobre nós, deixar-nos-á em paz. Eis aqui como ele age ordinariamente com os pecadores que voltam a Deus; deixa-os saborear as doçuras dos primeiros momentos da sua conversão, porque bem sabe que não ganharia nada; eles são por demais fervorosos. Aguarda por alguns meses que o seu ardor tenha passado; depois começa a fazê-los descurar a oração, os sacramentos; ataca-os por diversas tentações; depois vêm os grandes combates: é bem então que é preciso pedir a força de se não deixar abater. Há uns que são fortes, que, quando são um pouco tentados, se deixam levar como *papel mole*. Se andássemos sempre para frente, como os bons soldados, quando viesse a guerra ou a tentação elevaríamos o nosso coração a Deus e recobraríamos ânimo. Mas ficamos para trás, e dizemos: "Contanto que eu me salve, é tudo o que me é preciso. Não quero ser um santo". Se não fordes um santo, sereis um réprobo; não há meio termo. Há que ser um ou outro: tomai tento! Todos os que possuírem um dia o Céu serão santos. As almas do purgatório o são, visto que não têm pecado mortal, já que têm apenas que se purificar e são amigas de Deus. Trabalhem, meus filhos; há de vir um dia em que acharemos não termos nada demais para ganhar o Céu.

## CAPITULO V

### HOMILIA SOBRE O EVANGELHO DO VIGÉSIMO PRIMEIRO DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES

*Meu Deus, perdoai-nos assim como nós perdoamos.* Deus só perdoará aos que tiverem perdoado: é a lei. Há pessoas que levam a tolice ao ponto de não dizerem essa parte do *Pai-Nosso*: como se Deus não visse o fundo dos corações, e só prestasse atenção aos movimentos da língua!

Os santos não têm ódio, não têm fel: perdoam tudo, e acham sempre que merecem sempre mais pelas ofensas que fizeram a Deus. Porém, os maus cristãos são vingativos.

Desde que odiemos o nosso próximo, Deus nos paga com esse ódio: é um dardo que se vira contra nós. Eu dizia um dia a alguém: "Mas então não quereis ir para o Céu, já que não quereis ver esse homem? — Oh! Quero... mas nós trataremos de ficar longe um do outro, para não nos vermos". Eles não terão esse trabalho; porque a porta do Céu é fechada ao ódio. No Céu não há rancor. Por isto, os corações bons e humildes, que recebem as injúrias e as calúnias com alegria ou indiferença, principiam o seu Paraíso neste mundo, e os que conservam rancor são infelizes; têm a testa franzida, olhos que *parecem devorar tudo*.

Há pessoas que, com um exterior de piedade, se molesta à menor injúria, à mais pequena calúnia... Ainda que fôssemos santos de fazer milagres, se não tivermos caridade não iremos para o Céu. Um religioso que estava em artigo de morte e que levava uma vida regular, que não se entregara a grandes austeridades, achava-se, entretanto tranquilo. O superior manifestou-lhe a sua admiração por isso. E esse religioso respondeu-lhe: "Eu esqueci sempre todas as injúrias que me fizeram; perdoei de todo o coração; espero que Deus me perdoará".

O meio de derrotar o demónio, quando ele nos suscita pensamentos de ódio contra os que nos fazem mal, é rezar logo pela conversão deles.

Eis aí como se chega a vencer o mal pelo bem, e eis aí como são os santos. Porém esses cristãos *em imagem* não querem suportar nada, tudo os choca; respondem a palavras ferinas por palavras ferinas. Quando estamos para desencadear-nos, vomitamos o nosso ódio. O nosso coração é como um reservatório cheio de fel, que estamos sempre prontos a lançar sobre os que estão próximos de nós.

É o amor-próprio que nos faz sempre crer que só merecemos louvores; ao passo que só deveríamos procurar as injúrias que nos são devidas... Mas eu sou inocente, dizeis vós, não mereço ser tratado desse modo! Não o mereceis pelo que haveis feito hoje, porém o mereceis pelo que fizestes ontem. Também o mereceis pelos vossos outros pecados, e deveis agradecer a Deus vo-los fazer expiar...

O demónio deixa bem tranquilos os maus cristãos; ninguém se ocupa deles: mas contra os que fazem o bem ele suscita mil calúnias, mil ultrajes. É um motivo de grandes méritos...

Reparai, meus irmãos, não vos ofendais quando vos chamarem *carolas*... É sempre entre esses que Deus escolherá os seus santos.

Na terra em que eu era vigário, havia uma pessoa que se ocupava em colocar raparigas pobres. Sucedia com frequência que lhe vinham fazer censuras; então ela se humilhava sempre, tomava tudo pelo lado bom e apresentava as suas desculpas. Por isto diziam dela: "Oh! Essa, é uma santa!" É que de facto os santos são assim. Eis aí a boa devoção... É como S. João de Deus, que se fazia passar por doido. Quando escreveram ao superior do hospício onde ele estava, para que prestasse atenção, pois tinha um santo que se fazia passar por doido, o superior pediu-lhe desculpas, e o santo só teve um pesar, foi de ser reconhecido e de não ter mais que sofrer as humilhações, as pancadas e os remédios desagradáveis apropriados à sua pretensa moléstia, e para os quais era de uma obediência a toda a prova.

Uma mulher, cujo filho fora preso pelos Bárbaros, viera ao pé de um padre participar-lhe a sua mágoa. Não tendo meio algum para resgatar o prisioneiro, o bom missionário ficou bem embaraçado. Depois de refletir um instante, disse àquela pobre mãe; "Eu vou tomar o lugar de seu filho: venda-me para resgatá-lo". Ela não queria, mas vencida pelas instâncias do

missionário, aceitou. O filho é restituído à sua mãe, e o missionário torna-se escravo entre os turcos, que lhe não pouparam os maus tratos. Este tinha a caridade perfeita; preferia o próximo a si. Nós, ao contrário, incomodamo-nos com a felicidade dos outros.

Se gabarem um amigo vosso e não disserem nada de vós, ficareis contristado. Se virdes alguém que se tenha convertido e que faça rápidos progressos na virtude; que em pouco tempo tenha chegado a um alto grau de perfeição, isso vos causa incómodo de vos verdes para trás. Se o louvam, sentis mágoa e dizeis: "Oh, mas ele nem sempre foi assim! Era tal qual como os outros. Cometeu tal falta, e ainda tal outra..." Tudo isso é orgulho. E não há nada tão contrário à caridade como o orgulho: é como a água e o fogo.

O bom cristão não é assim: comparam-no a uma pomba, porque não tem fel; gosta de todos, dos bons porque são bons, dos maus por compaixão, porque espera que, amando-os, os tornará melhores, e porque vê neles almas remidas pelo sangue de Jesus Cristo. Reza pelos pecadores e diz a Nosso Senhor: "Meu Deus, não permitais que essas pobres almas pereçam!" É assim que se chega ao Céu. Ao passo que os que julgam ser alguma coisa, porque fazem certas práticas de piedade, mas que são constantemente presas da inveja, do ódio, achar-se-ão bem desprovidos no derradeiro dia.

Só devemos odiar o demónio, o pecado e a nós mesmos.

Devemos ter a caridade de Santo Agostinho, que se rejubilava quando via alguém bem caridoso: "Ao menos, dizia ele, aí está um que indemniza a Deus do meu pouco amor".

Um homem de qualidade (Ver a lenda de S. João Gualberto) encontrou-se, atravessando um bosque, com o matador de um parente seu; várias vezes prometera a si vingar-se; vendo-o, puxa a espada. Logo o outro lança-se-lhe aos joelhos e diz-lhe: "Pelo amor de Deus, perdoa-me!" A esse nome de Deus o assassino não pode ferir; repõe a espada na bainha e diz: "Perdoote". No dia seguinte foi a uma igreja e disse a Deus: "Perdoar-me-eis vós, já que eu o perdoei?" Havia lá um grande Cristo, que inclinou a cabeça em sinal de assentimento.

Um homem que fora conduzido à prisão, acusado injustamente de ter roubado rebanhos, desesperava-se: "É verdade, tu não és réu do roubo de que te acusam; mas não te lembras de que poderias ter tirado da água aquele homem que se estava afogando? E não o fizeste... É por isto que estás sofrendo hoje".

## CAPITULO VI

### HOMILIA SOBRE O ÚLTIMO DOMINGO DO ANO

O mundo passa; nós passamos com ele. Os reis, os imperadores, tudo se vai. A gente se abisma na eternidade, donde não mais torna. Não se trata mais senão de uma coisa: salvar a nossa pobre alma.

Os santos não eram apegados aos bens da terra; só pensavam nos do Céu. As pessoas do mundo, ao contrário, só pensam no tempo presente.

Um bom cristão faz como os que vão aos países estrangeiros ajuntar ouro: não pensam em ficar neles, e nada têm mais a peito do que rever a pátria, uma vez feita a sua fortuna. É preciso ainda fazer como os reis. Quando vão ser destronados, mandam na frente os seus tesouros; esses tesouros os aguardam. Do mesmo modo, um bom cristão manda para a porta do Céu as suas boas obras.

Deus nos pôs na terra para ver como nos comportamos nela, e se o amaremos; mas ninguém fica na terra. Um homem que fora condenado a cem anos de galés voltou delas, dizem. À sua volta todos tinham desaparecido; ele não reconhecia mais senão as casas.

Se refletíssemos nisto, elevaríamos sem cessar os nossos olhares para o Céu, nossa verdadeira pátria. Mas deixamo-nos levar pra cá e pra lá pelo mundo, pelas riquezas, pelos gozos da matéria e não pensamos na única coisa que deveria ocupar-nos.

Um santo veio um dia ao mercado para ver se naquela grande multidão de gente, acharia alguém que pensasse na salvação de sua alma. Não achou ninguém. Pobre mundo! Pobre gente do mundo! Não seguem o meio da estrada. Fazem como os burros que tomam sempre a beira.

Vede os santos: como eram desprendidos do mundo e da matéria! Como olhavam tudo isso com desprezo! Um religioso, tendo perdido os pais, achava-se dono de grandes bens. Quando lhe deram a notícia, ele disse: "Há

quanto tempo morreram meus pais? — Há três semanas, responderam-lhe. — Dizei-me se uma pessoa que está morta pode herdar? — Não, certamente. — Pois bem! Eu não posso herdar desses que morreram há três semanas, eu que estou morto há vinte anos". Havia um santo que possuía por todo o bem o livro dos Evangelhos. Pediram-lho, e ele disse: "Tomai, dou-vos aquele que me ensinou a dar tudo".

Ah! Os santos compreendiam o nada, a vaidade deste mundo e a felicidade de deixar tudo por essa bela recompensa do Céu.

Há duas espécies de avarentos: o avarento do Céu e o avarento da terra. O avarento da terra não leva o pensamento mais longe que ao tempo; nunca tem bastante riquezas; amontoa... amontoa sempre. Mas quando chegar o momento da morte, não terá nada. Eu vo-lo tenho dito muitas vezes: é bem como os que fazem provisões demasiado grandes para o inverno: quando chega a colheita seguinte, eles não sabem mais que fazer delas, isso só serve para atrapalhá-los. Assim também, quando vem a morte, os bens só servem para atrapalhar. Não levamos nada, deixamos tudo.

Que diríeis de uma pessoa que amontoasse na casa provisões que seria obrigada a botar fora, porque apodreceriam, e que deixasse pedras preciosas, ouro, diamantes que poderia conservar, levar consigo para onde fosse, e que lhe fizessem a fortuna?... Pois bem! Meus filhos, nós fazemos, entretanto assim: apegamo-nos à matéria, àquilo que deve acabar, e não pensamos em adquirir o Céu, o único tesouro verdadeiro.

Um bom cristão, um avarento do Céu, faz bem pouco caso dos bens da terra; só pensa em embelezar sua alma, em amontoar aquilo que deve contentá-lo sempre, que deve durar sempre. Vede os reis, os imperadores, os grandes da terra: são bem ricos; e estão contentes? Se amam a Deus, sim; do contrário, não, não estão contentes. Eu de mim acho que não há nada tão para lastimar quanto os ricos, quando não amam a Deus.

Os santos não eram apegados aos bens como nós; eram apegados àquilo que os deve contentar durante toda a eternidade.

Ide de mundo em mundo, de reino em reino, de riqueza em riqueza, de prazer em prazer, não achareis a vossa felicidade. A terra inteira não pode

contentar uma alma imortal mais do que um punhadinho de farinha na boca de um esfomeado pode saciá-lo.

Quando os apóstolos viram Nosso Senhor subir ao Céu, achavam a terra tão triste, tão vil, tão desprezível, que corriam atrás dos suplícios que deviam arrancá-los dela quanto antes, para reuni-los ao seu bom Mestre. A mãe dos Macabeus que viu morrer seus sete filhos e que morreu sete vezes, dizia-lhes para animá-los: "Olhai para o Céu..."

Nosso Senhor recompensava a fé dos santos mostrando-lhes sensivelmente o Céu. Houve alguns que passeavam no Paraíso. Santo Estevão, enquanto o lapidavam, via o Céu aberto sobre a sua cabeça. S. Paulo foi arrebatado a ele e declarou não poder dar uma ideia do que vira. Santa Teresa viu o Céu, e, como ela diz, tudo na terra não lhe pareceu mais senão lixo.

Porém, nós ai! Só somos matéria. Rastejamos pela terra e não sabemos elevar-nos ao alto. Somos demasiado pesados, por demais pesados...

A terra é uma ponte para passar a água.

Um mau cristão não pode compreender esta bela esperança do Céu, que consola e anima um bom cristão. Tudo o que faz a felicidade dos santos parece-lhe duro, incómodo.

Vede, meus filhos, estes pensamentos consoladores: com quem estaremos nós no Céu? Com Deus, que é Nosso Pai; com Jesus Cristo, que é nosso irmão; com a SS. Virgem, que é nossa Mãe; com os anjos e com os santos, que são nossos amigos.

Um rei dizia com pesar nos seus últimos momentos: "Tenho, pois que deixar o meu reino para ir a uma terra onde não conheço ninguém!" É que ele nunca pensara na felicidade do Céu. É preciso desde agora fazermos ali amigos para nós, a fim de os encontrarmos depois da morte, e então não teremos medo, como esse rei, de não conhecer lá ninguém.

### PARTE III

## O CURA D'ARS NA SUA CONVERSAÇÃO

### CAPITULO I

#### AMÁVEIS RÉPLICAS DO CURA D'ARS

Grande erro é imaginar que a piedade prejudica no homem o desenvolvimento regular das qualidades naturais; que reprime e sufoca o surto do pensamento; que é incompatível com um certo elastério de espírito, com certa elevação de caráter e certo calor de sentimento. Não há ninguém que não tenha ouvido esse paradoxo; ninguém entre os cristãos fracos que não tenha acreditado nele, e, entre os cristãos fortes, ninguém que com isso se não tenha afligido.

Custa-se a imaginar o som desagradável que dão ao ouvido da maioria das pessoas do mundo, os termos devoto e devoção. Como se as mais nobres e mais belas faculdades do homem perdessem com ser submetidas à disciplina cristã, e se engrandessem desordenando-se! É o oposto de tudo isto que é a verdade.

A união habitual com Deus pela oração e pelo amor, essa vitória contínua do anjo sobre a besta, esse triunfo permanente do bem sobre o mal, a que chamamos *Estado de graça*, tem admiráveis repercussões, e efeitos sensíveis na parte inteligente do nosso ser, tanto e melhor ainda do que na parte inferior. Ele é a saúde da alma, e, pondo-a na posse do seu objeto divino, restitui-lhe a sua beleza, força e grandeza.

O sacrifício, que é o fundo da moral cristã e a última palavra do Evangelho, é por isso mesmo a lei do progresso intelectual e moral, que o homem realiza em si, quando se faz *santo*; é o movimento de uma alma que se desenvolve no sentido dos seus mais nobres atributos e das suas mais eminentes funções, de uma alma que se estende e se desprende, que aspira à gloriosa liberdade dos filhos de Deus, e que passa, para chegar a esta, por cima de tudo que as coisas visíveis podem pôr de encontro ao seu caminho,

por cima de todos os limites e de todas as barreiras, por cima de tudo o que detém, comprime e sufoca. É a passagem da morte para a vida, das trevas para a luz, da escravidão para a liberdade.

Enquanto não tivermos, por uma aplicação sincera da doutrina do sacrifício, renunciado de franco coração a todo o objeto criado, a liberdade da alma não passa de uma palavra. Somos livres como a ave retida por um fio: enquanto não tentar voar, pode julgar-se livre; queira, porém, transpor o círculo inexorável que lhe traçou uma vontade estranha, mais forte que ela, percebe então que é prisioneira. Tal é a liberdade que nos deixam as criaturas e o apego que temos a elas. "Seremos verdadeiramente livres quando o amor de Cristo, Nosso Senhor, nos houver libertado (Jo 8, 16)". Esse amor não devasta um coração como fazem as paixões; não suprime nada daquilo que tem o direito de viver nele. Vede esse raio de sol que, passando através do esmalte das esplêndidas vidraças, inunda uma catedral: ele ilumina, coloreia, embeleza tudo; não destrói nem desloca coisa alguma. O amor de Jesus Cristo no coração do homem é o raio de sol no santo lugar... Há um encanto singular em tornar a achar numa alma, pacificada e satisfeita por esse amor, o mais doce, o mais forte que se possa conceber, o fogo escondido por baixo das cinzas e tornado, em se consagrando, mais luminoso e mais puro.

Não se supõe que possa haver nas pessoas votadas a Deus uma inteligência elevada, um coração nobre e generoso. Que singular distração! Como se o ideal de beleza dos sentimentos humanos não se formasse da sua luta contra si mesmos, em presença do dever que os exalta e domina! Como se a santidade, derrubando o limite que estreita o horizonte de uma alma e a retém cativa nas sombras do tempo, para deixá-la livre de se unir ao eterno objeto de seu amor, não lhe desse uma sorte melhor!

O corte de todo o liame e o afastamento de todo o obstáculo não quer dizer o corte de todo o amor e a supressão de toda a liberdade. Não é estancar as fontes o santificá-las. A santidade não desvirtua aquilo que toca; eleva-o, purifica-o; junta às felizes disposições que são em nós obra da natureza, um acréscimo de sabedoria que é obra do Espírito Santo.

Esse aperfeiçoamento intelectual e moral, esse engrandecimento das faculdades humanas, sublimadas pela graça, era frisante no P. Vianney. Não

pomos nenhuma dificuldade em confessar que ele não tinha conhecimentos humanos variados e extensos. Onde, quando e como os teria ele adquirido? Porém, tinha o que supre o saber e, quando preciso, a experiência, a fé que previu tudo e que tudo sabe. Tinha uma grande sabedoria prática, um senso profundo dos caminhos de Deus e das misérias do homem, uma sagacidade admirável, um golpe de vista seguro e pronto, um espírito fino, judicioso e penetrante. Era, além disto, dotado de memória sobrenatural, de tacto apurado e de uma faculdade de observação que poderia tornar-se temível para as pessoas que se aproximassem dele, se a sua grande caridade lá não estivesse para imprimir a todos os seus juízos o cunho da indulgência.

Do pequeno recanto de terra ignorado em que a Providencia o havia colocado, antes debaixo do alqueire que no castiçal, ele só fez foi brilhar sobre o mundo com incomparável brilho; mostrou em si mesmo uma tríplice representação de Nosso Senhor, trazendo perante as almas, com a bondade que cativa e a virtude que edifica, a verdade que ilumina.

"Há santidade no Cura d'Ars", dizia alguém perante um sábio professor de filosofia, "mas há só santidade. — Há, respondeu este, luzes, grandes luzes... . Jorraram luzes das suas conversas, sobre toda a espécie de assuntos, sobre Deus e sobre o mundo, sobre os homens e sobre as coisas, sobre o presente e sobre o futuro... Oh! Como se vê claro e como se vê belo quando se vê pelo Espírito Santo! A que altura de senso e de razão a fé nos eleva!"

Ao sair de uma entrevista com o P. Vianney, um homem de grande distinção escrevia: "Estivemos na admiração do espírito *progressista* do vosso santo. Nada como a santidade para elevar bem alto as ideias do mais humilde dos homens".

Embora absorvido pelas funções do seu ministério de oração, de ensino e de direção, o Cura d'Ars não ficava indiferente a nenhuma das questões exteriores que interessam, direta ou indiretamente, a ordem religiosa e a ordem social. Tinha percepções nitidíssimas sobre uma multidão de questões indecisas muitas vezes para os mais hábeis, as quais se resolviam sempre, no seu pensamento, do ponto de vista da glória de Deus e da salvação das almas.

O mundo dirá talvez ainda: Mas esse homem, que se privou de todos os gozos humanos, que nunca conheceu as doçuras da vida social, que nunca provou os benefícios da vida civilizada, que observou de modo tão constante e tão absoluto a prática da renúncia; esse homem, cuja existência se passou toda na obscura clausura de um confessor, devia considerar todas as coisas com um olhar estreito e severo; e a austeridade na sua alma não deixava lugar nem para a inteligência nem para a bondade! Outro erro.

Esse homem, tão duro para consigo mesmo, que trazia sobre toda a sua pessoa os vestígios das mais espantosas penitências, era amável, sabia sorrir, tinha palavras graciosas, "a propósitos" encantadoras, réplicas finas e espirituosas. A sedução mais doce repousava-lhe nos lábios, ao mesmo tempo que a verdade e o consolo emanavam deles.

Quando se achava com padres ou com cristãos que conhecia e de quem gostava, ele se abria gostosamente. Punha nesse comércio íntimo, perfeita naturalidade, uma alegria de bom gosto, um modo ingênuo, uma ingenuidade cheia de graça, o dom feliz de contar sorrindo, enternecendo-se, e esses vivos repentinos, essas palavras bem vindas, que vão ao coração de todos e fazem o encanto da conversação do mundo, com a zombaria a menos, e com a terna efusão da caridade a mais.

Haveria aqui um livro admirável e agradável de fazer. Quantos episódios encantadores! Quantas palavras deliciosas a registrar! Quantas partículas de ouro a recolher! Infelizmente, faltam-nos muitos pormenores que trariam luz até aos últimos refolhos daquela bela e santa inteligência. E mesmo que tivéssemos todos esses pormenores, a tarefa ficaria ainda acima das nossas forças. O sorriso não se narra, e as conversas do Cura d'Ars eram como o sorriso da sua alma. Ele nunca se ria senão com esse sorriso da alma, que lhe deixava raramente os lábios, animando a alegria, inspirando a confiança e provocando o abandono. O espírito de Deus que estava nele dava-lhe às menores palavras uma justeza, uma simplicidade e uma oportunidade incomparáveis. As palavras felizes vêm do coração. Como o coração do P. Vianney era dotado de sensibilidade requintada, essa sensibilidade transparecia através da expressão, animava-a, aquecia-a, dava-lhe cor. Poder-se-ia fazer uma coletânea dessas palavras.

Assim, o bom Cura chorou longo tempo Mademoiselle d'Ars. Conservou-lhe por muito tempo uma recordação cheia de ternura e de veneração. Quando fez a sua primeira visita aos novos habitantes do castelo, deixou-se levar diante deles a toda a viveza das suas saudades, dizendo: "Pobre moça! como é triste não vê-la mais na Igreja, no seu pobre banco!..." Depois, receando faltar com a delicadeza para com os herdeiros de sua benfeitora, censurou de repente a si próprio a sua sensibilidade e as suas lágrimas acrescentando com um tacto supremo: "E, entretanto!... nós fazemos mal em nos queixarmos. O bom Deus nos trata como tratou o seu povo. Retirando-lhe Moisés, deixou-lhe Caleb e Josué".

Pouco tempo depois, respondendo a votos de ano novo, dizia ele ainda à família que ia em breve tomar lugar no seu coração ao lado de Mademoiselle d'Ars: "Eu quisera ser S. Pedro; dar-vos-ia de presente as chaves do Paraíso". Os seus dilectos paroquianos haviam-lhe apresentado um dia uma porção da sua numerosa parentela, pedindo-lhe para ela uma bênção especial, o santo Cura deu-a graciosamente, dizendo: "Oh, as primas do sr. des Garets já são abençoadas!"

A Monsenhor de Langalerie que, numa das suas frequentes visitas, lhe disse com essa boa graça que dá relevo às mais pequenas coisas: "Meu bom Cura, há de permitir que eu celebre a santa missa na sua igreja?", ele respondeu amavelmente: "Monsenhor, lamento que não seja Natal para que V. Revma. possa celebrar três".

Quando o P. Hermann apareceu em Ars pela primeira vez, quiseram fazê-lo pregar. O bom Cura ofereceu-lhe catequizar a multidão em seu lugar. O reverendo Padre resguardou-se bem de aceitar: consentiu apenas, e era já muito para a sua humildade, em dizer algumas palavras depois que o servo de Deus falasse. O P. Vianney fez a sua instrução como de costume, e terminou-a assim: "Meus filhos, havia uma vez um bom santo que teria gostado muito de ouvir cantar a SS. Virgem. Nosso Senhor, que se compraz em fazer a vontade daqueles que o amam, dignou-se conceder-lhe esse favor. Ele viu então uma bela senhora que se pôs a cantar diante dele. Ele nunca ouvira voz tão doce. Estava arrebatado, e exclamou: "Basta! basta! Se continuardes, vou morrer!..." A bela senhora diz-lhe: "Não te apresses em admirar meu canto, pois isto que ouviste não é nada ao pé do que te

resta ouvir. Eu sou apenas a virgem Catarina, e vais ouvir a Mãe de Deus..." De facto, a SS. Virgem cantou por sua vez. E esse canto era tão belo, tão belo, que o santo desmaiou e caiu morto de prazer... afogado no bálsamo do amor!... Pois bem! Meus filhos, será a mesma coisa hoje... Acabais de ouvir S. Catarina; ides ouvir a SS. Virgem".

Um dia, apresentavam ao P. Vianney um missionário recém-entrado na Sociedade, e faziam-lhe notar que era o mais jovem de todos: "V. Revma. é bem feliz, meu amigo, disse-lhe ele abraçando-o, servirá mais tempo o querido Mestre. No colégio dos Apóstolos, Nosso Senhor tinha uma terna predileção por S. Tiago Menor[\*], porque ele era o mais moço".

Indo o mesmo missionário assistir às procissões de Corpo de Deus em Lyon, o sr. Cura disse-lhe na volta: "Havia uma vez um santo que desaparecia na véspera das grandes festas. Só o tornavam a ver no dia seguinte. Ele ia celebrar a festa no Paraíso... . Eu penso, meu caro camarada, que o sr. faz como ele..."

Querendo testemunhar aos seus companheiros de trabalho a estima em que tinha os serviços deles, ele dizia: "O bom Deus faz-me comer meu pão branco no fim de meus dias. Ele sabe que os pobres velhos têm que comer miolo... Ele me trata como Nosso Senhor tratou os esposos nas bodas de Caná; serve-me por último o bom vinho".

O P. Vianney quis custear as cruzes que os missionários recebem no dia em que proferem os votos: "Deixem-me fazer, diz ele, tenho tantas cruzes que posso dar parte delas aos meus amigos".

Após um sermão com que ficara contente, dizia ele ao pregador, tomando-lhe afetuosamente ambas as mãos nas suas: "Ah! os nossos vasos eram demasiado pequenos para receber e conter tão belas coisas!"

Um lazarista de Valfleury perguntava ao Cura d'Ars se um dos seus Padres, recentemente acometido da paralisia, ainda poderia pregar. "Pode, meu amigo, respondeu ele, ele pregará sempre. A pregação dos santos são os exemplos".

Alguém lembrava ao P. Vianney a palavra de um parisiense: "Irmã Rosália é minha mãe, e o Cura d'Ars é meu pai. — Ai! Pobre órfão, diz ele suspirando, nunca o pai substituirá a mãe".

Tornando a ver o seu missionário, que fizera uma ausência prolongada, e abrindo-lhe os braços, exclamava ele: "Ah! Meu amigo, como folgo de vê-lo! Tenho sempre pensado que os réprobos devem ser bem desgraçados de estarem separados de Deus, visto que a gente já sofre tanto na ausência daqueles a quem ama!"

Um eclesiástico desculpava-se de não ter tomado uma sobrepeliz para assistir à missa cantada do domingo; o P. Vianney tranquilizou-o, dizendo-lhe: "Oh, fique tranquilo. V. Revma. a traz sobre o coração, pela alvura da sua alma".

Uma encantadora menina apresentava-lhe um ramallete para a sua festa, e ele lhe disse sorrindo graciosamente: "Minha pequena, o seu ramallete é belo, porém a sua alma é ainda mais bela".

Um dia da oitava do Corpo de Deus, indo o santo Cura visitar os aprestos do magnífico altar que costumavam armar no castelo, as pessoas puseram-se a lamentar diante dele que o vento que reinava desde algumas horas tivesse vindo desmanchar um projeto de iluminação formado na véspera. O santo Cura disse, mostrando a jovem família que circundava os degraus do trono preparado para Nosso Senhor: "Aí estão as tochas ardentes e luzentes que o vento não apagará". Retirando-se, depois de haver alegrado todos os corações com a sua presença, ele acrescentava: "Esta casa muda de habitantes, as gerações se sucedem nela; mas é sempre a casa de Deus". Na volta da procissão, que fora muito comprida, queriam fazê-lo tomar refrescos; ele recusou-se, dizendo: "É inútil: não preciso de nada. Como posso estar fatigado? *Eu carregava Aquele que me carrega*".

Durante as inundações do mês de maio de 1856, sucedeu que uma noite os peregrinos que esperavam na igreja trancaram sem querer a porta. À uma hora da madrugada, o sr. Cura apresenta-se e bate de leve; não ouvem; ele torna a bater. A chuva caía torrencialmente; ele apanha-a durante alguns minutos e põe-se no confessionário sem se incomodar mais com as consequências do seu acidente. À hora da missa, quando ele vem à sacristia

para revestir os paramentos sacros, percebem que da sua batina está escorrendo água. Instam com ele para mudar de roupa; fazem-lhe mil perguntas. Ele se contenta com responder jocosamente: "Deixem, deixem! Não é nada... Isto prova que eu não sou de *açúcar*".

O P. Vianney fazia um dia a sua visita aos doentes por um rude sol de julho. O padre que o acompanhava, vendo-lhe a cabeça descoberta, ofereceu-lhe o seu chapéu: "O sr. faria melhor, meu amigo, em me dar a sua ciência e as suas virtudes". Eis aí a que se ficava exposto quando se lhe faziam oferecimentos de polidez. Mas era coisa muito diversa quando ajuntavam a isso uma frase agradável ou procuravam dirigir-lhe um cumprimento.

"Como o sr. é feliz de ser moço! dizia ele a alguém... Sem contar o resto, o sr. tem força e tanto zelo a dispender no serviço de Deus!...

"— Senhor Cura, replicou o interlocutor, V. Revma. é mais moço que eu.

"— Sim, meu amigo, em virtude..."

"Senhor Cura, diziam-lhe outra vez, já que V. Revma. gosta muito dos seus missionários, é a eles que deixará, ao partir, o manto de Elias?

"— Meu amigo, não se deve pedir um manto a quem não tem sequer uma camisa".

A propósito daquela murça, que foi uma tocante inspiração do coração do Bispo, porém uma rude humilhação para o bom Cura, alguém, dando ao seu pensamento um tom lisonjeiro, julgou dever-lhe observar que ele ficara sendo até ali o único cónego criado por Monsenhor Chalandon. O P. Vianney viu a cilada, e logo retrucou: "Realmente, Monsenhor teve a mão muito infeliz... Ele viu que se enganara; não ousa mais tornar a fazê-lo".

Um dia, avistou ele um retrato seu por baixo do qual tinham feito figurar desastrosamente a sua murça e a sua cruz de honra: "Para estar completo, disse ele, deviam escrever por baixo: *Vaidade, orgulho, nada*".

Outra vez, aludiam ainda a essas diferentes dignidades. "Sim, respondeu ele, eu sou cónego honorário pela muito grande bondade de Monsenhor, cavaleiro da Legião de honra por um engano do governo, e... pastor de um burro e três ovelhas pela vontade de meu Pai".

O fundador de um orfanato célebre consultava o P. Vianney sobre a oportunidade de conciliar-se, por via da imprensa, a atenção e os favores, do público. "Em vez de fazer barulho pelos jornais", respondeu o servo de Deus, "fazei barulho à porta do tabernáculo".

"— Sr. Cura, replicou aquele homem de bem, eu estimaria muito fazer meu noviciado junto de V. Revma.

"— Fique tranquilo, que hão de fazer o sr. fazer esse noviciado", replicou logo o P. Vianney aludindo às provações que aguardavam a fundação nascente.

Uma postulante que acabava de deixar a Congregação das Irmãs de S. Vicente de Paulo, teve um dia uma conversa, em Ars, com um padre que chegara de Jerusalém. Esse padre dizia ao P. Vianney que aconselhara a moça a ir ao Oriente para ali utilizar suas forças e zelo. O bom Cura, que conhecia a inconstância dela, respondeu: "Mande-a para o Paraíso. Ao menos, dali ela não sairá mais".

Vê-se que ao P. Vianney não faltava finura, e que o retruque engenhoso e picante lhe acudia facilmente. Ele lhe misturava, na ocasião, uma felpazinha de meiga malícia.

"Sr. Cura, dizia-lhe um personagem cujo rosto nédio e cuja robusta saúde ofereciam singular contraste com a palidez e extenuação do santo velho, "conto um pouco com V. Revma. para ir para o Céu. Espero que V. Revma. não esqueça os amigos, e que os faça meeiros no merecimento dos seus jejuns e das suas penitências. Quando V. Revma. for para o Céu, eu tratarei de me agarrar à sua batina.

"— Ó meu amigo, livre-se bem disso, retrucou o bom Cura. A entrada do Céu é estreita, e lançava um olharzinho malicioso aos largos ombros do seu interlocutor, ficaríamos ambos na porta".

Receava em seguida que essas palavras, ditas rindo e com a melhor graça do mundo, tivessem afetado o seu visitante; pediu-lhe desculpas nos termos mais humildes e mais polidos.

Uma religiosa dizia-lhe com simplicidade: "Acreditam geralmente, meu Padre, que V. Revma. é um ignorante. — E não se enganam, minha filha; mas é o mesmo, ainda lhe direi mais do que você supõe".

Pediam-lhe relíquias para uma pessoa que desejava muito tê-las. Ele respondeu sorrindo: "Ela que as faça!"

Uma paroquiana sua, honesta e excelente moça, cheia de dedicação e de zelo, mas de um zelo às vezes demasiado amargo e impetuoso, como era o dos apóstolos antes de Pentecostes, queria dar-lhe conselhos: "Senhor Cura, o sr. faz mal em fazer isto... Sr. Cura, o sr. devia fazer aquilo..." — Vamos! Interrompeu docemente o santo homem, "nós ainda não estamos na Inglaterra..." aludindo à constituição inglesa, que permite às mulheres reinar.

O P. Vianney tinha muitas vezes a palavra que faz rir.

De volta de uma excursão em carro, Frei Atanásio, diretor da escola d'Ars, contava que o seu cavalo tinha dado um repelão e o atirara na vala. O bom Cura apresentou-lhe os seus pêsames, e depois acrescentou: "Meu amigo. Santo António nunca caiu do carro: é preciso fazer como ele. — Senhor Cura, como fazia então S. António? — Ia sempre a pé".

O P. Vianney sabia dar a propósito respostas a que se não resistia. Um destes chamados espírito forte veio declarar-lhe um dia que havia na religião coisas em que era impossível acreditar.

"Por exemplo?" diz o bom Cura.

"— Por exemplo, a eternidade das penas.

"— Meu amigo, aconselho-o a nunca falar de religião.

"— E por que não hei de falar?

"— Porque é preciso antes aprender catecismo. Que diz o catecismo? Que se deve crer no Evangelho porque é a palavra de Nosso Senhor. O sr. crê no Evangelho?

"— Creio, sr. Cura.

"— Pois bem! o Evangelho diz: "Ide para o fogo eterno!" Que quer mais o sr.? Parece-me que é bastante claro".

O Cura d'Ars teve um dia uma entrevista com um rico protestante. O servo de Deus, ignorando que o homem a quem acabava de falar de Nosso Senhor e dos santos como sabia falar, com a mais cordial e mais larga efusão, tivesse a desdita de pertencer à religião reformada, pôs-lhe, ao terminar, uma medalha na mão. Este disse recebendo-a:

"Senhor Cura, o sr. está dando uma medalha a um herege. Ao menos eu não passo de um herege, do seu ponto de vista... . Apesar da diversidade das nossas crenças, espero que estaremos um dia ambos no céu".

O bom Cura tomou a mão do seu interlocutor, e fitando nele olhos em que se pintava a viveza da sua fé e o ardor da sua caridade, disse-lhe com profundo sentimento de ternura compassiva:

"Ah! meu amigo, nós só estaremos unidos lá em cima se tivermos começado a estar unidos na terra; a morte nada alterará nisso. *Onde a árvore cai, ai fica.*

"— Sr. Cura, eu confio em Cristo que disse: "Aquele que crer em mim terá a vida eterna".

"— Ah! meu amigo, Nosso Senhor disse também outra coisa. Disse que aquele que não escutasse a Igreja devia ser considerado como pagão. Disse que devia haver um só rebanho e um só pastor, e estabeleceu S. Pedro para ser o chefe desse rebanho. Depois, empregando voz mais meiga e mais insinuante: "Meu amigo, não há duas boas maneiras de servir Nosso Senhor, há uma só: é servi-lo como ele quer ser servido".

Nesse ponto o P. Vianney desapareceu, deixando aquele homem penetrado de uma perturbação salutar, precursora da graça divina, de que nos dizem que ele foi mais tarde o feliz vencido.

Um outro dia, o Cura d'Ars viu entrar na sua sacristia um personagem em quem era fácil, pela fisionomia, pelo traje, pela linguagem, reconhecer o homem da alta sociedade. O desconhecido aproxima-se com respeito, e o servo de Deus, julgando adivinhar-lhe a intenção, aponta-lhe o banquinho onde costumavam ajoelhar-se os seus penitentes.

"Senhor Cura", apressa-se a dizer o homem de belas maneiras, que compreendeu perfeitamente o que aquele gesto significava, "eu não venho confessar-me, venho discutir com V. Revma.

"— Oh! meu amigo, então o sr. se dirige bastante mal; eu não sei discutir... mas se o sr. precisa de algum consolo, ajoelhe-se ali (e seu dedo designava o inexorável banquinho), e creia que muitos outros se ajoelharam ali antes do sr. e não se arrependeram.

"— Mas, sr. Cura, já tive a honra de dizer-lhe que não vinha confessar-me, e isto por uma razão decisiva: é que eu não tenho fé. Não creio mais na confissão que em tudo mais.

"— Não tem fé, meu amigo? Oh! Como eu o lastimo! Vive então na névoa... Uma criança sabe mais do que o sr., com o seu catecismo. Eu me julgava bem ignorante; mas o sr. ainda o é mais do que eu... Então o sr. não tem fé? Pois bem! Repare: coloque-se lá; vou ouvir-lhe a confissão. Quando o sr. estiver confessado, crerá tudo como eu.

"— Porém, sr. Cura, não é nem mais nem menos do que uma comédia que V. Revma. me aconselha representar com sua pessoa.

"— Ponha-se lá, digo-lhe eu!"

A persuasão, a doçura, o tom de autoridade temperado pela graça, com que essas palavras foram repetidas, fizeram com que aquele homem se achasse de joelhos sem desconfiar e quase contra a vontade. Fez o sinal da cruz, que não fazia há muito tempo, e começou a confissão das suas culpas.

Levantou-se não somente consolado, porém perfeitamente crente, tendo experimentado que, para chegar à fé, o caminho mais curto e mais seguro é fazer-lhe as obras, segundo a eterna palavra do Mestre dos homens: *Aquele que faz a verdade vem à luz* (Jo 10, 21).

Mal grado o seu gosto pronunciado pela solidão, o P. Vianney tinha um espírito aberto e pródigo de expansões. Na conversação, era a um tempo abundante e reservado. Para evitar os reparos com que a sua humildade teria que sofrer e a que, por experiência, sabia estar expostos, nunca interrogava, nem dava às perguntas tempo de chegarem; conservava, o mais que podia, a palavra, e parecia recear fornecer a réplica. Se falava de si, o que raramente sucedia, o amor-próprio, de que não tinha mais nem sequer o germe, não lhe embaraçava a espontaneidade das comunicações; pelo contrário, era da sua humildade que provinha em parte a sua necessidade de expansão. A liberdade de se abrir a alguns parecia-lhe um arrimo concedido à sua fraqueza. Não podendo dizer a toda a gente o que pensava de si, aliviava-se confiando-o a corações discretos; e a matéria das suas confidencias era sempre o que mais o assustava e humilhava. Aliás, ele nunca se revelava todo. Conduzia-vos até a porta de sua alma e vos fazia parar aí.

Meus Deus! Como se estará no Paraíso, já que na terra a companhia dos santos é tão amável, a sua conversação tem tanto encanto e doçura! Esta exclamação escapou-nos muitas vezes ao sairmos daquelas palestras da tarde, em que, por privilégio insigne, os missionários d'Ars foram sucessivamente admitidos à intimidade do servo de Deus. A gente sentia que esgotava ali um dos mais raros favores da Providência, e não cessava de testemunhá-lo a si mesmo, ora por palavras, ora por lágrimas, as mais das vezes por um religioso silêncio, único aplauso das impressões vivas e profundas.

No fim daqueles dias pesados e fatigantes, era o momento em que o Cura d'Ars se manifestava com mais familiaridade, calor e abandono. Em pé, no canto da chaminé ou diante da sua pequena mesa, conforme a necessidade que tinha de sentir a chama da lareira nos membros entorpecidos, com rosto radiante, com olhar dilatado, com ar feliz, a inocência e a alegria de sua alma expandiam-se em mil jatos faiscantes, em mil expressões cheias de imagens e de suavidade.

Notamos que, consoante o conselho de S. Paulo, ele evitava os discursos vãos e profundos, as questões ociosas que se prestam à controvérsia e que apaixonam mais do que edificam. Se se entabulava diante dele algum ligeiro debate, ele guardava um modesto silêncio, como se receasse, pronunciando-se, faltar com a atenção a uma das partes. Quando era solicitado, intervinha por uma palavra graciosa e conciliadora, ou por um desses grandes princípios que se não discutem, e que restabelecem a paz entre os adversários, trazendo-os não ao terreno que divide, mas ao que une e em que a luta não é possível.

A sua alma pairava sempre, qual ser angélico, acima da trica das paixões e dos interesses vulgares. Ele encarava tudo desse ponto de vista, familiar aos santos, em que reside a luz sem sombra. A consciência era-lhe o único horizonte. O mundo exterior não existia para ele.

Ele só achava de bom, de agradável, de interessante, o que lhe falava de Deus. O coração está onde está o tesouro. O Sumo Bem o atraía a ponto de não poder desviar dele o pensamento. A sua conversa era mais divina que humana, e de tal modo no Céu, que exalava todos os perfumes deste. Ele falava dos mistérios do outro mundo como se tivesse voltado dele, e das vaidades deste com ironia tão doce e tão engraçada, que não se podia deixar de rir com ela. À medida que falava, a intimidade se fazia maior, o calor de sua alma aumentava, e a efusão fluía largamente.

Se algum "cacete" — pois havia muitas variedades desses na espécie de peregrinos que chegavam até ao P. Vianney, e a variedade que assinalamos insinua-se por toda a parte, — se algum "cacete" vinha falar das coisas humanas, por sérias e importantes que fossem, o santo Cura não o interrompia; era sobejamente honesto e condescendente para isso: porém sofria visivelmente, ficava constrangido, calava-se, e nada poderia pintar melhor o seu estado do que o dito popular do peixe fora da água. Aliás, os encontros eram raros. Reinava em torno dele não sei que ambiente divino, que não permitia introduzir nele questões de ordem profana, por medo de lhe perturbar a pureza.

Neste século de movimento, de novidade e de progresso, em tempos tão laboriosos e tão perturbados, o Cura d'Ars não formulava desejo algum, não sentia nenhum anseio, não experimentava nenhuma necessidade de

conhecer algo deste mundo, cuja figura passava em torno dele sem que ele lhe prestasse a menor atenção, tanto ele chegara a usar das coisas como não usando, a gozar como não gozando; tanto o seu espírito, o seu coração, a sua alma estavam tendidos e aplicados a outro objeto!

"V. Revma. fala às vezes da estrada de ferro, diziam-lhe, e sabe o que é?

"— Não, nem tenho desejo de sabê-lo; falo disso porque ouço falar.

Aquele homem, a quem as estradas de ferro traziam todos os dias duzentos a trezentos estrangeiros, morreu sem jamais ter visto a estrada de ferro e sem estar no caso de fazer uma ideia delas.

Porém, se ele permanecia alheio às coisas do mundo material, tudo o que lhe vinha, ao contrário, desse outro mundo divino que é a Igreja de Jesus Cristo, o reino das almas adquiridas e remidas pelo seu sangue; tudo o que dilatava a honra e a glória do Mestre, tudo o que lhe consolidava o reino na terra; tudo o que contribuía para a glória de seu santo nome, para a dilatação da sua doutrina, para o triunfo da verdade; todas as conquistas de seu amor, que multiplicavam o número dos fiéis destinados a louvá-lo eternamente, eram-lhe motivo de alegria e de consolação infinitas. Tudo, nesta ordem de factos, interessava-o, apaixonava-o, fazia-lhe pulsar o coração e vibrar a alma.

Por mais sublime que fosse a conversa, o bom Cura conservava nela a simplicidade que é o verdadeiro carácter dos filhos de Deus. Mesmo falando dos santos, do Céu e das coisas divinas, conservava a sua linguagem familiar, e só conhecia as comparações populares. Naquelas longas e doces expansões, os encantos do amor divino, as delícias eucarísticas, a felicidade dos bons, a desdita dos maus, a espera das alegrias eternas misturavam-se a nobres solitudes pelo incremento do reino de Jesus Cristo, pela exaltação da santa Igreja e pelo triunfo da justiça e da verdade no mundo.

---

[\*] Presume-se que se trata de S. João Evangelista

## CAPITULO II

### FÉ DO CURA D'ARS

O Cura d'Ars recebera o dom da fé em perfeição eminente. O Espírito Santo derramava-lhe no centro da alma uma luz tão clara, que ele via as coisas divinas com uma vista simples, com uma certeza, um gosto e uma suavidade que lhe causavam ardores interiores, transportes, arroubos e lágrimas, e faziam aquiescer deliciosamente o seu espírito às verdades que lhe eram mostradas. A sua união íntima com Deus tornara-lhe, por assim dizer, sensíveis e palpáveis essas verdades. O que nós enxergamos de longe, vaga, confusamente, através de uma nuvem e em um enigma, ele o via em si mesmo com um olhar fixo e direto. "Se amássemos a Nosso Senhor, dizia ele, teríamos sempre diante dos olhos do espírito esse tabernáculo dourado, essa casa de Deus. Quando estamos a caminho e avistamos um campanário, esta vista deve fazer-nos pulsar o coração, como a vista do teto onde mora seu bem amado faz pulsar o coração da esposa. Não deveríamos poder despregar dele os nossos olhares.

"Temos apenas uma fé distanciada trezentas léguas do seu objeto, como se o bom Deus estivesse do outro lado dos mares. Se tivéssemos uma fé viva, penetrante, como os santos, veríamos como eles a Nosso Senhor . *Há padres que o vêem todos os dias na missa...*"

Esta palavra não lembra por acaso a de S. Paulo: *Novi hominem?*

"Os que não têm a fé, têm a alma bem mais cega do que os que não têm olhos. Nós estamos neste mundo como em um nevoeiro; mas a fé é o vento que dissipa esse nevoeiro e faz luzir sobre a nossa alma um belo sol... Vede, entre os protestantes como tudo é triste e frio! É um longo inverno. Entre nós tudo é alegre, jubiloso e consolador.

"Deixemos falar as pessoas do mundo. Ai! Como haveriam elas de ver? São cegos. Fizesse Nosso Senhor Jesus Cristo ainda hoje todos os milagres que fez na Judeia, e elas não creriam nele. Aquele a quem todo o poder foi dado, ainda não perdeu o seu poder. Por exemplo, a semana passada um

pobre vinhateiro trouxe nos ombros um menino de doze anos aleijado das duas pernas, que nunca tinha andado. Esse bom homem fez uma novena a Santa Filomena, e o seu pequeno ficou curado no nono dia; foi-se embora pulando adiante dele".

"Outrora Nosso Senhor endireitava os coxos, curava os doentes, ressuscitava os mortos. Havia pessoas que estavam presentes, que viam com seus olhos esses prodígios e não acreditavam neles. Os homens são sempre e em toda a parte os mesmos. Se Deus é poderoso, o diabo também tem seu poder; serve-se dele para cegar o pobre mundo".

## CAPITULO III

### ESPERANÇA DO CURA D'ARS

Embora retido nos grilhões do corpo, o Cura d'Ars quase não era menos aplicado a Deus do que essas puras inteligências que brilham sempre diante dele pela luz de uma caridade eterna. O temor dos juízos de Deus era-lhe a ideia dominante, e o desespero a sua tentação; não obstante, ele desejava a morte e chamava-a por todos os seus anseios: "É dizia ele, a união da alma com o Soberano Bem". Ele falou muitas vezes de escrever um livro sobre as *delícias da morte*. Enquanto os outros precisam de todas as suas forças para se resignarem a morrer, o P. Vianney precisava de todas as suas forças para se resignar a viver. Havia momentos em que, na sua conversação, se sentia um eco daquele gemido que perturbava S. Paulo e lhe fazia desejar sair em breve da tenda do seu corpo, a fim de que o que havia de mortal nele fosse absorvido pela vida.

Nas conversas do Cura d'Ars, as mais graciosas comparações versavam sobre o desejo do céu. Ele servia-se amiúde da andorinha, que só faz roçar pela terra, mas que quase nunca pousa; da chama, que tende sempre para o alto, do balão, que se eleva aos ares quando partiram as cordas que o retém em baixo. Dizia ele:

"O coração propende para aquilo que ele mais ama: o orgulhoso para as honras, o avarento para as riquezas; o vingativo pensa na sua vingança, o impudico nos seus maus prazeres. Porém o bom cristão em que é que pensa? Para que lado se volverá o seu coração? Para o lado do céu, onde está o seu Deus, que é o seu tesouro".

O homem era criado para o Céu; o demónio quebrou a escada que o conduzia a ele. Nosso Senhor, pela sua paixão, formou-nos outra; abriu a porta. A Santíssima Virgem está no topo da escada, segurando-a com ambas as mãos e gritando-nos: "Vinde, vinde!" Oh, que belo convite! Como o homem tem um belo destino! Ver a Deus, amá-lo, bendizê-lo, contemplá-lo durante a eternidade!"

"Quando se pensa no Céu, pode-se considerar a terra?"

"Depois que passeou pelo Céu, S. Teresa não podia ver as coisas deste mundo. Quando lhe mostravam um belo objeto, ela dizia: "Não é nada isso: é só lama".

"Santa Coleta saía às vezes da cela, não se possuindo de alegria ao pensamento do Céu; percorria os corredores gritando: *Ao Paraíso! Ao Paraíso!!!*"

"No Céu, o nosso coração ficará de tal forma perdido, mergulhado na ventura de amar a Deus, que não nos ocuparemos nem de nós nem dos outros, mas só de Deus.

"Um cego de nascença, tendo sido levado ao túmulo de S. Martinho, recobrou a vista imediatamente; ficou tão impressionado com as belezas da natureza, que desmaiou de felicidade. No que respeita ao Céu, nós somos como esse cego".

"Um bom cristão não deve poder-se sofrer neste mundo; definha na terra. Se uma criancinha estivesse lá na igreja e sua mãe estivesse na tribuna, estenderia a esta as mãozinhas, e, se não pudesse subir a escada que leva à tribuna, far-se-ia ajudar, e não descansaria enquanto não estivesse nos braços da mãe".

"Dizem que no Céu ficaremos em tronos, para assinalar que lá seremos grandes. Esses tronos é o amor de Deus que os forma: há só isso no céu... O amor de Deus encherá e inundará tudo..."

"Quando perguntavam a Santa Teresa o que vira no céu, ela exclamava: *Vi!... vi!... vi!...* e ficava nisso; a palavra e o fôlego lhe faltavam; ela não podia dizer nada mais.

"Ó bela união da Igreja da terra com a Igreja do Céu! Como dizia Santa Teresa: "Vós triunfando, nós combatendo, fazemos uma coisa só para glorificar a Deus!"

"Santo Agostinho diz que aquele que teme a morte não ama a Deus: é bem verdade. Se estivésseis separado de vosso pai durante muito tempo, não ficaríeis contente de tornar a vê-lo?"

"Oh! que bela aquisição o Céu! Mas que é preciso para chegar a ele? A pureza do coração, o desprezo do mundo e o amor de Deus".

Depois de uma encantadora instrução sobre o Céu, alguém perguntava ao Cura d'Ars: "Que é preciso para merecer essa recompensa de que nos havia feito tão magnífico quadro? — Meu amigo, respondia ele, a graça e a cruz".

O P. Vianney gostava muito de contar esta história:

"Havia uma vez um bom religioso que julgava que no Paraíso o tempo lhe ia durar. O bom Deus fez-lhe ver que não. Um dia em que ele estava nos jardins do mosteiro, avistou um passarinho que saltava de ramo em ramo, e que se tornava sempre mais belo à medida que ele o olhava. Finalmente, ficou ele tão belo, tão belo, que o monge não podia despegar dele a vista... Pôs-se a persegui-lo, e bem quisera pegá-lo. Entretanto parou, pensando que havia bem meia hora que estava a correr atrás do seu passarinho. Voltou ao mosteiro, mas ficou muito surpreso de achar na porta um Frade que ele nunca tinha visto, e o Frade tão pouco o conhecia. O seu espanto redobrou quando, percorrendo a casa, só enxergou caras desconhecidas e figuras novas. "E os nossos Padres, onde estão?" perguntou. Os outros o olhavam sem compreendê-lo. Afinal ele disse o seu nome: procuraram nos registros e viram que havia cem anos que ele saíra... . O bom Deus mostrou-lhe assim que o tempo não dura no Paraíso".

## CAPITULO IV

### CARIDADE DO CURA D'ARS

Para dar uma ideia do que foi no Padre Vianney o amor de Nosso Senhor, seria mister pintar o que pode encontrar-se em uma alma humana, auxiliada pela graça, de mais ardente, de mais enérgico, de mais doce, de mais forte e de mais generoso. Todas as faculdades de sua alma, todas as luzes da sua razão, todos os recursos da sua vontade estavam a serviço desse sentimento supremo. A união de que fala S. João Crisóstomo estava começada nele. "Só Jesus Cristo estava todo nos seus pensamentos, afetos, desejos. Sem o Salvador, a sociedade dos espíritos bem-aventurados não poderia ter-lhe agradado". Jesus Cristo era-lhe a vida, o Céu, o presente, o futuro, e a adorável Eucaristia o único estancamento possível para a sede que o consumia. Ele não podia cessar de pensar em Jesus Cristo, de aspirar a Jesus Cristo, de falar de Jesus Cristo. Então não eram palavras, eram chamas que lhe saíam do coração e da boca. Havia na maneira por que ele pronunciava o adorável nome de Jesus e por que dizia: *Nosso Senhor* um acento com que era impossível não ficar impressionado. Parecia que o seu coração se lhe derramava nos lábios.

O que o Cura d'Ars melhor retivera das suas leituras, o que tornava mais amiúde aos seus discursos, eram as palavras inflamadas pelas quais o amor dos santos para o divino Mestre mais vivamente se exprimiu: ele gostava de citar esta palavra de Nosso Senhor a Santa Teresa: "Aguardo o dia do Juízo para fazer ver aos homens o quanto me amaste". E esta outra: "Quando os homens não quiserem mais saber de mim, virei esconder-me no Teu coração". Nunca as citava sem ser interrompido pelas lágrimas.

Relembrava também estas palavras de Santa Catarina de Sena, exclamando em meio ao ardor que sentia: "Ó meu caríssimo Senhor! se eu tivesse sido a pedra e a terra onde foi plantada a vossa cruz, que graça e que consolo teria tido de receber o sangue que corria das vossas feridas!" Contava ele, enternecendo-se muito, que Santa Coleta dizia a Nosso Senhor: "Meu doce Mestre, eu bem vos quisera amar, mas o meu coração é pequeno demais". Logo viu descer um grande coração todo inflamado, e ao

mesmo tempo ouviu uma voz que lhe disse: "Ama-Me agora tanto quanto quiseres". E o coração dela foi inundado de amor. "Ó Jesus! exclamava ele muitas vezes, com os olhos cheios de lágrimas, conhecer-Vos é amar-Vos! Se soubéssemos o quanto Nosso Senhor nos ama, morreríamos de prazer! Não creio que haja corações bastante duros para não amarem vendo-se tão amados...

É tão bela a caridade! É um eflúvio do coração de Jesus, que é todo amor... A única felicidade que tenhamos na terra é amar a Deus e saber que Deus nos ama..."

Dizia ele ainda com tristeza:

"Penso às vezes que haverá poucas boas obras recompensadas, porque, em vez de as fazermos por amor de Deus, as fazemos por hábito, rotineiramente, por amor de nós mesmos. Como é pena!

"Tudo sob os olhos de Deus, tudo com Deus, tudo para agradar a Deus... Oh! Como é belo!... Eia, minha alma, tu vás conversar com Deus, trabalhar com Ele, andar com Ele, combater e sofrer com Ele. Trabalharás, mas Ele abençoará o teu trabalho; andarás, mas Ele te abençoará os passos; sofrerás, mas Ele abençoará as tuas lágrimas. Como é grande, como é nobre, como é consolador fazer tudo na companhia e sob os olhos de Deus, pensar que Ele vê tudo, conta tudo!... Digamos pois cada manhã: "Tudo para vos agradar, ó meu Deus! Todas as minhas acções convosco!..." Como é doce e consolador o pensamento da santa presença de Deus!... A gente nunca se cansa, as horas correm como minutos... Enfim, é um antegoço do Céu".

"Pobres pecadores! quando eu penso que há pecadores que morrerão sem ter saboreado uma hora sequer de felicidade de amar a Deus!... Quando nos cansarmos dos nossos exercícios de piedade e a conversação com Deus nos aborrecer, vamos à porta do inferno, vejamos aqueles pobres condenados que não podem mais amar a Deus".

"Se a gente pudesse condenar-se sem fazer sofrer a Nosso Senhor, vá lá! Mas não pode".

"Um bom cristão que tivesse fé, morreria de amor... Um bom cristão que ama a Deus e ao próximo, — e quando se ama a Deus ama-se o próximo, — vede como é feliz! Que paz na sua alma! É o Paraíso na terra".

"Penso muitas vezes que a língua daqueles pobres mortos que estão lá no cemitério não pode mais rezar... que o coração deles não pode mais amar..."

O P. Vianney findava com frequência a sua conversa por estas palavras: "Ser amado por Deus, estar unido a Deus; viver na presença de Deus, viver para Deus: ó bela vida!... e bela morte!"

Um dia em que ele estava ouvindo os passarinhos no seu pátio, pôs-se a dizer suspirando: "Pobres passarinhos! fostes criados para cantar, e cantais... O homem foi criado para amar a Deus, e não o ama!"

"O que faz que nós não amemos a Deus, dizia ele ainda, é que nós ainda não chegámos a esse grau em que *tudo o que custa dá prazer*. Se tivéssemos de ser condenados, seria um consolo podermos dizer: Ao menos amei a Deus na terra..."

"Há quem chore por não amar a Deus: pois bem! Esses o amam! Oh, como é consolador pensar que nesta pobre terra é ainda em Deus que há mais fidelidade e mais amor!"

"Como se deve ir a Deus? perguntávamos-lhe um dia.

— "Meu amigo, *direitinho como uma bala de canhão*".

O Cura d'Ars recomendava principalmente três devoções: a devoção à paixão de Nosso Senhor e à sua Eucaristia, a devoção à SS. Virgem e a devoção às almas do Purgatório. Afirmava, depois de S. Bernardo, que não ter devoção ao corpo e ao sangue de Jesus Cristo era um sinal de reprovação. "A paixão de Nosso Senhor, dizia ele, é como um grande rio que desce de uma montanha e nunca se esgota..."

Nada pode dar uma ideia da devoção que o cura d'Ars tinha à adorável Eucaristia. Chamava-a ele pelos nomes mais suaves e mais ternos:

inventava expressões novas para falar dela dignamente: era o seu assunto favorito, e a ele tornava incessantemente nas suas conversas. Então o coração fundia-se-lhe de gratidão e de amor; a fronte se lhe irradiava; os olhos despediam chispas; a alma de santo difundia-se-lhe nos traços; as lágrimas estrangulava a voz: "Que faz Nosso Senhor no sacramento do Seu amor? exclamava ele. Tomou o Seu bom coração para nos amar; sai do Seu coração uma transpiração de ternura e de misericórdia para afogar os pecados do mundo".

Ele chamava à sagrada Comunhão um *banho de amor...*" Quando a gente comunga, dizia ele, a alma rola-se no bálsamo do amor como a abelha nas flores".

Gostava de contar o episódio de S. João da Cruz e Santa Teresa. Quando esta recebia a comunhão das mãos de seu pai espiritual, o amor de Nosso Senhor, indo de um ao outro, fazia derreter-lhes o coração a ponto de S. João da Cruz cair para um lado e Santa Teresa para o outro, afogados no bálsamo do amor...

"Hoje, dizia ele num dia de festa do Sagrado Coração, Nosso Senhor nos põe sobre o Seu coração... Ah! Se pudéssemos ficar sempre aí!..."

Depois, pondo as mãos e elevando ao céu os olhos cheios de lágrimas, exclamava: "Ó Coração de Jesus, Coração de amor! *Flor de amor!*... O coração, era tudo o que restava de inteiro no Santíssimo Corpo de Nosso Senhor, até Longino o ter furado para fazer sair dele o amor!... Se não amarmos o Coração de Jesus, que haveremos de amar então? Nesse Coração só há amor! Como se faz para não amar o que é amável?"

## CAPITULO V

### ZELO DO CURA D'ARS

É impossível compreender quanto o Cura d'Ars tinha a peito a salvação das almas. Pode-se dizer que ele gemia continuamente sobre a perda delas. Ouviram-lhe muitas vezes repetir com coração penetrado:

"Que pena que as almas, que custaram tantos sofrimentos a Deus, se percam pela eternidade!"

"Nada aflige tanto o coração de Jesus quanto ver todos os seus sofrimentos perdidos para tão grande número... Rezemos, pois, pela conversão dos pecadores: é a mais bela e a mais útil das orações, porquanto os justos estão no caminho do céu, as almas do purgatório estão seguras de entrar nele... Mas os pobres pecadores! Os pobres pecadores!... Há alguns que estão em suspenso. Um *Pai-Nosso* e uma *Ave-Maria* bastariam para fazer pender a balança... Quantas almas podemos converter pelas nossas orações! Aquele que tira uma alma do inferno, salva essa alma e a sua própria. Todas as devoções são boas, mas não há nenhuma melhor do que essa".

"Uma vez, S. Francisco de Assis rezava nos bosques. "Senhor, dizia ele, tende compaixão dos pobres pecadores". Nosso Senhor apareceu-lhe e lhe disse: "Francisco, a tua vontade é conforme a minha. Estou pronto a te conceder tudo o que me pedires".

"Santa Coleta pedia a conversão de mil pecadores; depois, refletindo nisso, espantou-se desse grande número e acusou-se de temeridade. A SS. Virgem apareceu-lhe e mostrou-lhe a quantidade de almas que ela havia convertido por suas novenas..."

"Podemo-nos oferecer como vítimas durante oito ou quinze dias pela conversão dos pecadores. Sofremos o frio, o calor; privamo-nos de olhar alguma coisa, de ir visitar uma pessoa que causaria prazer; fazemos uma novena; ouvimos missa todos os dias da semana nessa intenção, mormente

nas cidades onde se tem facilidade disso. Mas há muita gente que não daria cem passos para ir à missa. Os que têm a felicidade de comungar amiúde, podem fazer uma novena de comunhões. Não somente se contribui para a glória de Deus por essa santa prática, mas se atrai para si grande abundância de graças".

"Tendes feito tudo", dizia o P. Vianney a um cura que se lhe queixava de não poder transformar o coração dos seus paroquianos, "haveis rezado, haveis chorado, haveis gemido, haveis suspirado; tendes porém jejuado, tendes feito vigílias, tendes-vos deitado em cama dura tendes-vos aplicado a disciplina? Enquanto não chegardes a isto, não julgueis ter feito tudo!"

"Senhor Cura", dizia-lhe um dia o seu missionário, "se Deus vos propusesse, ou subirdes ao Céu agora mesmo, ou ficardes na terra para trabalhardes na conversão dos pecadores, que faríeis?"

"— Creio que ficaria.

"— Será possível? Os santos são tão felizes no Céu! Lá não há mais tentações, não há mais misérias!..."

Com um sorriso angélico ele respondeu:

"É verdade; mas os santos são uns capitalistas. Não podem mais, como nós, glorificar a Deus pelo trabalho, pelo sofrimento e pelos sacrifícios para a salvação das almas.

"— E ficaríeis na terra até ao fim do mundo?"

"— Do mesmo modo.

"— Nesse caso, teríeis muito tempo diante de vós; levantar-vos-íeis tão de madrugada?"

"— Oh! sim, à meia-noite! Não temo o incómodo... Eu seria o mais feliz dos homens; não fosse este pensamento de que tenho de comparecer no tribunal de Deus com a minha *pobre vida de cura*..."

Dizendo isto, derramava abundantes lágrimas.

Uma noite, o servo de Deus parecia mais abatido que de costume; cuidara desfalecer fazendo o curto trajeto do seu confessionário à cúria. As suas ideias de fuga e de retirada voltavam-lhe, o que não o impedia de estar alegre, amável e expansivo, tanto ou mais que usualmente. "Oh! diz ele tomando as mãos do seu missionário, se eu estivesse no vosso lugar, voaria para o Céu..." Depois, com melancólica tristeza e com acento desolado:

"Como sou para lastimar! Não conheço ninguém mais infeliz que eu!

"— Senhor Cura, quantos quereriam trocar com Vossa Reverendíssima!

"— Meu amigo, eles trocariam o seu ouro por cobre".

"Meu Deus! dizia muitas vezes o P. Vianney, como o tempo me é longo, com os pecadores! Quando pois estarei com os santos!... O bom Deus é tão ofendido na terra, que a gente seria tentado de pedir o fim do mundo!... Se não houvesse algumas belas almas para repousar o coração e consolar os olhos de tanto mal que se vê e que se ouve, não nos poderíamos sofrer nesta vida... Quando a gente pensa na ingratidão dos homens para com Deus, fica-se tentado de ir para a outra banda dos mares, para não a ver. É espantoso! Ainda se o bom Deus não fosse tão bom! Mas ele é tão bom!...

"Ó meu Deus! Que vergonha havemos de ter quando o dia do Juízo Final nos fizer ver toda a nossa ingratidão! Compreenderemos então... mas já não será tempo. Nosso Senhor nos dirá: "Por que me ofendeste?" E não saberemos o que responder.

"Não! acrescentava ele chorando, não há nada no mundo tão infeliz quanto um padre! Em que se passa a vida dele? Em ver o bom Deus ofendido. Sempre o Seu Santo Nome blasfemado! Sempre os Seus mandamentos violados! Sempre o Seu amor ultrajado! O padre só vê isto; só ouve isto... Está continuamente como S. Pedro no pretório de Pilatos, tendo debaixo dos olhos Nosso Senhor insultado, desprezado, escarnecido, coberto de opróbrios... Uns cospem-lhe no rosto, outros dão-lhe bofetadas; outros lhe põem uma coroa de espinhos; outros batem nele a grandes golpes. Empurram-no; atiram-no ao chão; pisam-no aos pés; crucificam-no; varam-lhe o coração... Ah! se eu tivesse sabido o que é um sacerdote, em vez de ir para o seminário bem depressa teria fugido para a Trapa.

## CAPITULO VI

### AMOR DO CURA D'ARS AOS POBRES

Depois dos pecadores, eram os pobres que mais ocupavam o pensamento do Padre Vianney. Ele os amava porque Nosso Senhor os amava, e porque compreendia que, só achando neste mundo privações, penas e repúdios de todo o género, eles tinham mais necessidade de ser prevenidos, honrados e consolados. Muitas vezes lhe ouvimos dizer:

"Como somos felizes de que os pobres venham assim pedir-nos caridade! Se não viessem, seria mister ir procurá-los, e nem sempre temos tempo".

"Há uns que só dão esmola para serem vistos, louvados e admirados... Outros há que acham que lhes não agradecem bastante. Não é assim!... Se é para o mundo que fazeis a esmola, tendes razão de vos queixardes. Porém se é para o bom Deus, quer vos agradeçam, quer não vos agradeçam, que importa! Devemos fazer todo o bem que pudermos a toda a gente, mas só esperar a recompensa de Deus.

"Quando dermos esmola, devemos pensar que é a Nosso Senhor e não aos pobres que damos. Muitas vezes cuidamos aliviar um pobre, e verificamos ser Nosso Senhor. Vede São João de Deus: ele tinha o hábito de lavar os pés dos pobres antes de os fazer comer. Um dia, curvando-se sobre os pés de um pobre, viu que aquele pobre tinha os pés furados. Levantou a cabeça com emoção, e exclamou: "Sois então vós, Senhor!" (Aqui o P. Vianney desatava em lágrimas). Nosso Senhor disse-lhe: "João, tenho prazer em ver como cuidas dos meus pobres..." E desapareceu.

"Vede aquele bom S. Gregório, que fazia comer todos os dias doze pobres à sua mesa. Um dia, acharam-se treze, e ele disse ao criado: "Há treze pobres". O criado respondeu: "Só estou vendo doze". O santo notou que aquele décimo terceiro mudava de cor: ora ficava vermelho, ora branco como a neve. Quando a refeição terminou, o Papa tomou pela mão aquele pobre desconhecido e, levando-o à parte, disse-lhe: "Quem sois? — Sou um

anjo (novas lágrimas do santo Cura), e Nosso Senhor me enviou para considerar de perto os desvelos que dispensais aos seus pobres. Sou eu que apresento a Deus vossas preces e vossas esmolas". A estas palavras, desapareceu. A mesa a que se assentou o anjo vê-se ainda hoje em Roma".

"Há pessoas que dizem aos pobres, quando estes aparentam ter saúde: "Você é um preguiçoso, bem podia trabalhar: é moço, tem bons braços". Não sabeis se não é do beneplácito de Deus que esse pobre vá pedir o seu pão. Expondes-vos assim a murmurar contra a vontade de Deus.

"Vede o Bem-aventurado Benedito Labre; toda a gente o repudiava. Chamavam-lhe madraço. Os meninos atiravam-lhe pedras. Aquele bom santo sabia que fazia a vontade de Deus; jamais respondia o quer que fosse. Uma vez foi ter com seu confessor, que lhe disse: "Meu amigo, creio que você faria melhor procurando amo; você faz ofender a Deus. O mundo diz que é só a preguiça que o leva a mendigar". Benedito Labre respondeu-lhe muito humildemente: "Meu Padre, é a vontade de Deus que eu mendigue. Puxe a cortina do seu confessionário, e verá..." O padre abriu e viu uma luz que iluminou todas as capelas. De certo o confessor resguardou-se bem de desviá-lo de sua trilha... Pois bem! Meus filhos, que sabemos nós se não há outros assim? É por isto que nunca se devem repudiar os pobres. Se não lhes pudermos dar, pediremos a Deus que inspire a outros fazê-lo.

"Há outros que dizem: "Oh! Ele faz mau uso da esmola!" Faça ele o uso que quiser, o pobre será julgado sobre esse uso que fizer da vossa esmola, e vós sereis julgado sobre a própria esmola que poderíeis ter feito e não fizestes.

"Nunca se devem desprezar os pobres, porque esse desprezo recai sobre Deus".

## CAPITULO VII

### HUMILDADE DO CURA D'ARS

Para quem não conhecesse o Cura d'Ars, pela narração das coisas maravilhosas que se realizavam em torno dele e que lhe mereciam as ovações da multidão, era natural supor que, naquele ambiente de glória que o circundava, o orgulho lhe era, senão a armadilha, ao menos a tentação. Que provação, com efeito, permanecer humilde entre os testemunhos mais expressivos e mais retumbantes da veneração pública! Alguém insinuava certa vez essa ideia diante dele; ele compreendeu, e, levantando os olhos ao céu com uma expressão profunda de tristeza e quase de desalento, disse: "Ah! Se ainda eu não fosse tentado de desespero!"

Um dia, recebeu ele uma carta cheia de coisas inconvenientes; pouco depois recebeu outra que só respirava veneração e confiança, e na qual lhe chamavam um santo. Ele o participou às suas caras filhas *da Providência*: "Vede, diz-lhes, o perigo que há em nos determos nos sentimentos humanos. Esta manhã eu teria perdido a tranquilidade da alma, se tivesse querido dar atenção às injúrias que me dirigiam, e esta tarde teria sido grandemente tentado de orgulho, se me tivesse fiado em todos aqueles cumprimentos. Oh, como é prudente não nos apegarmos às vãs opiniões e aos vãos discursos dos homens, e não fazer nenhum caso deles!"

Ele dizia ainda a propósito dessas cartas: "Recebi duas cartas pelo mesmo correio; numa diziam que eu era um grande santo, noutra que eu era um hipócrita e um charlatão... A primeira não me acrescentava nada, a segunda nada me tirava: a gente é aquilo que é diante de Deus; e depois, nada mais!..."

Outra vez, dizia ele: "O bom Deus escolheu-me para ser o instrumento das graças que ele faz aos pecadores, porque eu sou o mais ignorante e o mais miserável de todos os padres. Se houvesse na diocese um padre mais ignorante e mais miserável do que eu, Deus o teria aproveitado de preferência".

O Cura d'Ars tinha uma sentença que lhe tomava com frequência a conversação: "Se dizem mal de vós, dizem o que é verdade; se vos cortejam, zombam de vós... Qual é melhor, que vos avisem, ou que vos iludam? que vos tomem a sério, ou que vos escarneçam?"

O Padre Vianney nunca falava de si primeiro. Se o interrogavam, respondia com uma modéstia que impunha reserva e com um laconismo que reduzia o interlocutor ao silêncio. Depois cortava com tudo que lhe dizia respeito e só procurava desviar a conversa. No mais, esgotava em tais ocasiões todas as formas do desprezo, e a sua humildade era engenhosa em inventar formas novas. Fazia o elogio de um padre a quem estimava, e dizia, na sua linguagem imaginosa e pitoresca, que havia nele algo *da andorinha e da águia*.

"E em V. Revma., sr. Cura, que há?"

"— Oh! Que há em mim? Serviram-se para formar o Cura d'Ars de uma *pata, de uma perua e de uma lagosta*".

"Como V. Revma. é bom, dizia o santo homem a um missionário recém-chegado a Ars, de vir ajudar-nos!"

"— Sr. Cura, sem falar do prazer que temos de viver junto a V. Revma., é um dever que cumprimos.

"— Oh! não, é caridade!

"— Senhor Cura, não creia isso. Não há caridade da nossa parte.

"— Oh! há! Bem vê V. Revma., que, quando V. Revma., está aqui, isto ainda vai; mas quando eu estou sozinho, não valho nada. Sou como os zeros, que só têm valor ao lado dos outros algarismos... Estou velho demais, não presto para nada.

"— Senhor Cura, V. Revma. é sempre jovem pelo coração e pela alma.

"— Sim, meu amigo, posso dizer, como um santo a quem perguntavam a idade, que ainda não vivi um dia".

Na necessidade que o Padre Vianney sentia de se diminuir e rebaixar, fazia emprego continuo do termo *pobre*. Era a sua *pobre* alma, o seu *pobre* cadáver, a sua *pobre* miséria, os seus *pobres* pecados. Tinha sempre a língua levantada para reconhecer as suas faltas, e, a dar-lhe crédito, a sua vida inteira não bastaria para chorá-las. Só acusações tinha a formular contra si próprio.

A humildade do seu coração fazia-lhe derramar verdadeiras lágrimas sobre a sua fraqueza e ignorância. Essas lágrimas só podiam ser enxugadas pela generosidade do seu ânimo que o premia a lançar-se de olhos fechados, com todas as suas impotências, nos braços de Deus. Ele se exprobrava tudo. Crer-se-ia que ele envelhecera no mal, que era o mais vil e o mais desgraçado dos pecadores.

"Como Deus é bom, dizia ele muitas vezes, para suportar as minhas imensas misérias!"

"Deus me fez esta grande misericórdia de não pôr nada em mim em que eu me possa apoiar, nem talento, nem ciência, nem força, nem virtude... Só descubro em mim, quando me considero, os meus pobres pecados. E ainda Deus permite que eu não os veja todos, e que não me conheça todo. Essa vista me faria cair no desespero. Não tenho outro recurso contra esta tentação do desespero senão lançar-me aos pés do tabernáculo, como um cachorrinho aos pés do dono..."

O servo de Deus era do pequeno número dos que falam da humildade humildemente.

"Senhor Cura, como fazer para ser direito? perguntava-lhe um dia alguém.

"— Meu amigo, é preciso amar a Deus".

"— Ah! E como fazer para amar a Deus?"

"— Ah! Meu amigo, *humildade! humildade!* é o nosso orgulho que nos impede de nos tornarmos santos. O orgulho é a corrente do rosário de todos os vícios, a humildade é a corrente do rosário de todas as virtudes".

Eis aqui sobre o mesmo assunto alguns pensamentos do servo de Deus:

"A humildade é como uma balança; quanto mais a gente se abaixa de um lado, tanto mais é elevada do outro".

"Os que nos humilham são nossos amigos, e não os que nos louvam".

"Perguntavam a um santo qual era a primeira das virtudes, e ele respondeu: "É a humildade. — E a segunda? — A humildade. — E a terceira? — A humildade".

"Jamais compreenderemos a nossa pobre miséria. Faz fremir só o pensar nisto! Deus só nos dá sobre isso uma pequena vista.

"Se nos conhecêssemos a fundo, como Ele nos conhece, não poderíamos viver; morreríamos de pavor.

"Os santos se conheciam melhor que os outros, e é por isto que eram humildes. Entravam em grandes confusões vendo que Deus se servia deles para fazer milagres. São Martinho era um grande santo e julgava-se um grande pecador. Atribuía aos seus pecados todos os males que sucediam no seu tempo".

"Ai! Não se concebe como e de quê uma criatura tão pequena como nós possa orgulhar-se... O diabo apareceu um dia a São Macário, armado de um chicote como para batê-lo, e lhe disse: "Tudo isso que tu fazes eu faço: tu jejuas, eu nunca como; tu velas, eu nunca durmo. Só há uma coisa que tu fazes e eu não posso fazer. — Oh! Que é então? — "*Humilhar-me!*" respondeu o diabo; e sumiu-se!...

"Há santos que punham em fuga o demónio dizendo: "Como sou miserável!"

## CAPITULO VIII

### PENSAMENTOS DO CURA D'ARS SOBRE AS ALEGRIAS DA VIDA INTERIOR

O Cura d'Ars falava amiudadas vezes das alegrias da oração e da vida interior: era um assunto que ele nunca abordava sem que o seu coração entrasse logo em fusão: "Ser rei, dizia ele, triste lugar! Quem é rei, é rei para os homens!... Mas ser de Deus, ser todo de Deus; ser de Deus sem divisão: o corpo, de Deus; a alma, de Deus!... um corpo casto, uma alma pura! oh! Não há nada tão belo!..." E o pranto embargava-lhe a voz.

Ele dizia ainda:

"A oração, eis toda a felicidade do homem na terra. Ó bela vida! Bela união da alma com Nosso Senhor! A eternidade não será bastante longa para compreendermos essa felicidade... A vida interior é um banho de amor em que a alma se mergulha... Ela fica como que afogada no amor... Deus segura o homem interior como uma mãe segura a cabeça do filho nas mãos para cobri-lo de beijos e de carícias..."

"Penso muitas vezes na alegria dos apóstolos quando tornaram a ver Nosso Senhor. A separação tinha sido tão cruel! Nosso Senhor os amava tanto! Era tão bom com eles! É de presumir que ele os abraçou dizendo: *A paz seja convosco!* É assim que ele abraça a nossa alma quando nós rezamos. E diz-nos ainda: *A paz seja convosco!*"

Amamos uma coisa em proporção ao preço que ela nos custou. Julgai por aí do amor que Nosso Senhor tem à nossa alma, que lhe custou todo o sangue. Ele é faminto de comunicações e de relações com ela. O tempo lhe dura de vê-la, de ouvi-la..."

"Há duas coisas para nos unirmos com Nosso Senhor e para fazermos a nossa salvação: a oração e os sacramentos. Todos aqueles que se tornaram santos frequentaram os sacramentos e elevaram a alma a Deus pela oração. É preciso, desde a manhã, ao acordarmos, oferecermos a Deus o nosso

coração, espírito, pensamentos, palavras, acções, toda a nossa pessoa, para só servir à Sua Glória; renovarmos as promessas do baptismo; agradecermos ao nosso anjo da guarda, pedir-lhe a protecção, a esse bom anjo que ficará ao nosso lado durante o nosso sono.

"Há bons cristãos que têm o hábito de dizer-se: "Farei hoje tantos actos de amor de Deus, tantos sacrifícios..." Gosto bem disso...

Um dia em que presidira a renovação dos votos que as Irmãs de S. José costumavam fazer cada ano, a 2 de julho, o P. Vianney saiu da cerimónia com o coração cheio e sem poder conter a sua alegria; esta expandia-se em deliciosas palavras: "Como a religião é bela! dizia ele. Como a multidão da vossa doçura é grande, ó meu Deus, para os que Vos temem!... Eu pensava ainda há pouco que havia entre Nosso Senhor e aquelas boas religiosas, que são esposas de Nosso Senhor, um assalto de generosidade a quem mais desse... Mas é sempre Nosso Senhor quem vence. As religiosas dão os seus corações, Ele dá o Seu Coração e o Seu Corpo... Enquanto as Irmãs diziam: "Renovo os meus votos de pobreza, de castidade e de obediência", eu lhes dizia apresentando-lhes a hóstia: "O Corpo de Nosso Senhor guarde a vossa alma para a vida eterna!"

Depois, aproveitando a ocasião para estender-se sobre o seu assunto predileto, o santo homem acrescentava: "Se pudéssemos compreender todos os bens encerrados na Sagrada Comunhão, não seria preciso mais para contentar o coração do homem. O avarento não correria mais atrás dos seus tesouros, o ambicioso atrás da glória; cada um deixaria a terra, sacudir-lhe-ia o pó e voaria para os Céus. A Comunhão! Oh, que honra Deus faz à sua criatura! Repousa-lhe na língua, passa-lhe pelo céu da boca como por um pequeno caminho, e pára-lhe no coração como num trono! Ó meu Deus! Meu Deus! (enternecendo-se e enxugando as lágrimas) há quem tenha sabido apreciar essa honra. Assim, viu-se um santo bispo querer ele próprio varrer a igreja, e revestir-se do seu roquete para desempenhar essa função, que parece baixa e que ele estimava tão grande que se cobria das suas insígnias para desempenhá-la. Um rei queria outrora espremer com suas mãos os cachos de uvas para a consagração do cálice, e preparar pessoalmente a farinha para a hóstia.

"Uma comunhão bem feita basta para abrasar uma alma do amor de Deus e fazê-la desprezar a terra. Um grande deste mundo, não há muito tempo, veio fazer aqui a Sagrada Comunhão; tinha trezentos mil francos de fortuna: deu cem para construir uma igreja, cem para os pobres, cem a seus parentes, e foi para a Trapa. Veio depois dele um advogado bem erudito; fez uma boa comunhão e partiu para ir-se pôr sob a conduta do P. Lacordaire. Oh, uma comunhão santa, uma só, é bastante para desgostar o homem da terra e dar-lhe um antegozo das delícias celestes!

"Para dizer missa, dever-se-ia ser um serafim!..." Eu seguro nas mãos a Nosso Senhor.

Carrego-O para a direita, *Ele* fica à direita! Carrego-O para a esquerda, *Ele* fica à esquerda!... Se soubéssemos o que é a missa, morreríamos! Só no Céu se compreenderá a ventura que há em dizer missa!... Ai! Meu Deus! Como é para lastimar um padre quando faz isso como uma coisa vulgar!..."

## CAPITULO IX

### PENSAMENTOS DO CURA D'ARS SOBRE A ABNEGAÇÃO E A MORTE A SI MESMO

O Padre Vianney estava convencido, como o estiveram todos os santos, de que o único tesouro do coração é o desapego; que sacrificar não é destruir, porém vivificar; é suprimir o obstáculo e partir os grilhões que impedem a liberdade da alma, apegando-a às coisas finitas.

Foi por isso que ele sempre insistiu muito sobre a morte de si próprio e sobre a renúncia à vontade, dizendo:

"Nós só temos de próprio a nossa vontade; é a única coisa que possamos tirar do nosso fundo para oferecer a Deus. Por isto asseveram que um só acto de renúncia à vontade lhe é mais agradável do que trinta dias de jejum.

"Todas as vezes que podemos renunciar à nossa vontade para fazer a dos outros, quando esta não é contra a lei de Deus, adquirimos grandes méritos, que só são conhecidos por Deus. Que é que torna a vida religiosa tão meritória? É essa renúncia de cada instante à vontade, essa morte contínua ao que há de mais vivo em nós.

"Reparai, tenho pensado muitas vezes que a vida de uma pobre criada, que só tem de vontade a dos seus patrões, se ela souber pôr a proveito essa renúncia, pode ser tão agradável a Deus quanto a de uma religiosa que está sempre em face da regra.

"Mesmo no mundo, a toda a hora, a gente acha em que renunciar à própria vontade: priva-se de uma visita que daria prazer, cumpre uma obra de caridade que aborrece, deita-se dois minutos mais tarde, levanta-se dois minutos mais cedo; quando se apresentam duas coisas por fazer, dá-se preferência à que nos agrada menos.

"Conheci belas almas no mundo que não tinham vontade, que estavam completamente mortas a si mesmas. É isso o que faz os santos.

"Vede aquele bom S. Mauro, que era tão poderoso junto de Deus e tão caro a seu superior pela sua simplicidade e obediência. Os outros religiosos tinham ciúmes; o superior disse-lhes: "Vou mostrar-vos porque é que estimo tanto esse caro irmãozinho..." Correu as celas: todos tinham alguma coisa a terminar antes de abrir; só S. Mauro, que estava a copiar a Escritura Santa, deixou incontinentemente o seu trabalho para responder ao chamado de S. Bento.

"Só o primeiro passo é que custa nessa trilha da abnegação. Quando uma vez se entrou nela, a coisa vai sozinha, e quando se tem essa virtude tem-se tudo".

O Padre Vianney dizia, falando da cruz: que *"ela suave o bálsamo e transpirava a doçura"*; que quanto mais a gente se juntava a ela, quanto mais a apertava nas mãos e contra o coração, tanto mais fazia escorrer dela a unção de que estava cheia...; que ela é o livro mais erudito que se possa ler, que os que não conheciam esse livro eram uns ignorantes, ainda quando conhecessem todos os outros livros; que só eram verdadeiros sábios aqueles que o amavam, o consultavam, o aprofundavam; que, por mais amargo que fosse esse livro, nunca se ficava mais contente do que afogando-se nas suas amarguras; que quanto mais se lhe ia à escola, tanto mais se queria ficar nesta; que o tempo se passava aí sem aborrecimento; que aí se ficava sabendo tudo quanto se devia saber, e que nunca se ficava saciado do que aí se saboreava...

Perguntávamos um dia ao servo de Deus se a contradição nunca o emocionava a ponto de lhe fazer perder a paz; nunca esquecemos a admirável resposta que ele nos deu: "A cruz, exclamou ele com expressão celeste, "a cruz fazer-nos perder a paz! Foi ela que deu a paz ao mundo, é ela que deve trazê-la aos nossos corações. Todas as nossas misérias vêm de nós não a amarmos. É o temor das cruzes que aumenta as cruzes. Uma cruz carregada com simplicidade e sem esses rodeios de amor-próprio que exageram as penas, já não é uma cruz. Um sofrimento tranquilo já não é um sofrimento. E nós nos queixamos de sofrer! Muito mais razão teríamos de nos queixarmos de não sofrer, visto que nada torna tão semelhante a Nosso Senhor como carregar a sua cruz. Ó bela união da alma com Nosso Senhor Jesus Cristo pelo amor e pela virtude da sua cruz!... . Eu não compreendo como é que um cristão pode não amar a cruz e fugir-lhe! Não é fugir ao

mesmo tempo àquele que se dignou ser pregado nela e nela morrer por nós?"

No tempo em que o Padre Vianney estava coberto de contradições, esteve a pique de dirigir ao seu bispo uma carta que o teria descarregado de uma parte dos seus aborrecimentos e lhes teria prevenido a volta. A carta estava escrita; quando lha apresentaram para assinar, ele rasgou-a dizendo: "É hoje sexta-feira, dia em que Nosso Senhor carregou a cruz; devo carregar a minha. Hoje, o cálice das humilhações é menos amargo".

## CAPITULO X

### COMO O CURA D'ARS FALAVA DOS SANTOS

O Padre Vianney falava com frequência dos santos; só falava deles com lágrimas. Ao ouvir as suas narrações cheias de drama, de minudências e de poesia tocante, ficava-se tentado de crer que ele conhecera aqueles bons santos, que vivera com eles na mais estreita intimidade. Sabia deles coisas completamente inéditas e que se julgavam ouvir pela primeira vez. Na vida dos servos de Deus, o lado lendário era o que lhe seduzia mais o coração. Ele tinha essa coragem da fé que não recua diante de coisa alguma que pode derrubar o orgulho da razão humana, a escandalizar os ímpios. "O sol, dizia ele, não se oculta com medo de incomodar as corujas".

O Cura d'Ars separava-se inteiramente daquela escola hagiográfica dos Baillet, dos Tillemonte e de outros, a que chamaram *desnichadores* de santos, e que punham uma glória estranha em limitar o poder de Deus, afastando o sobrenatural de quase todas as vidas onde lhes sucedia encontrá-lo; como se a própria santidade não fosse a resultante de todas as forças sobrenaturais postas em acção! Para ele, esse poder adorável, que brinca no universo e que está tantas vezes em Deus a serviço da bondade, nunca brilhava com brilho assaz vivo. O que havia de mais prodigioso e de mais contrário ao curso ordinário das coisas, era o que mais o encantava.

"Eu creio que se tivéssemos a fé, dizia ele, seríamos senhores das vontades de Deus; mantê-las-íamos acorrentadas, e ele nada nos recusaria". Depois não parava mais sobre o capítulo das condescendências divinas para com os santos; tinha mil histórias a contar, todas mais belas e mais maravilhosas umas que outras. Falava de um bem-aventurado que ardia no desejo de adorar, durante a noite, a Nosso Senhor no sacramento do seu amor: tinha só que se dirigir para uma igreja, as portas se abriam por si mesmas para deixá-lo entrar.

Outro santo, estando numa igreja, prostrado diante de uma imagem velada da SS. Virgem, tinha tanto desejo de considerar os traços da Mãe de

Deus, que o véu que cobria a imagem, afastando-se por si mesmo, deixou-lhe ver Nossa Senhora bela e sorridente.

Um santo encontrou um dia um pastorzinho que chorava sentidamente porque lhe acabava de morrer um dos carneiros. Movido de compaixão, chamou novamente o pobre animal à vida.

Havia uma vez um santo que comprara um campo, e quem lho vendera morreu logo depois; eis que em seguida lhe movem questão, a pretexto de que o campo não lhe pertencia, visto que não o pagara. Ele não se perturbou, pôs toda a sua confiança em Deus e respondeu aos que queriam inquietá-lo: "Dai-me três dias, e eu vos mostrarei uma testemunha". Passou esse tempo em orações e em jejuns, e no terceiro dia foi ao local onde estava enterrado aquele homem, juntou-lhe os ossos e disse-lhe: "Levanta-te, sai do túmulo e vem dar testemunho da verdade..." Então viu-se os ossos tomarem a forma humana, o morto reerguer-se e declarar perante todos os assistentes que aquele campo lhe fora bem e devidamente pago.

Havia um santo que queria construir um mosteiro, porém uma montanha o atrapalhava. Mandou a montanha recuar, e a montanha recuou cinquenta pés.

Persuadiam a outro que mandasse a um grande rochedo mudar de lugar. "E vos convertereis se eu o fizer?" diz ele. — Sim, converto-me". Ele mandou ao rochedo, e logo viram este desaparecer no ar.

Vede, acrescentava chorando o bom Cura, vede até onde Deus é bom para os que O amam! Faz milagres por um nada, quando é um amigo Seu que lhos pede. O homem manda como senhor ao bom Deus quando tem um coração puro; como aquela pequena santa Coleta; fazia tudo o que queria de Deus. Um dia, morrendo-lhe o superior, ela foi ao pé de um altar e disse a Nosso Senhor: "Restituí-me o meu superior! preciso dele para fundar tantos mosteiros". Nosso Senhor bem lho restituiu. Esse bom superior viveu ainda quinze anos".

S. Francisco de Paula soube um dia que lhe queriam matar os pais porque tinham achado um homem assassinado no jardim deles, e os acusavam de havê-lo morto. Então ele disse: "Senhor, fazei que eu esteja

junto deles amanhã!" À noite, um anjo transportou-o a quatrocentas léguas, à terra onde eles estavam. No dia seguinte, disse ele perante toda a gente: "Mandai trazer esse homem que foi morto". Trazem-no, e ele diz então: "Ordeno-te, em nome de Deus, que declares se foram meus pais que te mataram". E o homem se levanta e exclama diante de toda a gente: "Não, não foram teus pais". Então o santo diz ainda ao Senhor: "Fazei-me levar ao meu mosteiro". Durante a noite, o anjo o veio buscar e levou-o; fez ele assim oitocentas léguas. Deus não pode recusar nada a um coração puro.

S. Vicente Ferrer fazia tantos milagres que o seu superior, receando que ele encontrasse nisso uma cilada para a sua humildade, proibiu-o de exercer sem licença o poder que recebera de Deus. Um dia em que ele estava em adoração diante de Nosso Senhor, um operário que estava trabalhando na reparação da igreja caiu do alto de um andaime. O bom santo gritou-lhe: "Pare! Pare! Não tenho o poder de ressuscitá-lo". Depois foi a toda a pressa pedir ao superior a licença de que precisava; o superior abriu grandes olhos e não compreendeu nada da coisa, persuadido de que, em qualquer caso, a licença chegaria muito tarde. Qual não foi a sua surpresa quando, seguindo S. Vicente ao lugar do acidente, viu suspenso no ar o desditoso pedreiro que ele esperava ver jacente no pavimento. "Ide, diz ele ao santo; fazei então tudo o que quiserdes. Mesmo porque não há meio de impedir".

Estas histórias encontrarão talvez espíritos desdenhosos. Quanto a nós, confessamos de bom grado que elas nos edificavam e encantavam, que nos faziam rir e chorar. Elas tiravam uma sedução a mais da terna simplicidade com que aquele homem, que permanecera criança pelo coração, no-las contava, animando-se por graus, exaltando-se e enternecendo-se oportunamente. Nada nos parecia mais delicioso e mais atraente do que aquelas lágrimas tão frequentes, aqueles sorrisos de anjo, aquele ingénuo abandono a todas as impressões, aqueles brinquedos inocentes da alma que se expande no seio do Pai Celeste, de envolta com pensamentos tão altos, com hábitos de vida tão austeros, com sacrifícios tão penosos, com um apostolado tão laborioso. Num tempo em que a simplicidade morreu nos corações e tende a desaparecer das relações que ligam os homens, quem quer que conservou o senso cristão não poderia estudar, sem emoção e sem inveja, como foi que se revelou à alma daquele santo sacerdote a adorável palavra do Senhor: *Que é preciso nos tornarmos semelhantes a crianças.*

Jamais os trabalhos e os sofrimentos diminuían o vigor da conversação do Cura d'Ars, nem o obrigavam a abreviá-la. A sua alegria e benevolência pareciam ao contrário aumentar no meio das enfermidades da velhice. Este sombrio período foi suprimido nele, e substituído por uma frescura de imaginação e de sentimento que persistia sob os gelos da idade, como a eterna juventude da vida bem-aventurada. O Padre Vianney não conheceu essa tristeza que faz que a vida, declinando, se torne silenciosa, que tudo perca a cor, e a própria alma receba dessa sombra, que se estende sobre todas as coisas, um tom melancólico.

As palestras que tivemos com ele dois meses antes da sua morte lembraram-nos muitas vezes aquela palavra de uma mulher cuja memória é justamente célebre e venerada: "Que os últimos pensamentos de um coração cheio do amor de Deus se parecem com os últimos raios do sol, mais intensos e mais coloridos antes de desaparecer".

## ÍNDICE

- Pequeno prefácio do autor
- Parte I: O Cura d'Ars nos seus catecismos
  - Introdução
  - I. Catecismo sobre a salvação
  - II. Catecismo sobre o amor de Deus
  - III. Catecismo sobre as prerrogativas da alma pura
  - IV. Catecismo sobre o Espírito Santo
  - V. Catecismo sobre a Santíssima Virgem
  - VI. Catecismo sobre a santificação do domingo
  - VII. Catecismo sobre a palavra de Deus
  - VIII. Catecismo sobre a oração
  - IX. Catecismo sobre o sacerdote
  - X. Catecismo sobre o santo sacrifício da missa
  - XI. Catecismo sobre a presença real
  - XII. Catecismo sobre a comunhão
  - XIII. Catecismo sobre a comunhão frequente
  - XIV. Catecismo sobre o pecado
  - XV. Catecismo sobre o mesmo assunto
  - XVI. Catecismo sobre o orgulho
  - XVII. Catecismo sobre a impureza
  - XVIII. Catecismo sobre a confissão
  - XIX. Catecismo sobre a esperança
  - XX. Catecismo sobre as virtudes cardeais
  - XXI. Catecismo sobre o sofrimento
- Parte II: O Cura d'Ars nss suas homilias
  - Introdução
  - I. Homilia sobre a parábola do joio
  - II. Homilia sobre a parábola dos operários
  - III. Homilia sobre a parábola do bom Samaritano

IV. Homilia sobre o Evangelho do primeiro domingo da Quaresma

V. Homilia sobre o Evangelho do 21º domingo depois de Pentecostes

VI. Homilia sobre o último domingo do ano

o Parte III: O Cura d'Ars na sua conversão

I. Amáveis réplicas do Cura d'Ars

II. Fé do Cura d'Ars

III. Esperança do Cura d'Ars

IV. Caridade do Cura d'Ars

V. Zelo do Cura d'Ars

VI. Amor do Cura d'Ars aos pobres

VII. Humildade do Cura d'Ars

VIII. Pensamentos do Cura d'Ars sobre as alegrias da vida interior

IX. Pensamentos do Cura d'Ars sobre a abnegação e a morte a si mesmo

X. Como o Cura d'Ars falava dos santos